



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

CRISTIANO OLDONI

**PRÁTICAS DISCURSIVAS INTERSEMIÓTICAS:
DOS TÓPICOS SEMANTIZADORES À CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS
EM TEXTOS MULTIMODAIS DE GÊNEROS DIGITAIS**

Passo Fundo
Maio/2020

Cristiano Oldoni

**PRÁTICAS DISCURSIVAS INTERSEMIÓTICAS:
DOS TÓPICOS SEMANTIZADORES À CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS
EM TEXTOS MULTIMODAIS DE GÊNEROS DIGITAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a conclusão do Curso de Doutorado em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas.

Passo Fundo
Maio/2020

*Meus pais, há muito, sonharam esta tese comigo.
A eles.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Ernani Cesar de Freitas, pela atenção carinhosa, pelo estímulo constante, pelo “companheirismo acadêmico”, pelo esforço permanente em mostrar a mim o valor e o respeito pelo conhecimento, meu sincero agradecimento.

Aos meus pais, Ivo e Lúcia, pelo encorajamento e por acreditarem em minha capacidade, em qualquer tempo, até mesmo nos momentos em que a pus em dúvida.

Ao meu sobrinho Ariel e minha irmã Osandia, que cuidam de mim lá de cima e, certamente, sorriem comigo.

À Ariane, ao Luiz, à Analir e à Ana Laura, pois são momentos felizes da minha vida, em especial durante a realização deste trabalho.

À minha amiga Rita que, em essência, vibra a vida comigo.

Ao colega de Curso e de trabalho Fabiano Grazioli, por ser exemplo de determinação e disciplina.

Às professoras Fabiane Verardi, Ângela Paiva Dionísio, Luciana Crestani e Rosângela Hammes, pela gentileza e pela generosidade, quando avaliaram esta escrita.

Aos professores Miguel Rettenmaier da Silva, Luciana Maria Crestani, Cláudia Stumpf Toldo Oudeste, Fabiane Verardi e Ernani Cesar de Freitas, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF, pois deixaram bonitas marcas em minha caminhada.

À Karine Castoldi, pela atenção, pelo carinho e pelas recepções sempre gentis no PPGL. Obrigado, bela!

Aos colegas de Curso, pelas suas contribuições que potencializam a riqueza da convivência.

À Universidade de Passo Fundo, pela Bolsa a mim concedida.

E, especialmente, ao Marco, registro meu agradecimento, pois, nos últimos anos, foi paciência, estímulo e carinho para realização desta tese. A ele, minha gratidão.

RESUMO

As práticas discursivas e de linguagem contemporâneas têm proposto verdadeiros desafios para apreensão de sua globalidade de sentidos. Os gêneros discursivos, no mesmo movimento, permitem-se, cada vez mais, mestiçar, acolhendo as mais variadas formas de significação. Já não são mais apenas e exclusivamente as palavras que atribuem valor às práticas de interação social: um mundo de intensas multisssemioses exige que os sujeitos adaptem-se também a esse novo cenário e desenvolvam competências específicas, que permitam os encontros com tal mundo por meio de linguagens em associação e da leitura significativa. Por conta desse panorama, a multimodalidade discursiva é eleita tema desta pesquisa, e sua delimitação está vinculada com a leitura multimodal e a construção de sentidos. Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar a forma como engendramentos e associações semióticas articulam-se na construção de sentidos, promovendo a leitura multimodal da cena enunciativa de textos de gêneros digitais, em plataformas virtuais. Nossa tese pontua-se no fato de que os sentidos projetados por esses textos permitem-se construir com a identificação de traços e tramas que promovem a aproximação e o engendramento dos sistemas semióticos variados mobilizados na teia da constituição textual. Com a finalidade de melhor explorar esse processo, recorreremos a Petit (2008), Chartier (1994, 2013) e Santaella (2013), para discutirmos noções e conceitos vinculados à leitura, em especial, em rede; acerca dos gêneros discursivos, nossas bases voltam-se para as contribuições de Bakhtin (2011b), Faraco (2009), Marcuschi (2002) e Schneuwly (2007); já para tratarmos dos sentidos construídos por meio da leitura nos ambientes virtuais do ciberespaço, encontramos aval em Rojo (2012), Cope e Kalantzis (2000, 2008), Kress (2000), Lemke (2010), Coscarelli (2014) e Santaella (2013); por fim, para o mapeamento da cena enunciativa em que se dá a leitura ambientada na rede, consideramos as contribuições da Análise do Discurso proposta por Maingueneau (2008a, 2008b, 2010, 2015). Os *corpora* desta pesquisa estão relacionados a aplicativo de notícias, postagem da rede social Instagram e videoclipe de abertura de série da plataforma de *streaming* Netflix. A pesquisa possui abordagem qualitativa e é de natureza aplicada; quanto ao objetivo, o tipo enquadra-se como exploratório-descritivo; o procedimento técnico envolve pesquisa bibliográfica e documental. Este estudo aponta para a percepção da necessidade de sistematização das práticas de leitura em plataformas digitais, ancoradas em suportes virtuais.

Palavras-chave: Gêneros digitais, Plataformas virtuais, Multimodalidade discursiva, Leitura, Sentido.

ABSTRACT

Discursive and contemporary language practices have faced real challenges for apprehending their global meanings. In the same movement, discursive genres allow themselves to mix, embracing the most varied forms of meaning. So, not just and exclusively the words give value to social interaction practices: a world of intense multisemiosis (the ability to read social media genres) requires the subjects' adaptation to this new scenario and development of specific skills, which will help them connect with this world through languages association and meaningful reading. Discursive multimodality is chosen as the theme of this research due to this panorama. Furthermore, its delimitation is linked to multimodal reading and the construction of meanings. Moreover, our general objective is to analyze how semiotic engenderings and associations are articulated in the construction of meanings, promoting the multimodal reading of the enunciative scene when it comes to digital genres texts found on virtual platforms. Our thesis is based on the fact that the meanings are projected by these texts, allowing us to build the traits and plots identification, which promotes the approximation and engendering of the various semiotic systems localized in the constitution of the textual web. To explore this process better, we used Petit (2008), Chartier (1994, 2013) and Santaella (2013) to discuss notions and concepts related to reading, especially the one related to the web. So, when it comes to discursive genres, our bases are focused on the contributions of Bakhtin (2011b), Faraco (2009), Marcuschi (2002) and Schneuwly (2007). To deal with the construction of the meaning found on cyberspace reading located in virtual environments, we find support in Rojo (2012), Cope and Kalantzis (2000, 2008), Kress (2000), Lemke (2010), Coscarelli (2014) and Santaella (2013). Finally, for mapping the enunciative scene in which the reading takes place on the web, we consider the contributions of the Discourse Analysis proposed by Maingueneau (2008a, 2008b, 2010, 2015). The corpora of this research are related to the news application, posts from the social network called Instagram and the opening video clip of Netflix, the streaming platform. The research has a qualitative approach and applied nature, its objective is classified as exploratory-descriptive and the technical procedure involves bibliographic and documentary research. Thus, this study points to the need for systematizing reading practices on digital platforms, anchored on virtual supports.

Keywords: Digital genres, Virtual platforms, Discursive multimodality, Reading, Meaning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Perspectivas de análise do evento discursivo	86
Figura 2	Ethos e o mundo discursivo	93
Figura 3	Etapas do procedimento metodológico de análise de <i>corpus</i>	97
Figura 4	Captura da tela de configuração inicial do aplicativo UOL Notícias	100
Figura 5	Captura das telas de 2 a 5 de configuração inicial do aplicativo UOL Notícias	102
Figura 6	Captura da tela final de configuração do Aplicativo UOL Notícias	104
Figura 7	Sequência de telas de exploração do Aplicativo em análise	105
Figura 8	Dispositivo epistemológico para resgate de sentidos projetados por textos multimodais de gêneros veiculados em rede	110
Figura 9	Alusão ao videoclipe de abertura da série <i>Orange Is The New Black</i>	116
Figura 10	Captura da tela de acesso ao Instagram, via aplicativo de <i>smartphone</i>	126
Figura 11	Telas de configuração/sincronização do aplicativo Instagram	129
Figura 12	Captura de tela de busca pela <i>tag</i> “pretoebranco”, no Aplicativo Instagram	133
Figura 13	Publicações acompanhadas da <i>tag</i> “pretoebranco”, no Instagram	134
Figura 14	Postagem do Instagram envolvendo a <i>hashtag</i> #pretoebranco ...	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Tópicos semantizadores básicos dos processos do ato da leitura em rede	98
Quadro 2	Tópicos Semantizadores da Leitura do Aplicativo UOL Notícias	107
Quadro 3	Concepção sócio-histórica para o discurso multimodal em plataformas virtuais	109
Quadro 4	Tópicos semantizadores aplicados à cena multimodal do videoclipe de abertura da série <i>Orange Is The New Black</i>	122
Quadro 5	Tópicos semantizadores aplicados à cena multimodal de postagem da rede social Instagram	139

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. LEITURA: A PROPÓSITO DE ENCONTROS, RESGATES E COLABORAÇÃO PARTICIPATIVA	21
2.1. O ATO DE LER COMO ENGAJAMENTO E LIBERTAÇÃO	21
2.2. A RESPEITO DOS NOVOS LEITORES	29
2.2.1. O sujeito leitor na cibercultura: as faces plurais da prática leitora	35
3. AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DO DIZER: LINGUAGEM, INTERAÇÃO E SENTIDOS	46
3.1. GÊNEROS DISCURSIVOS E LINGUAGEM NA PRÁTICA COMUNICATIVA	46
3.2. GÊNEROS DIGITAIS E SENTIDOS NO CIBERESPAÇO	59
3.2.1. A prática discursiva intersemiótica	60
3.2.2. Multimodalidade e resgate de sentidos	63
3.2.3. Pluralidade e construção de sentidos na leitura em rede	69
3.2.4. A leitura na vez do multi: questões acerca do letramento digital	74
4. A CENA ENUNCIATIVA MULTIMODAL	80
4.1. O PLANO DO TEXTO NO FAZER DISCURSIVO	80
4.2. OS TÓPICOS SEMANTIZADORES E OS SENTIDOS DO TEXTO	95
4.2.1. Tópicos semantizadores básicos: a leitura e a hipermídia	97
4.2.2. Tópicos semantizadores aplicados	108
5. AS INTERSEMIOSES E A CONSTRUÇÃO TEXTUAL: LÍNGUA, SOM, IMAGEM E MOVIMENTO EM REDE	112
5.1. OS TÓPICOS SEMANTIZADORES APLICADOS À CENA DE LEITURA DO TEXTO VIDEOCLÍPE	113

5.2.	OS TÓPICOS SEMANTIZADORES APLICADOS À CENA DE LEITURA DO TEXTO POSTAGEM DE REDE SOCIAL	124
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
	REFERÊNCIAS	147

1. INTRODUÇÃO

Este texto nasceu para construir caminhos...

Caminhos que – o leitor perceberá – não constituem rotas labirínticas que, da abstração, chegam a conclusões, mas que, de convicções postas à reflexão, chegam à reconstrução de alguns saberes e a algumas propostas que, partindo de nossas inquietações, pretendem ser auxílio na sistematização de práticas de leitura específicas.

O itinerário desses caminhos não se desenhou demasiadamente prolixo: está mais para um curso suficientemente – esperamos – analítico e descritivo no entendimento dos mecanismos que, na alta modernidade, permitem o resgate de sentidos de textos multimodais projetados na rede planetária de computadores.

As práticas discursivas contemporâneas têm proposto verdadeiros desafios para apreensão de sua globalidade de sentidos. Os gêneros discursivos, possibilidades do dizer em um mundo em constantes e permanentes transformações e adaptações, no mesmo movimento, permitem-se, cada vez mais, mestiçar, hibridizar, acolhendo, em si, as mais variadas formas de significação. Já não são mais apenas e exclusivamente as palavras que atribuem valor às práticas de interação social: um mundo plural, de intensas multissemoses, exige, a cada instante, que os sujeitos adaptem-se também a esse novo cenário e desenvolvam competências específicas, multiletradas, que permitam o contato, os encontros com esse mesmo mundo por meio de linguagens em associação e da leitura significativa.

É de se imaginar que sistematizar esse complexo cenário poderia ser o trabalho de uma vida, já que se trata de panorama de constante mutação e apreensão da realidade em si. Justamente por isso, não temos essa pretensão! Entretanto, nesta tese, dedicamos esforços para, ainda que em caráter temporário, ressaltar algumas convicções e compreender as dinâmicas de construção de sentido de textos multimodais que se dão à leitura em rede: é esse o nosso recorte temático.

A alusão a convicções resgata, a um só tempo, minha trajetória profissional e minha caminhada acadêmica. Tenho trabalhado, nas últimas duas décadas, a serviço da educação: desde 1998, a prática da docência tem sido a forma que escolhi para contribuir com a construção de uma realidade mais vivível. Os primeiros passos foram com a docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em escola

da rede pública estadual – instituição em que atuo até hoje –, por meio da habilitação oferecida pelo Curso Normal. Esse trabalho permitiu-me conhecer detalhadamente a realidade da educação escolar, tendo passado por experiências tanto em Coordenação Pedagógica quanto em Direção de Escola. Já em 2003, quando concluí a graduação em Letras, já trabalhava com Língua Portuguesa e Produção Textual nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, agora nas redes pública e privada.

Conforme minha prática desenvolvia-se, a necessidade de atualização e aperfeiçoamento acompanhava o mesmo processo: por isso, deu-se a realização de minha especialização em “Leitura, análise, produção e reescritura textual”, concluída em 2005. Foi nesse mesmo ano que passei a vislumbrar um mundo que sempre pareceu impossível, inatingível para alguém de uma pequena cidade do interior: iniciei, como Aluno Especial, o Curso de Mestrado em Letras. Foi, entretanto, devido a imposições da vida, que somente em 2013 voltei ao Curso em caráter efetivo, tendo-o concluído em 2015. Esse novo mundo de conhecimentos descoberto permitiu-me perceber a realidade da educação linguística com outros olhos: a constituição do texto e do discurso, linha de pesquisa a que me afiliei na época, foi a oportunidade que tanto desejava para não somente aprimorar a prática da docência, mas também para que pudesse me reconhecer como estudioso, de fato, pesquisador que pode dar importante parcela de contribuição à educação, ao mundo, à ciência.

Minha dissertação, à época, voltou-se ao entendimento do funcionamento enunciativo-discursivo dos gêneros analógicos de natureza multimodal, por meio de sua ocorrência em livros didáticos. Seu título, “Textos e imagens em cena: o sentido nos gêneros multimodais”. Já era um prenúncio daquilo a que me dedicaria a partir de então. A multimodalidade discursiva encanta-me, por sua natureza e por seu estreito vínculo com os leitores da contemporaneidade, no âmbito escolar ou fora dele, e, por isso, durante a realização do Curso de Doutorado em Letras, iniciado em 2016, dediquei tempo, atenção e cuidado à análise desse fenômeno tão atual e adequado às novas realidades que integram mundo físico e virtual. Não por acaso minhas publicações tenham-se relacionado ao mundo dos sentidos projetados e resgatados a partir das multissemoses. Minha linha de pesquisa, desde então, está relacionada com “Leitura e formação do leitor”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

Com o desenvolvimento de minha prática profissional, tornou-se a mim claramente perceptível a necessidade de compreender ainda melhor esse leitor mestiço de vários mundos, diferentes culturas e múltiplas plataformas e, mais especificamente, apreender a imprescindibilidade de entender como, dessa hibridização contundente e permanente, sentidos podem ser resgatados a partir da multimodalidade discursiva construída em rede.

Embora percebamos, nos últimos anos, numerosos estudos voltados à caracterização desse novo leitor – ubíquo, como preferiria Santaella (2013) –, parece-nos ainda carente o campo de estudos relacionados aos sentidos construídos pelo sujeito da hipermídia durante o processo de leitura e sobre a natureza procedimental desse próprio ato.

Também tem despertado interesse de estudiosos e pesquisadores a construção de sentidos em textos de natureza intersemiótica, em que de planos de sentido variados, em harmonização, multiplicam significações e concepções de mundo. De fato, não somente a multimodalidade em si tem-se construído como disciplina, mas também e especialmente os multiletramentos, como prática pedagógica, demonstrando especial interesse em habilitar estudantes – enquanto sujeitos – para as práticas sociais que envolvem leitura e produção de textos multimodais. Basta, nesse sentido, atentar para os importantes estudos do *The New London Group* (2000), de Kress (2000), de Lemke (2010) e, em panorama nacional, para as contribuições de Rojo (2012), Coscarelli e Ribeiro (2014) e Dionísio (2011, 2014) – somente para citar alguns poucos.

Da mesma forma, as produções acadêmicas contemporâneas não têm deixado de abarcar e contribuir com o campo de conhecimento: um rápido e breve levantamento em bases de pesquisa como Scopus, Scholar (Google Acadêmico), Plataforma Sucupira ou o Catálogo de Dissertações e Teses da própria Capes pode demonstrar o volume de estudos vinculados a essas temáticas.

Entretanto, um levantamento da mesma natureza filtrando pesquisas que enlacen a noção de multimodalidade com estudos acerca de gêneros do discurso revela que tais pesquisas constam em número consideravelmente menor. Ainda mais limitados em número são os estudos quando averiguamos a noção de “multimodalidade discursiva” como palavra-chave de investigações científicas. Essa realidade revela que, embora a multimodalidade venha conquistando espaço na

academia, sua vinculação com a natureza ampla da concepção discursiva ainda requer um tratamento analítico mais pontual.

Já em nossos levantamentos mais estreitos, em plataformas como as acima citadas, buscando estudos que relacionassem a multimodalidade com a análise do discurso, os resultados encontrados foram poucos e, ainda mais raros, aqueles que associam os sentidos projetados na multimodalidade discursiva com a análise do discurso e com a cena de enunciação do discurso. Considerando que é esse o cenário que baliza nossos próprios estudos, encontramos aqui um favorável espaço de trabalho; além do mais, a pertinente interface entre multimodalidade discursiva e cena de enunciação do discurso, em seu ineditismo, converte-se em promissor campo de pesquisa, como demonstraremos nas reflexões e análises desta tese.

Assim, como primeiro passo de nossa atual empreitada, cabe pontuar nossa tese, que estimulou a realização desta pesquisa. Partimos do pressuposto de que os sentidos projetados em textos multimodais de gêneros digitais veiculados em plataformas digitais permitem-se construir com a identificação de traços e tramas que promovem a aproximação e o engendramento dos sistemas semióticos variados mobilizados na teia da constituição textual. A identificação e reconstrução exploratória dos “tópicos semantizadores” presentes na cena de leitura desses textos multimodais efetivam e garantem o resgate da globalidade dos sentidos projetados.

Como questão norteadora, levamos em consideração que no estabelecimento de uma cena de leitura multimodal, sofisticadas associações entre sistemas semióticos de diferentes naturezas favorecem a manifestação de determinados tópicos semantizadores, elementos aglutinadores de sentido, cuja identificação e análise promovem o resgate de sentidos projetados pelos textos de natureza intersemiótica.

De forma consequente, a questão norteadora da pesquisa empreendida por nós conduz ao objetivo geral do estudo, por meio do qual dedicamo-nos a analisar a forma como engendramentos e associações semióticas articulam-se na construção de sentidos, promovendo a leitura multimodal da cena enunciativa de textos multimodais de gêneros digitais, em plataformas virtuais.

É esse objetivo principal que permite o desdobramento da pesquisa em objetivos mais pontuais e específicos, vinculados com

- a) discutir noções contemporâneas relacionadas à leitura e ao sujeito leitor, em associação com as culturas construídas a partir de domínios digitais e virtuais;
- b) demonstrar a relevância dos “tópicos semantizadores” emergentes de sistemas semióticos de naturezas variadas, em atuação harmônica, na projeção e resgate de sentidos durante a leitura;
- c) vincular a noção de “tópicos semantizadores” ao conceito de cena enunciativa, para, dessa associação, construir possibilidades de resgate dos sentidos projetados por textos multimodais de gêneros digitais veiculados em rede;
- d) estruturar um modelo epistemológico (instrumento metodológico) para análise das associações semióticas estruturantes de gêneros intersemióticos, favorecendo a prática da leitura de textos dessa natureza;
- e) identificar os elementos centralizadores de sentido – tópicos semantizadores básicos – em cenas de leitura de plataformas virtuais e os nós de sentido – tópicos semantizadores aplicados – nas intersemioses constituintes da cena de enunciação de textos multimodais.

Para uma caracterização geral desta pesquisa, acompanhamos proposições metodológicas canônicas: a pesquisa proposta possui abordagem qualitativa e é de natureza aplicada, visando à produção de conhecimentos relacionados à situação de leitura em rede e à construção do sentido em textos multimodais de gêneros digitais a partir de sua vinculação aos conceitos de “cena de enunciação” e “cenografia”. Quanto ao objetivo da pesquisa, o tipo enquadra-se como exploratório-descritivo, buscando maior familiaridade com a temática delimitada com a finalidade de propor encaminhamentos e construir soluções apropriadas para a questão norteadora da pesquisa, caracterizando, desse modo, o fenômeno em foco. O procedimento técnico envolve pesquisa bibliográfica e documental, partindo de conhecimentos já produzidos e explorando materiais que não receberam tratamento analítico.

Com relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa pautou-se, primeiramente, na revisão da literatura, na definição de capítulos, na elaboração de fundamentação teórica, e na consequente proposição de dispositivo epistemológico para análise dos *corpora*, que foram coletados para análise específica posteriormente. A testagem desse aparelho metodológico deu-se na reconstrução da cena de leitura e resgate de sentidos projetados em textos multimodais de

gêneros veiculados em plataformas virtuais – trata-se de aplicativo de notícias para *smartphone*, videoclipe de abertura de série de plataforma de *streaming* e postagem de rede social. Tais corpora atribuíram diversidade temática e estrutural aos *corpora*.

A partir desses balizamentos estruturais e metodológicos, julgamos relevantes o resgate e a discussão de algumas noções bastante específicas, iniciando pela própria concepção de leitura, construída histórica e culturalmente. Esse balizamento é que nos inspira a um viés antropológico¹ para nossas considerações.

As complexidades do mundo atual têm exigido cada vez mais refinadas análises que vão desde a conjuntura social e econômica – em que ações de integrações globais estão cada vez mais em foco – até as práticas mais peculiares que possibilitam a construção de conhecimentos geradores de uma mais adequada apreensão das dinâmicas da vida cotidiana, como os diversificados usos da linguagem e a interação que acontece por meio dela. Entrar em contato com o mundo e com o outro, além de promover a interação, é tarefa que acontece com a mediação da leitura que, nesse sentido, adquire *status* prévio de dispositivo de produção de sentidos, possibilitando a mobilidade e a circulação entre possíveis lógicas, entendimentos e direções de interpretação projetadas com a própria leitura, construída a partir das condições, vivências e experiências do leitor.

A leitura representa, dessa forma, a possibilidade de encontros que estabelecem, entre o leitor e o mundo, uma íntima relação, especialmente em tempos em que todos buscam a construção de identidades próprias, experimentando novas referências com a transposição de supostos limites, em especial ao assumir os riscos que a atitude leitora pressupõe.

Assim, com especial inspiração em Petit (2008), Chartier (1994, 2013) e Santaella (2013), no primeiro capítulo desta escrita, intitulado “Leitura: a propósito de encontros, resgates e colaboração participativa”, propomos algumas reflexões na tentativa de compreendermos, sistematicamente, o panorama valorativo que se construiu em relação à leitura, com ênfase especial nos sujeitos envolvidos por ela em contextos digitais e virtuais que tecem a cibercultura.

Essas circunstâncias conduzem, conseqüentemente, a outra discussão, não menos relevante, vinculada à concretização das possibilidades do dizer, promotoras da interação, dos encontros por meio da leitura.

¹ Empregamos livremente a terminologia, aludindo de maneira geral à forma como as dinâmicas de leitura auxiliam na própria construção humana.

Nessa perspectiva, alcançar a compreensão e fomentar a análise das projeções concretas da linguagem na vida diária é tarefa que, embora pareça rotineira, envolve o domínio e a aplicação de determinados recursos e estratégias que pressupõem particulares visões conceituais de homem, linguagem e sociedade. As amplamente diversas atividades humanas que envolvem a interação social geram, desse modo, múltiplas possibilidades de concretização da língua, que se dá por meio de enunciados: procedimentos que exprimem sentimentos e pensamentos valendo-se de palavras e que variam de acordo com o campo da atividade humana a que estiverem relacionados. Se considerarmos essa uma noção preliminar, poderemos estender, inclusive, a ideia de expressão do pensar para outros planos de sentido que não o verbal, como o visual imagético e o sonoro.

Em nosso segundo capítulo, “As múltiplas possibilidades do dizer: linguagem, interação e sentidos”, levantaremos alguns parâmetros conceituais acerca dos gêneros discursivos, mecanismos necessários para a realização do ato de dizer e para a interação por meio da linguagem e nossas bases voltam-se para as contribuições de Bakhtin (2011b), Faraco (2009), Marcuschi (2002) e Schneuwly (2007).

Com o avanço de nosso caminhar, relacionamos os balizamentos apresentados com a prática da multimodalidade discursiva, terreno que recebe nossa atenção de forma bastante pontual e que tem base e íntima relação, como toda prática discursiva, com os gêneros do discurso. Nossas considerações voltam-se também, nesta etapa da escrita, para os sentidos que são construídos pelo sujeito leitor, por meio dos próprios gêneros discursivos, nos ambientes virtuais do ciberespaço. Para concretizar esses passos do trajeto, encontramos aval em Rojo (2012), Cope e Kalantzis (2000), Kress (2000), Lemke (2010), Coscarelli (2017), Dionísio (2011, 2014) e Santaella (2013).

Tais parâmetros vinculam-se a possibilidades de engajamento do sujeito à própria realidade, construída, inclusive, por meio da linguagem multimídia, e apontam para a necessidade de repensarmos de forma permanente as ações de mediação entre sujeito e linguagem e os mecanismos de associação intersemiótica na projeção de sentidos.

Sobre a multimodalização que concretiza o discurso por meio da hipermídia – linguagem que associa multimídias no ciberespaço –, torna-se necessário que sejam impressas escolhas para o foco científico de análise, a fim de garantir que o

delineamento desejado não resida apenas no conhecimento empírico. Nesse processo, então, lançamos a proposta de que se considere, para o mapeamento da situação em que se dá a leitura ambientada na rede, sua cena enunciativa, explorada a partir da Análise do Discurso proposta por Dominique Maingueneau (2008a, 2008b, 2010, 2015b). A isso se volta “A cena enunciativa multimodal”, o terceiro capítulo deste estudo.

Tratar dos engendramentos de planos semióticos de naturezas diversas na projeção e na produção de sentidos nos textos de gêneros digitais pressupõe, a partir de uma competência discursiva, o domínio de mecanismos que contribuem para o entendimento global de determinado evento discursivo. Um desses artifícios que se demonstra bastante promissor e produtivo é a pertinente vinculação de noções de leitura, intersubjetividade da linguagem, materialização da virtualidade da língua e manifestações intersemióticas com o conceito de “cena de enunciação” e “cenografia”, relacionadas à análise do discurso.

Desse modo, nessa etapa da caminhada é que chegamos a um ponto nevrálgico do estudo: é por meio da reconstrução exploratória da cenografia e da projeção do ethos discursivo que se pode identificar o que proporemos nomear como “tópicos semantizadores” da cena de leitura multimodal.

A partir de alguns de nossos trabalhos anteriores (2015, 2016, 2018), a noção de tópicos semantizadores demonstrou-se suficientemente produtiva, quando se trata de uma análise global que visa ao resgate de sentidos projetados pelos textos de natureza intersemiótica.

Como efetivadores da leitura em cenário digital, os tópicos semantizadores funcionam como elementos concretos de realização da própria leitura. Uma vez que os consideramos pontos nodais suscitados no ato e na efetivação da leitura e como construtores do sentido geral do texto, são:

- a) pistas para apreensão do processo de ler em si, o que consideramos tópicos semantizadores básicos (da leitura em rede); e
- b) sinais e indicações dos sentidos da globalidade material e discursiva de textos representativos dos discursos mobilizados em rede: são os tópicos semantizadores aplicados (à multimodalidade discursiva digital).

E à aplicação prática desses pressupostos é que se volta nosso quarto e último capítulo, identificado pelo título “As intersemioses e a construção textual: língua, som, imagem e movimento em rede”. Com a análise de *corpora*,

viabilizamos a demonstração da real influência dos tópicos semantizadores na efetivação da leitura: durante uma sessão de leitura em um aplicativo para *smartphone* que divulga notícias de naturezas variadas, por exemplo, está implicada, além do manuseio das sofisticadas tecnologias da internet e dos próprios aparelhos, a capacidade de mobilização de recursos individuais que permitam ao leitor a percepção da cena de leitura em rede que se instaura. Na composição dessa cena é que a interferência dos tópicos semantizadores acontece: apenas para uma ilustração inicial, pensemos na relevância que tem a “amigabilidade das interfaces” – como tópico semantizador básico – no contato, no encontro e no resgate de sentidos durante a leitura, afinal são elas, as interfaces, as responsáveis pela intermediação entre o sujeito e a superabundância de conteúdo construído em rede.

Os *corpora* dessa pesquisa envolvem, ainda, outras plataformas e gêneros discursivos que, em sua análise, permitem-nos consolidar um mapeamento dos atos de leitura efetivada na rede mundial de computadores e dos sentidos projetados pelas intersemioses dos textos acolhidos pelas plataformas da própria rede. Nesse âmbito, justifica-se a proposição de dispositivo epistemológico de análise da realidade, como procedimento metodológico útil para exploração dos *corpora* e como sugestão de prática efetiva de leitura.

Levantados os tópicos semantizadores básicos da leitura em ambientes virtuais, mapeamos também os tópicos semantizadores aplicados à leitura da multimodalidade em ambientes virtuais, consolidando nossas premissas de estabelecimento de “cenas de leitura” a partir de plataformas digitais. Para esse estágio, foram selecionados dois *corpora* distintos, embora de mesma natureza: a veiculação na rede virtual de conexão global. Primeiramente, por meio de seus tópicos semantizadores, estabelecemos a cena de leitura do videoclipe de abertura da série *Orange Is The New Black*, da plataforma de *streaming* Netflix. Posteriormente, nossos esforços voltam-se à leitura da cena enunciativa multimodal de uma postagem da rede social Instagram, colocando em interface seus tópicos semantizadores básicos e aplicados.

Com base na análise dos *corpora* e mediante o referencial teórico selecionado, validamos, ainda, a efetiva produtividade do modelo epistemológico (instrumento metodológico analítico-interpretativo) proposto para leitura de textos multimodais de gêneros digitais.

Estamos traçando caminhos... E esses caminhos conduzem-nos à percepção da necessidade de sistematização das práticas de leitura em plataformas digitais, ancoradas em suportes virtuais. É necessário sistematizar, porque vivemos momentos urgentes que exigem melhor compreensão e melhor entendimento das dinâmicas que nos convertem em sujeitos de práticas sociais em rede, cada vez mais preocupados em encontrar nosso espaço e nosso lugar em um mundo instável, permanentemente mutável.

É bem possível, então, que esses caminhos que traçamos sejam na busca de encontrar outros caminhos, que nos tornem mais completos. É bem possível, também, que o próprio ato de ler seja um desses caminhos na busca de construções pessoais e coletivas.

2. LEITURA: A PROPÓSITO DE ENCONTROS, RESGATES E COLABORAÇÃO PARTICIPATIVA

As complexidades do mundo contemporâneo têm exigido cada vez mais refinadas análises não somente da conjuntura social e econômica, em que ações de integrações globais estão cada vez mais em foco, mas também das mais particulares práticas que visam a promover conhecimentos que permitam uma mais adequada apreensão das dinâmicas da vida cotidiana, como os diversificados usos da linguagem.

Nesse âmbito, é adequado considerar que as amplamente variadas manifestações e representações das experiências humanas são tão relevantes quanto a capacidade de interação por meio de diversificadas linguagens. Entrar em contato e promover a interação são tarefas que acontecem com a mediação da leitura que, nesse sentido, adquire *status* prévio de dispositivo de produção de sentidos, possibilitando a mobilidade e a circulação entre possíveis lógicas, entendimentos e direções de interpretação projetadas com a própria leitura, construída a partir das condições, vivências e experiências do leitor.

Alcançado o propósito de produção de sentido, a leitura representa a possibilidade de estabelecer entre o leitor e o mundo uma íntima relação, especialmente em tempos em que todos buscam a construção de identidades próprias, experimentando novas referências com a transposição de supostos limites, em especial ao assumir os riscos que a atitude leitora pressupõe.

Neste capítulo, com especial inspiração em Petit (2008), Chartier (1994, 2013) e Santaella (2013), propomos algumas reflexões para compreendermos, sistematicamente, o panorama valorativo que se construiu em relação à leitura, com ênfase especial nos sujeitos envolvidos por ela.

2.1 O ATO DE LER COMO ENGAJAMENTO E LIBERTAÇÃO

[Ou a leitura como prática de interação e proposição de vínculos consigo mesmo e com o mundo]

Em uma época de conectividade permanente, de movimento entre diversas possibilidades de interação com a realidade, caracterizada profundamente pela imersão em ambientes digitais, a prática de uma leitura de efetiva produção e

resgate de sentidos representa importante contribuição para a construção da identidade do sujeito que – entre múltiplos nós, infindáveis intersemioses e crescentes exigências – pode facilmente deixar de perceber seu papel na construção colaborativa do mundo exterior.

A respeito desse possível distanciamento entre o sujeito – especialmente o jovem – e a representação de si próprio em grupos de inserção social viabilizada pela linguagem, vale que resgatemos a problematização proposta por Petit (2008, p. 16-17):

Nas sociedades tradicionais, [...] os jovens reproduziam, na maior parte do tempo, a vida de seus pais. As mudanças demográficas, a urbanização, a expansão do trabalho assalariado, a emancipação das mulheres, a reestruturação das famílias, a globalização da economia, as evoluções tecnológicas etc., evidentemente desordenaram tudo isso. Perderam-se muitas referências que, até então, davam sentido à vida. Acredito que uma grande parte dessa preocupação venha da impressão da perda de controle, do medo diante do desconhecido. A juventude simboliza este mundo novo que não controlamos e cujos contornos não conhecemos bem. E a leitura, em meio a tudo isso? [...] Nesta era do visual, alguns a consideram algo supérfluo, como um acessório de teatro que não se usa mais. Já observaram que, de vinte anos para cá, a proporção de leitores entre os jovens diminuiu, quando se poderia esperar que aumentasse devido à maior escolarização. Segundo esses, a causa seria a seguinte: aos livros, os jovens preferem o cinema ou a televisão, que identificam com a modernidade, a rapidez e a facilidade; ou preferem a música, o esporte, que são prazeres compartilhados. O livro estaria ultrapassado, de nada adiantaria chorar diante disso.

No entanto, a análise por um viés alternativo também é viável. A criticidade e a emancipação – a um tempo componentes e resultados da atitude leitora, na contemporaneidade – desempenham indispensável gatilho para a fomentação do sentimento de pertença a vários grupos de interação, especialmente aqueles mediados pela conexão em rede e pela hipermídia. Não se trata de imaginar ou pretender, ingenuamente, que a leitura representaria um mecanismo automático de conversão do sujeito em um cidadão de inquestionáveis virtudes e exemplar engajamento social: trata-se, isso sim, de permitir que se pense o mundo por inéditos vieses, em detrimento da perpetuação das dinâmicas de marginalização, das conclusões parciais e da ação precoce e irrefletida.

E se as questões de natureza social revelam um mundo de ininterruptas mudanças, é a própria juventude quem representa essas novas configurações, sobre as quais ainda não conhecemos bem os delineamentos. É na apropriação, nos novos prismas de resgate de sentidos, na ressignificação e na incorporação de

sempre novos fragmentos de si próprios e suas experiências nos textos que os sujeitos têm a possibilidade de participar colaborativamente da construção de vida em sociedade. Assim, mesmo que nem todos os leitores tornem-se efetivos escritores, é assegurada, em última instância, a autoria das próprias vivências.

Isso leva a uma perspectiva quase paradoxal: por um lado, nossa sociedade – para que se possa arquitetar um mundo de maior criticidade, engajamento e participação – depende da formação e autonomia do jovem e, por outro, esse mesmo jovem não tem sido estimulado a apreender os âmbitos mais profundos da leitura e, em tempos de inquietações e incertezas, é impossível termos a garantia de que o jovem conecte-se efetivamente ao mundo que o rodeia sem uma relação íntima e competente com essa dinâmica de interação. É desse panorama que surge outra preocupação: o excessivo e desordenado fornecimento de meras informações – especialmente nos processos potencializadores da autoria, na cultura digital – cria a enganosa impressão de que a leitura autônoma é dispensável para o jovem e, a partir disso, deixa-se de perceber que “Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal”. (PETIT, 2008, p. 43).

Assim, é vital que superemos não somente alguns estereótipos tradicionais construídos para a leitura, mas também a concepção puramente instrumental que, historicamente, atribuímos a ela. Ora, se o ato de ler é percebido desvinculado de sua função social – construída, hoje, especialmente na cibercultura –, chegamos ao fado de perpetuar uma noção simplista de decodificação pura ou, então, uma concepção de instrumento de acesso à cultura já produzida, do outro, à qual não se pode agregar, da qual não se pode participar ou interferir ativamente.

É necessário, enfim, que sejam ultrapassadas a técnica e a tecnologia da decifração para que se torne possível construir relações com o mundo e com o outro, ampliar significados e promover novos saberes: as bruscas e rápidas mudanças sociais da contemporaneidade podem, por um lado, dar a impressão da perda de controle, de impotência diante do desconhecido, e, por outro, a leitura representa a preparação do indivíduo para possíveis demandas e processos que o marginalizariam em uma sociedade de preconceitos velados. Temos, assim, na leitura, a possibilidade de construção de um real mensageiro para a produção de sentidos. Se em tempos passados a leitura não alcançava *status* de processo de libertação – visto que eram, por exemplo, instrumentos de dominação política, social

e religiosa –, atualmente vivemos uma realidade diferente, em um mundo de permanentes evoluções e transformações, no qual o futuro torna-se uma prospecção quase que intangível. Nesse panorama, a leitura de imersão, crítica e autônoma, adquire seu fundamental papel de construção do sujeito integrado ao seu meio, e o ciberespaço é o novo cenário de ambientação dessa dinâmica.

É graças às plataformas digitais e ao texto conectado em rede que a leitura tem se firmado como grande aliada do entendimento das dinâmicas interpessoais, como mensageiro de novas e múltiplas realidades, como nexos das próprias representações simbólicas de interação social. Michèle Petit (2008, p. 19, grifo nosso) pontua que

[...] a juventude continua sendo [...] o período da vida em que a atividade de leitura é mais intensa. E para além das grandes pesquisas estatísticas, ao escutarmos esses jovens falarem, compreendemos que a leitura de livros tem para eles algumas vantagens específicas que a distingue de outras formas de lazer. Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. **A encontrar um sentido.** A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro.

Além de dispositivo de construção de sentidos, o ato de ler é provocação à reflexão social, é possibilidade de encontrar sentidos para a própria vida e representa um indispensável encorajamento ao pensar. Assim, conquista espaço cada vez mais diferenciado uma leitura cunhada pelo espírito da coletividade e da conectividade realizáveis no hipertexto que, com construções infinitas, possibilita que o ato de ler torne-se, simbolicamente, também infindável.

Não se pode deixar de observar também a importante dinâmica de trato com a intimidade e a construção de si que é promovida por meio da leitura. Especialmente entre os jovens – para mantermos uma discussão alinhada com os pressupostos discutidos até então –, as tensões geradas na busca da autoconstrução, os conflitos – amplamente potencializados – que acompanham vivências sempre inéditas, o desconforto de, momentaneamente, não mapear seu espaço no mundo, a angústia de conceber relações sempre mais exigentes e complexas, a ânsia de descobrir e compreender os mais peculiares propósitos de vida e tantas outras impressões e percepções que representam a intimidade tornam-se mais palpáveis com o auxílio da leitura, convertem-se em aspectos vivíveis, ainda que desafiadores: a realidade,

reconcebida a partir desses tantos filtros, transforma-se em um mundo único, que o sujeito é capaz de interpretar e, de acordo com suas próprias expectativas e interesses, manejar, percorrer e reconstruir por meio do ato de ler.

Nesse espaço, o leitor passa a perceber em si o próprio potencial de conexão e interação com a vida com mediação do texto, em ambientações que pareçam, até então, de difícil – muitas vezes, impossível – manipulação e controle. A construção desse espaço íntimo não é quimera, não é disfarce, não é devaneio: trata-se da descoberta de novas possibilidades para posicionamento diante do que a realidade apresenta e, assim, imposições convertem-se em questionamentos e da sombria passividade passa-se à agência participativa. Aí, talvez, possa ser encontrada outra forma de felicidade!

Construir significados e sentidos para o próprio leitor, para as reconfigurações do mundo, para as conexões, para a vida em rede é, dessa forma, uma das mais memoráveis reparações consequentes do encontro com a leitura. É esse encontro que possibilita ao sujeito a condição de agente da própria vida. Os variados materiais de leitura – extremamente potencializados na cibercultura – são bases e balizadores para que se possa, de certa forma, manusear os conteúdos da vida diária, aceitando-os, questionando-os, contestando-os. Tal agência² do sujeito diante do texto é o que caracteriza o processo de leitura como processo vivo e dialógico³, seja qual for a atitude diante do material lido, possibilitando uma melhor compreensão de si, do outro, do mundo.

É interessante, ainda, observar que tal construção de sentidos e significados – que permite um tratamento mais refinado da vida diária, promovendo, em última instância, a agência do sujeito – é resultado de um prisma por meio do qual se percebe o mundo. Essa lente, paulatina e permanentemente construída, é uma verdadeira trama de fragmentos de vivências, crenças, relações com que se ama, com que se desama, vitórias, decepções, cicatrizes, conclusões aleatórias ocasionadas pela observação, leituras prévias, antigos filmes ou músicas absolutamente atuais que permitem que se interprete e reconheça como um objeto de valor o material de leitura com que se tem contato – daí, mais uma vez, nossa

² Acompanhando Rojo (2012, p. 9), utilizamos a noção de “agência” para aludir ao fato de que os letramentos críticos e múltiplos exigem determinados posicionamentos por parte do leitor.

³ No capítulo seguinte, voltaremos a essa discussão.

convicção de que essa emoção ou esse abalo promovido pela leitura é um verdadeiro encontro, consigo mesmo, com o outro, com o mundo, com a vida.

Assim, encontros e diálogos com textos, a partir de um enfoque de redimensionamento e reconstrução pessoal, colocam o leitor em uma dimensão de apropriação, em que trajetórias singulares se dispõem a deslocamentos, a partir de cada experiência, que se torna única a partir do ato de ler. O encontro com a leitura, a partir dessa concepção, representa uma oportunidade de mudar, alterar os rumos de uma vida e reorganizar pontos de vista, que assumem papel central para ver o mundo: se essa premissa poderia ser considerada impensável antes de sólidas ações de leitura – independentemente do suporte de veiculação e da plataforma de divulgação –, podem ser consideradas, a partir de então, catalizadores de uma nova agência, permeada por essa nova vivência, resultado e gatilho de novas construções.

Um dos efeitos dessa dinâmica é a experimentação de um verdadeiro sentimento de pertença, de uma condição de nova humanidade, de atualização de qualquer tempo, de proximidade com o outro que, simultaneamente, constrói-se a partir dos mesmos movimentos. Essa atividade, inserida em plurais contextos de interação, amplifica-se enormemente em ambientes virtuais, de sempre novas ligações e nexos, construídos e marcados definitivamente pelos fragmentos que são contribuição de cada sujeito que se converte em propulsor da cibercultura.

A leitura é, logo, um dos principais instrumentos capazes de permitir o movimento entre a construção da intimidade e o acesso às variadas formas de sociabilidade, principalmente para aquelas pessoas ainda distanciadas das pluriculturas difundidas e consolidadas pela conexão em rede⁴. Torna-se, então, possibilidade de construção da cidadania, ofertando ao leitor a participação ativa em diferentes dimensões sociais. Tal envolvimento não acontece à revelia dos próprios ditos. É necessário vincular esse processo de desenvolvimento do leitor com sua imersão em uma sociedade multiconectada. Para isso,

[...] deve-se considerar o conjunto dos condicionamentos que derivam das formas particulares nas quais o texto é posto diante do olhar, da leitura e da audição, ou das competências, convenções, códigos próprios à comunidade a qual pertence cada espectador ou cada leitor singular. A grande questão,

⁴ De acordo com dados levantados pelo IBGE, cerca de 30% dos brasileiros ainda não têm acesso contínuo à internet, veículo de acesso e construção da cultura em rede – dados de 2018. Disponível em: <<https://tecnologia.ig.com.br/2018-04-27/acesso-a-internet.html>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

quando nos interessamos pela história da produção dos significados, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas. (CHARTIER, 1994, p. 19).

É possível, então, considerar que a leitura é vital não somente na construção da identidade e da subjetividade, mas também na efetivação das práticas intersubjetivas: da reordenação de um universo simbólico particular – e, em essência, linguístico – passa-se ao deslocamento em direção à interação, à troca, à colaboração na projeção e produção de novos sentidos. Mais uma vez, aqui, convidamos Petit (2008, p. 43) a participar de nossas reflexões, especialmente por considerar que

[...] ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

As condições específicas por meio das quais se dá o contato com o texto – tomado, aqui, em ampla concepção – são determinantes quando se estima a correlação entre a projeção de sentidos – aquela pretendida na produção do texto, relacionada diretamente com a intencionalidade do autor – e a seu concreto resgate, que se efetiva condicionado aos balizamentos referenciais e contextuais do leitor.

Aludindo à projeção e ao resgate dos sentidos, surge um aspecto já tradicional: a leitura dá acesso ao conhecimento. O conhecimento, por sua vez, é o que proporciona apoio para a constituição de determinado patrimônio cultural, que sugere, hipoteticamente, maiores possibilidades de sucesso pessoal e profissional. É nessa perspectiva que emerge a grande importância das bibliotecas e do estímulo à leitura na escola, como espécies de guardiãs do acervo de conhecimentos produzidos pela humanidade. A transgressão, aqui, tem como referência o fato de que, desenvolvida a competência da leitura, ela passa a acontecer de forma espontânea, não-obrigatória, como caminho que conduz ao conhecimento necessário à vida diária.

A leitura como busca do conhecimento não tem apenas finalidades sociais, profissionais, pragmáticas, mas adquire também valor simbólico na construção da dignidade e liberdade humanas, em que o ato de ler representa uma participação efetiva no mundo, compreendendo-o e compreendendo-se como parte dele.

Dessa forma, a prática leitora configura-se como um processo híbrido da mobilização de competências linguísticas e a atitude de compreender o mundo que rodeia o sujeito. O processo em si implica, então, uma ampla leitura de mundo, em que linguagem, língua e realidade prendem-se dinamicamente.

Retomamos para ênfase: o ato de ler não pode ser compreendido apenas como instrumento de decodificação de símbolos, mas uma vereda para a autoconstrução, para a contemplação do conhecimento, de vivências e para configurar os próprios anseios, vontades e aspirações, humana e socialmente situadas, representando um espaço de expansão do imaginário, do repertório de identificações possíveis, de leituras diferenciadas do próprio mundo. Em sua totalidade simbólica, significa um dar-se conta de que existem muitas pessoas só a um só tempo, em diversos lugares, em busca de construir-se, consolidar-se como seres únicos no mundo, a partir do momento em que se encontram palavras, formas de contar a realidade e contar-se, por meio dos sentidos construídos com os possíveis encontros com o texto.

Assumindo esse papel representativo e simbólico tão demarcado, pode parecer que a leitura deve ser frequente, habitual, entretanto, Petit (2008, p. 77) lembra que

[...] há todo um aspecto qualitativo da leitura que é esquecido com o hábito de avaliar esta atividade unicamente a partir de indicadores numéricos. É possível ser um “leitor pouco ativo” em termos estatísticos, e ter conhecido a experiência da leitura em toda a sua extensão – quero dizer, ter tido acesso a diferentes registros, e ter encontrado, particularmente, em um texto escrito, palavras que o transformaram, algumas vezes muito tempo depois de tê-las lido.

As transformações consequentes da leitura abrem portas, permitem vislumbrar novas possibilidades, criar um distanciamento crítico e acontece no ritmo de cada um, mostrando-se como um ato íntimo, ainda que social, auxiliando na desvinculação do tempo dos outros, ao qual temos a impressão de estarmos sempre ligados, principalmente quando tratamos do ler na escola. Essas transformações pessoais envolvem um aspecto bastante delicado. Primeiramente porque o encontro do sujeito com o livro pode ser amedrontador, já que a prática da leitura coloca em risco a relação com os valores do grupo de pertencimento, questiona o modo de existir vinculado a apenas um grupo, comunidade, representando possíveis novos vínculos sociais, o que é, por natureza, inquietador. É um medo intrínseco daqueles

que ainda não descobriram na leitura o acesso ao conhecimento, ao autoconhecimento e às possibilidades de mudança social e desenvolvimento pessoal. É uma forma distinta de medo, um receio de que a opção pelo universo das práticas sociais envolvidas nos processos de leitura e escrita seja entendida como deslealdade com os próprios companheiros, ao próprio estilo de vida, ao qual até então se era adepto e integrante. Poder-se-ia dar a entender que essa sistemática, à qual os seus companheiros ainda são ligados, já não tem mais a força e não é mais suficiente para o projeto de vida do novo leitor.

Se considerarmos vencido esse primeiro obstáculo da possível desvinculação na busca do conhecimento, chegamos a uma segunda barreira emergente da experiência com a leitura e do próprio amadurecimento do leitor: ela pode, por si só, despertar ainda outro temor, o da interioridade. O que cada um pode descobrir, reconstruir a respeito de si próprio depois de ler e reconfigurar seu universo? Surge, então, a preocupação de que o ato de ler coloque o leitor frente a frente consigo mesmo, reflita sobre a própria identidade e suas singularidades.

Se até então propusemos algumas reflexões na busca da construção de um breve panorama valorativo dos encontros possíveis graças à leitura, na seção a seguir direcionaremos essas noções a aspectos contemporâneos, uma vez que – e isso é indiscutível – a cibercultura tem encorajado o despertar de novas características e competências do leitor.

2.2 A RESPEITO DOS NOVOS LEITORES

[Ou a leitura como dinâmica de encontro e participação ativa nas redes]

É a partir desse panorama que se torna pertinente a reafirmação da inflexível liberdade do leitor, agente por natureza, construído pela leitura, que ao ler, clicar, seguir *links*, curtir, comentar, e compartilhar – ou “redistribuir”, como prefeririam Rojo e Barbosa (2015) –, reescreve o escrito, altera e reconstrói seus sentidos, reposiciona peças da construção uma realidade firmada na cibercultura. O encontro com o mundo por meio da leitura é, com toda ênfase, possibilidade da interação que promove a autoconstrução no resgate de sentidos construídos colaborativamente.

Nessa perspectiva, Petit (2008, p. 32) insiste que “é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro” com a leitura. Aceitando esse

pressuposto, direcionamo-nos, conseqüentemente, às linguagens do ciberespaço e ao contato com a cibercultura, meio em que – devido à sua extrema multiplicidade – os variados materiais de leitura oferecem suportes, bases para que possamos, de certa forma, manusear os conteúdos da vida diária, aceitando-os, questionando-os e, agora, graças ao direito à fala outorgado a todos pela conexão instantânea, contestando-os. A leitura e a interação no ciberespaço são, assim, privilegiados instrumentos capazes de permitir e potencializar o acesso às variadas formas de sociabilidade, possibilitando, inclusive, a construção da cidadania e a participação ativa em diferentes dimensões sociais – veja-se, por exemplo, o poder de influência de redes sociais para manifestações de cunho sociopolítico, na contemporaneidade.

A partir desse prisma, colaboração ativa na construção da cibercultura não tem apenas finalidades pragmáticas, mas adquire também valor simbólico na construção da dignidade e liberdade humanas, em que o ato de ler representa uma participação efetiva no mundo, compreendendo-o e compreendendo-se como parte de um ecossistema de variadas subculturas.

Vale que enfatizemos: a prática leitora configura-se – e, nesse panorama, não haveria outra forma de concebê-la – como um processo híbrido de esforço para compreender o mundo que rodeia o sujeito e mobilização de competências semióticas variadas com a finalidade de construir sentidos para os textos que, cada vez mais, crescem em oferta na rede.

O fenômeno da superabundância textual previsto por Chartier (2013) tem encontrado absoluto respaldo na contemporaneidade, em especial quando o observamos a partir do ciberespaço. Se há não muito tempo era pertinente a discussão relacionada ao proveito e aos benefícios da grande quantidade de livros à disposição do leitor – processo facilitado historicamente –, é adequado que, agora, coloque-se também em pauta o questionamento a respeito das vantagens da superoferta de textos, essencialmente multimodais, que ocorre graças à expansão permanente dos ambientes das teias digitais.

Vive-se, aliás, não somente o momento da superoferta, mas também um período fértil de intensa procura, resultado da busca intencional – mas nem sempre direcionada – e constante por esses documentos. Entretanto, a lógica inversa também é absolutamente válida: o texto, em tempos de redes de interação e conexão incessante, busca o leitor. Talvez até com maior frequência! É o presente de que todos somos testemunhas. Transformamo-nos em verdadeiros exemplos da

quantidade de textos chegam até nós, sem busca e sem convite, por meio de extremamente variados mecanismos como redes sociais, e-mails, aplicativos de bate-papo e de informação que, uma vez configurados, alimentam-nos e abastecem nossos dias com as mais variadas opções de leitura, não raramente convertidas em verdadeiros encontros com o mundo.

A partir desse panorama, tornam-se verdadeiramente oportunos os questionamentos relacionados aos métodos e propostas de efetivação da leitura que se consolida a partir da ampla oferta e do contínuo acesso. Chartier (2013, p. 204-205) auxilia nessa reflexão:

A leitura em frente à tela é geralmente uma leitura descontinuada, que procura, a partir de palavras-chaves ou rubricas temáticas, o fragmento que se quer apreender: um artigo num periódico eletrônico, uma passagem num livro, uma informação num *site*, sem que, necessariamente, deva ser conhecida, na sua identidade e na sua coerência, a totalidade textual do fragmento extraído. Em certo sentido, pode-se dizer que no mundo digital todas as entidades textuais são como bancos de dados que oferecem unidades cuja leitura não supõe, de nenhuma maneira, a percepção global da obra ou do *corpus* de onde provêm.

Vem à pauta, a partir dessa proposição, a noção de integralidade ou totalidade de uma obra, o que, a partir do pressuposto da não-linearidade dos textos em rede, torna-se difícil conceber, ou mesmo considerar indispensável, afinal, em um universo ciber, a continuidade textual acontece na sobreposição de fragmentos, em que gêneros não são diferenciados pela sua inscrição linear material, como se construía em épocas de reinado das plataformas analógicas. Nesse espaço de mudança e adaptação, “[...] a desordem do leitor contemporâneo deve transformar não somente as categorias intelectuais que mobiliza para descrever, hierarquizar e classificar o mundo [...] dos escritos, mas também as suas percepções, os seus hábitos e os seus gestos mais imediatos”. (CHARTIER, 2013, p. 205-206).

Se inéditas categorias intelectuais precisam ser mobilizadas no resgate de sentidos durante a leitura no hipertexto, é válido que se leve em consideração, então, os critérios que mobilizam o leitor a aceitar o texto digital em plataforma virtual. De forma prévia, poderíamos considerar que esses fatores aludem aos vínculos e conexões abertas para construção da argumentação e do pensamento, o que é possível, *a priori*, graças às relações hipertextuais. Nesse âmbito, não se pode deixar de considerar outros dois fatores que carregam consigo grande responsabilidade na adesão do leitor aos textos das plataformas que aqui são

discutidas. Trata-se da dinamicidade intersemiótica e da amigabilidade das interfaces.

Quanto à dinamicidade intersemiótica⁵, torna-se critério relevante especialmente pela necessidade do movimento, de associações e da novidade em uma realidade balizada pela premissa de que, talvez, somente o texto verbal não seja suficiente para cativar o leitor inserido em um universo plural, pautado não somente pelo deslocamento entre as realidades física e virtual, mas também pelo fato de que a intensidade de estímulos gera maior prazer e aceitação; essa dinâmica converte-se em verdadeira estratégia que visa ao engajamento do leitor, que, por esse prisma, não pode deixar de acompanhar as reconfigurações do ato de ler.

Com relação à amigabilidade das interfaces, são bem-vindas as reflexões de Zumpano (2014), acerca da escrita e suas potencialidades virtuais. É a partir da invenção da escrita que o espaço geográfico de interação comunicacional humana passa por drástica mudança de concepção: se, na pré-história, a soberania da oralidade exigia a aproximação física entre os interlocutores para a viabilização da dinâmica discursiva, a escrita possibilitou que se colocasse em potencial suspensão essa mesma fala, virtualizando-a, para ser atualizada por meio da leitura; assim, os suportes escritos que acolhiam a comunicação e a interação tornaram-se modelos basilares de interface daquela nova comunicação.

Essa grandiosa prática demandou o desenvolvimento de técnicas para a aplicação e o desenvolvimento da inédita tecnologia, como a apreensão de signos totalmente novos que permitissem o registro das próprias experiências humanas; esse registro, por si, também implicou a construção de outras técnicas, além do processo de decodificação que, por sua vez, exigiu também ampliação de capacidades cognitivas e de manuseio da tecnologia em uso.

Se tomarmos esse panorama como referência, perceberemos claramente como a evolução do processo vem provocando a atualização permanente de técnicas e estratégias, como resultado do constante estímulo à renovação dos gêneros discursivos: a vida em comunidade – cada vez mais global – encontra estabilidade dos trabalhos coletivos de grupos sociais na interação mediada por esses gêneros, aportados em plataformas que exigem, entre sua apresentação formal na tela e o projeto de veiculação e apresentação de informações e conhecimentos, sofisticadas

⁵ A noção de multimodalidade será discutida mais detalhadamente na seção 3.2 deste trabalho, quando dedicaremos esforços para compreender a vez do multi na contemporaneidade.

interfaces que não somente permitam o acolhimento dos textos por parte do leitor, mas que promovam a mediação entre esse leitor e as representações do universo hipertextual. A tarefa de tornar amigáveis essas interfaces vem exigindo grandes esforços que, por sua vez, tem produzido bons resultados: cada vez mais os sujeitos conectados à rede e participantes da cibercultura encontram nas interfaces a elemento facilitador de seu acesso e sua efetiva participação.

Entretanto, essa inquestionável adesão que vivemos pode causar, sim, determinados questionamentos, em especial se colocamos em pauta a presença do outro, as intenções e os movimentos de interação que se originam a partir da leitura em rede. O relato de Zumpano (2014, s. p.) amplia essa análise:

Olho para o grande paralelepípedo vertical. Qual será o significado que dará para minhas atitudes diante da tela e do teclado? O que vai me mostrar em sua tela? Qual simulação me apresentará? Certamente falará comigo. Saberei o significado do falante? Entenderei o que ele vai querer dizer com cada um de seus proferimentos? Isso dependerá de suas intenções, que possivelmente virão em resposta às minhas. Dependerá também do seu entendimento sobre o que eu vou querer dizer com minhas frases. Ele será capaz disso? De interpretar minhas intenções? A interface está instalada, o dispositivo que garante a comunicação entre dois sistemas: eu e ele. A angústia reside na incerteza da efetividade da interface e na dificuldade de identificar esse outro, de nomear quem fala comigo.

Garantida a comunicação entre os “sistemas eu e ele”, acontece a leitura efetiva em plataforma digital. É esse o laço fundamental da construção da leitura como encontro, ato de alimentação da intimidade, da sociabilidade e da construção colaborativa.

Nesse cenário, é de grande relevância que se alcance o entendimento, também, de que não se trata da pura transposição do texto de formato analógico para o ambiente digital e, possibilitado o acesso em rede, para o ambiente virtual. Chartier (2013) destaca a grande alteração que se dá na construção global de sentido de um texto devido à sua “hospedagem” no formato digital.

O caso dos jornais é [...] particularmente esclarecedor. No jornal impresso, o sentido dado pelo leitor a cada artigo depende da presença, na mesma página ou no mesmo número, de outros artigos ou de outros elementos (fotografias, caricaturas, anúncios publicitários, etc.). O leitor constrói o significado do artigo que lê com base na relação, mesmo que inconsciente, com o que o precede, acompanha-o ou segue-o e, igualmente, com base na sua percepção da intenção editorial e do projeto intelectual, estético ou político que governa a publicação. Na forma eletrônica, a leitura do “mesmo” artigo organiza-se a partir da arquitetura lógica que hierarquiza os domínios, os temas, as rubricas e as palavras-chave. Essa leitura procede a partir de

uma organização enciclopédica que propõe ao leitor textos que não têm outro contexto que o dado pelo seu pertencimento a uma mesma temática. (CHARTIER, 2013, p. 201).

Embora o estudioso saliente que os textos em formato digital têm seu sentido promovido a partir de uma leitura pautada, essencialmente, na “organização enciclopédica” e o contexto está vinculado apenas ao tema, se considerada a veiculação desses textos digitais em plataformas virtuais do hipertexto, é possível perceber que vários outros fatores influenciam fortemente na construção de sentidos.

Trata-se, por exemplo, na leitura de um jornal *online*, dos anúncios publicitários aleatórios presentes insistentemente na composição da página, ainda que executada a função de rolagem, que mesclam não somente linguagem verbal e visual, mas o movimento e o som, atraindo, de forma definitiva, o foco do leitor, que, se não estiver atento à sua busca, encontrará dificuldades em construir o sentido desejado. Nesses casos, ainda que tenha ocorrido grande refinamento na oferta e exposição de tais anúncios, vinculados, muitas vezes, às temáticas centrais da página que os veiculam, a dinâmica de alteração de foco permanece a mesma.

Os *pop-ups* são outro exemplo adequado à situação. Ainda que tenham sido criados como uma alternativa menos incômoda que os *banners* – que costumavam aparecer na construção do *layout* de muitas páginas da internet –, funcionam como intensos recursos de novas informações associadas a novas janelas abertas no navegador da rede; frequentemente relacionados à divulgação publicitária, não deixam de promover a quebra de expectativa da leitura planejada, promovendo, notoriamente, alteração no sentido a se resgatar durante a leitura propriamente dita. Além dos anúncios fixados nas páginas e os *pop-ups*, poderíamos ainda citar outros fatores como fortes influenciadores da construção de sentidos, que não o texto pretendido, como o próprio *layout* das páginas, os menus de navegação, as diversas possibilidades de interação do usuário com o texto – como a inserção de juízos de valor e as opções de redistribuição comentada –, além de tantos outros.

Definitivamente, não se pode considerar que apenas a transposição de suporte garanta os mesmos resgates de sentido durante a leitura, em especial quando consideramos a figuração das mesmas construções verbais em suporte analógico, digital e virtual. Além de todos os fatores de filtragem que resultam de processos de construção da projeção da intimidade e dos jogos subjetivos que, em

associação, produzem e possibilitam a sociabilidade na leitura – conforme discutimos anteriormente –, é indispensável considerar que “[...] os processos pelos quais um leitor atribui sentido a um texto dependem, conscientemente ou não, não somente do conteúdo semântico desse texto, mas também das formas materiais por meio das quais esse foi publicado, difundido e recebido”. (CHARTIER, 2013, p. 213).

E se, nessa lógica, analisarmos a forma como os sujeitos constroem-se a partir do contato com os materiais de leitura que os envolvem, percebemos também as mudanças que, historicamente, compõem esse movimento. Na sequência, voltamos nossos esforços à discussão das implicações da leitura para o sujeito na contemporaneidade.

2.2.1 O sujeito leitor na cibercultura: as faces plurais da prática leitora

A análise do envolvimento dos sujeitos com a leitura, em um trajeto histórico, não trata apenas da migração – ou da adaptação – do analógico para o digital e para o virtual. É interessante observarmos o processo que se desenvolveu, também, com o próprio leitor. Assim,

[...] no decorrer do século XX, o leitor (que com frequência é uma leitora) levantou-se discretamente, deixou a sala de convívio e retirou-se em seu quarto. A leitura — que era, de início, uma atividade que se prescrevia para enredar as pessoas na malha das palavras — converteu-se em um gesto de afirmação de singularidade. Tornou-se um atalho, cada vez mais utilizado, para escapar do tempo e do lugar em que supostamente se deveria estar; escapar desse lugar predeterminado, dessa vida estática e do controle mútuo que uns exercem sobre os outros. (PETIT, 2008, p. 28).

Acompanhando a reflexão proposta por Petit (2008), percebemos muito clara a forma como as dinâmicas sociais e culturais influenciam diretamente os posicionamentos do sujeito que, em certo momento de sua construção, viu-se impulsionado a voltar-se para si mesmo, ou com a intenção de escape, ou com o propósito de afirmação de sua singularidade. Em perspectiva semelhante, ao acompanhar, histórica e criticamente, a forma como os sujeitos têm se envolvido com a leitura, Santaella (2013) mapeia três categorias de leitor cujas características convergem para um perfil de leitor na contemporaneidade. Os tipos de leitor propostos pela semioticista são o contemplativo, o movente e o imersivo que, na era da cibercultura, convergem para o surgimento do leitor ubíquo.

O primeiro deles, o leitor contemplativo, adepto da leitura individual, silenciosa e solitária está diretamente relacionado com a leitura do impresso em plataformas analógicas. Representa as práticas dominantes a partir do século XVI. Pausar a leitura, abstrair, conceituar e interagir com signos estáticos como o livro e obras de arte figurativa, entre outros, são práticas recorrentes desse leitor, que encontra na concentração e na contemplação a base de sua experiência. A contemplação emerge como verdadeiro estímulo ao leitor especialmente porque os materiais de leitura – realizada essencialmente em bibliotecas: esse seria o local privilegiado para a introspecção e para o isolamento necessários para o ato de ler – eram representados exclusivamente por símbolos estáticos: o texto no livro, as reproduções ou originais de obras de arte figurativas, os mapas etc.

Característica interessante da dinâmica do leitor e da leitura contemplativa é o procedimento de busca pelo material de leitura, sempre imóvel e permanentemente disponível para a reconsulta: a qualquer tempo localizáveis e manuseáveis, a retomada desses materiais, em especial o livro, é ação e decisão exclusiva do leitor, que à leitura dedica o tempo que julgar necessário – muitas vezes, nem o tempo conta nessa entrega que se deixa permear pelas percepções absolutamente subjetivas e pela interpretação individual.

Ainda que haja uma tendência – ou uma predisposição, especialmente por pessoas que encontraram nessa experiência seus contatos mais fortes com a leitura – de romantizar o leitor contemplativo, concebendo-o como distante no tempo e na prática, é indispensável que se perceba de seu perfil a presença, ainda na contemporaneidade. Não se trata de imaginar os possíveis reacionários que, à sombra das árvores de um parque, tomam o livro como material de leitura – e objeto de saudade ou mesmo nostalgia! – para suas práticas de lazer e deleite. A relação que se impõe como necessária é a de percepção da concentração, da intimidade e da privacidade que, mesmo diante da tela e de toda a rede de conexões, permanece viva, reconfigurada para o multifoco e direcionada para a globalidade das interações.

Se esse perfil de leitor contemplativo foi dominante a partir do século XVI, os efeitos de velocidade, efemeridade e estimulação constante da modernidade implicaram no surgimento de um segundo tipo de leitor – resultado direto do surgimento das metrópoles –, estreitamente vinculado com linguagens híbridas, mestiçadas, fronteiriças: resultado da urbanização latente, da comunicação jornalística, das publicidades de rua etc., essas linguagens requerem, para interação

efetiva, que o leitor seja também fugaz, ágil, acelerado e apto para o movimento entre signos transitórios e instáveis. O pensamento analítico e sequencial dá espaço – ou, como parece mais lógico, é agregado –, então, ao raciocínio e à observação associativa, engendrada e sintética do leitor movente.

Quanto à influência da comunicação jornalística, é válido enfatizarmos que a “[...] impressão mecânica, aliada ao telégrafo e à fotografia, gerou a linguagem híbrida do jornal, testemunha do cotidiano, fadada a durar o tempo exato daquilo que noticia. Com ela, nasce o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil”. (SANTAELLA, 2013, p. 269). A ênfase que damos a esse aspecto está diretamente relacionada com a relevância de entendermos as alterações no manuseio da linguagem, a partir da popularização jornal.

Outra característica importante da modernidade que exigiu do leitor um reposicionamento diante das práticas sociais foi a publicidade de rua. Conforme os centros urbanos foram reconfigurados a partir sinais e mensagens das mais variadas naturezas – veja-se, apenas para citar alguns exemplos, a intensidade dos sinais de trânsito, de placas informativas e de localização, a explosão de propagandas em *outdoor* etc. – impôs-se ao sujeito a necessidade de acompanhar o mesmo movimento, e a velocidade desse processo de criação de novos padrões exigiu, por sua vez, o imediatismo de avaliação e interação.

A instabilidade e o excesso de estímulos exigem desse leitor um novo compasso para a atenção, que oscila seu foco entre o fixo e o móvel com facilidade. Circular entre planos semióticos variados com plena naturalidade – mas em movimento permanente entre distração e interação intensa com o material de leitura – é marca desse tipo de leitor e pressuposto para concebermos o leitor contemporâneo.

Há também que se considerar que os estímulos provocados pelo cinema e pela televisão, em uma mescla incessante de signos variados, como sons, ruídos, imagens estáticas e em movimento. Essa infinidade de sinais a serem vivenciados, em casa ou na cidade, proporcionou ao leitor movente o aguçamento de intuições, percepções e conexões entre planos de sentido.

Com a intenção de mapear o deslocamento do leitor contemplativo para o leitor movente – ou sua integração –, convocamos, novamente, Santaella (2013, p. 269):

O leitor do livro, meditativo, observador ancorado, leitor sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende assim a conviver com o leitor movente; leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo.

A pesquisadora parece sugerir uma mudança mesmo orgânica do sujeito, que, em sua intimidade, buscou um vivo recurso de adaptação à vida em comunidade, remoldada, com novas facilidades e exigências. A essência dessa adaptação – viva, ágil, enérgica – possibilitou a inserção do sujeito em práticas de leitura no ciberespaço e o leitor vê-se, assim, imersivo.

Esse leitor imersivo, terceira categoria mencionada por Santaella (2013), é uma espécie de exigência do hipertexto e da navegação no ciberespaço. Sua prática, ainda que implique várias características dos perfis contemplativo e movente, inaugura um posicionamento inusitado e original diante da leitura. Herda do leitor movente o refinamento da atenção e da percepção panorâmica do mundo à sua volta e, com extrema sensibilidade e em estado de permanente prontidão, conecta-se entre os nós do texto em rede e o constrói a partir da própria leitura. Dentre suas habilidades, destaca-se a desenvoltura com que escaneia telas, navega seguindo *links*, busca e explora as informações de seu interesse, ou seja, promove um verdadeiro mergulho em um universo de signos infinitos, sempre disponíveis e reconstruíveis: é, de fato, um leitor imersivo.

No vaguear entre telas, aplicativos, redes de relacionamento, bate-papo ou notícias, constrói-se como sujeito de ausência física consentida. Não entendamos mal: uma espécie de espectro, simulacro, do sujeito é suficiente para marcar sua interação, sua contribuição, sua existência. Sua face é construída na projeção que realiza de si no ciberespaço, com a mediação das mais variadas interfaces. Não esboçamos, aqui, um cenário em que o ciberespaço seja apenas um mundo virtual e que o sujeito converta-se em outro para empenhar sua participação. É o próprio sujeito envolvido e adaptado à própria realidade, delineando-se em vários, aglutinando em si a possibilidade de integração entre os espaços que ocupa, sejam eles virtuais, ciber, ou não.

A partir de múltiplas possibilidades de roteiros, cria as próprias rotas de leitura e seu esquema de informações por meio da ação individual que desconstrói

premissas de linearidade, posto que as percepções e associações realizadas em cliques e *links* acontecem dinamicamente durante o ato mesmo da leitura.

Buscamos na própria escrita de Santaella (2013, p. 267-8) a retomada dos elementos mapeados até então:

O leitor contemplativo é o leitor meditativo da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. Esse leitor nasceu no Renascimento e perdurou até meados do século XIX. O segundo tipo de leitor é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos [...]. É, portanto, o leitor do mundo em movimento, dinâmico, das misturas de sinais e linguagens de que as metrópoles são feitas. Esse leitor nasceu também com a explosão do jornal e com universo reprodutivo da fotografia do cinema e manteve suas características básicas quando se deu o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão. O terceiro leitor é aquele que brotou dos novos espaços das redes computadorizadas de informação e comunicação.

Entretanto, se até o final da última década essas categorias de leitores – contemplativo, movente e imersivo – pareciam dar conta da realidade das práticas leitoras, a democratização da *web* com foco no usuário, a popularização das redes sociais e os compartilhamentos em nuvem têm sugerido o aparecimento de uma nova classe de leitor, o ubíquo⁶, que somente pode ser conhecido em seu “habitat”, os ambientes de conexão construídos pelo próprio leitor por meio das práticas de colaboração e compartilhamento, pelo viés da construção coletiva do conhecimento, possibilidades viabilizadas no hiperespaço das mensagens multimídia. A fim de conhecer melhor o leitor ubíquo, é necessário identificar e caracterizar os novos ambientes de conexão, construídos por esse mesmo leitor.

Abrimos espaço aqui para um breve balizamento a respeito daquilo que se tornou, contemporaneamente, a maior plataforma de comunicação entre usuários: a internet. As primeiras conexões planetárias entre computadores, que deram origem à Web 1.0, permitiram o uso da rede por pessoas físicas, além de governos e empresas. Estáticas, as páginas da internet forneciam informações para busca e leitura dos usuários. Sobre essa estaticidade citada, é importante que nos atenhamos à ideia de impossibilidade de atualização permanente, especialmente com a participação do usuário: uma vez alimentadas as páginas, as plataformas serviam como base de consulta e leitura para os usuários, sem sua participação

⁶ O termo “leitor ubíquo” é uma proposição da pesquisadora Lúcia Santaella (2013) e tem sido amplamente aceito pela comunidade acadêmica; o adjetivo “ubíquo” é oriundo do campo da computação.

efetiva em processo de interação que ultrapassasse o encontro básico com o texto. Passou-se da leitura do livro físico à leitura na tela, digital, potencialmente virtual. Nesse cenário, ainda que mecanismos de busca e portais de conteúdo tenham representado gigantesco avanço na comunicação global, uma das principais contribuições foi, de fato, o princípio da conexão em rede. Assim como a invenção da escrita permitiu que se prescindisse da presença física para a comunicação, de maneira absolutamente mais ágil e globalizada a Web 1.0 possibilitou a virtualização de conteúdo para atualização do sujeito-usuário a partir de suas buscas, cliques e leituras, a qualquer tempo, sem sair do lugar.

Outra herança inquestionável da Web 1.0 foi o gérmen das comunidades virtuais. Um dos estudiosos que se voltou à exploração dessa noção foi Pierre Lévy (1996): essas extensões consolidaram-se como efetivos territórios em que o compartilhamento, a socialização e a comunicação permitiram e facilitaram a criação de vínculos entre os usuários; já que a localização física passou a ser dispensável, mas o tempo real de interação permaneceu como pressuposto, instaurou-se, concretamente, um novo formato de interação, mediado pela leitura.

A conectividade e a interação em comunidades tiveram, então, seu potencial já anunciado com a Web 1.0, entretanto sua intensificação e sofisticação são frutos da Web 2.0, que converteu o foco do conteúdo para o usuário, e isso produziu efeitos gigantescos na formação e concepção de um novo leitor, o leitor ubíquo. Tal conversão de foco permitiu que as ferramentas digitais interconectadas oferecessem ao usuário/leitor infinitas possibilidades de pesquisar, relacionar, criar e compartilhar.

Dessa maneira, fica claro como o leitor expandiu historicamente – por conveniência e necessidade – seu leque possibilidades para além do leitor, passando pelos espaços urbanos de comunicação e pelas imagens em movimento, até que se chegasse à leitura na tela. É uma verdadeira multiplicidade de leitores – com perfis adequados e adaptados às mais variadas necessidades do sujeito – à qual

[...] veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito, que, do papel, saltou para superfície das telas do computador. Na mesma linha de continuidade, mas em nível de complexidade ainda maior, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, constituindo-se em um novo leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço, espaço este constituído do conjunto de redes de computadores interligados por todo planeta. São essas redes que dão amplo acesso à informação e permitem o

encontro dos internautas, criando novas formas de socialização, compartilhamento e participação. (SANTAELLA, 2013, p. 266).

Essas novas plataformas de sociabilidade estão, aliás, diretamente relacionadas com a supremacia e jurisdição ofertadas ao sujeito em seus usos da rede planetária de computadores. A Web 3.0, era privilegiada de conexão de pessoas, oferece, com a simplicidade de um clique, a abertura de extenso rol de oportunidades para a localização de respostas e soluções para necessidades particulares do usuário: a rede adaptou-se ao sujeito e, autonomamente, responde às suas necessidades.

Observemos, ilustrativamente, o caso dos motores de busca terem-se transformado em motores de decisão que potencializam, na vastidão de conteúdos oferecidos *online*, aqueles que melhor oferecem campo de interação para o leitor, a partir de seus supostos interesses. É o caso, também, das variadas formas de interação, de certa forma emancipada, da rede com o usuário: apenas para citar um exemplo bastante concreto, atentemos por um instante ao caso do sujeito que, ao conectar-se à rede social Facebook, sem a necessidade de solicitação, recebe da própria rede a previsão do tempo para o lugar em que se localiza, as atualizações de notícias dos seus centros de interesse ou mesmo lembretes de tarefas importantes para o momento.

Komesu e Galli (2016) auxiliam na caracterização desse novo momento das relações via internet. Segundo essas autoras, as integrações de variados planos de projeção de sentido

[...] com emprego de banda larga, acesso móvel à internet, tecnologia de *web* semântica [Web 3.0], aliada a saber criar/utilizar aplicativos, plataformas, *sítes* parecem facultar plena participação do sujeito na sociedade, em categorias-chave como mobilidade, cidadania, emprego, sustentabilidade, consumo (ou ainda roubo de informações pessoais, violação de propriedade intelectual, espionagem industrial, espionagem política, plágio, pirataria, pedofilia, calúnia e difamação, ameaça, discriminação). (KOMESU; GALLI, 2016, p. 171).

As características do leitor que surge nessa época de interconexão ininterrupta voltam-se, então, não somente às construções subjetivas, de individualidade e sociabilidade, que apontávamos anteriormente. Existe, nessa concepção de um novo sujeito, a implicação de elementos absolutamente tangíveis e observáveis.

Esses elementos têm relação direta com as possibilidades de imaginação, criação e contribuição para o desenvolvimento da cultura em que está inserido, cada vez mais global e interconectada no resgate de fragmentos. Ora, se as novas tecnologias oferecem estímulo e bases para paulatinas mudanças na cultura, as concepções e delineamentos a respeito da leitura acompanham esse movimento. A íntima relação entre cibercultura e leitura merece algum detalhamento, pois é nesse ínterim que se podem conceber outras características do leitor da realidade digital e virtual. O desafio que esse mapeamento representa carece de uma breve retomada conceitual no que tange à própria ideia de cultura.

Se emprestarmos, uma vez mais, às reflexões aqui desenvolvidas as contribuições de Santaella (2003, p. 34), perceberemos que, em âmbito panorâmico, “[...] a cultura pode ser pensada como um agente causal que afeta o processo evolutivo através dos meios exclusivamente humanos [...]”. Representando os elementos ambientais que são resultados da ação humana, a cultura está em íntima relação com as práticas sociais que se desenvolvem entre sujeitos em comunidade. Além dessas práticas de interação e modificação, normas, costumes e valores dos variados grupos entram em jogo nessa construção.

É partindo de tal pressuposto que se pode aludir à ideia de culturas plurais – a partir de um prisma antropológico –, em que diversificadas características, vivências e manifestações consolidam a convivência – nem sempre harmônica – entre tais culturas. Assim, em sociedades fundadas em complexos jogos de poder, dominação e doutrinação, surge a oposição entre uma cultura dominante elitizada e outra, dita popular. Essa cultura popular, não raras vezes distanciada da cultura letrada de prestígio – ainda que dependente dela – pode ser considerada como a cultura das massas, dos excluídos, representa e alude a experiências não ligadas diretamente à cultura erudita. Em última instância, reconhecer o espaço da cultura popular em qualquer sociedade é, também, avaliar a existência de níveis, classes e categorizações sociais.

E já que, em diferentes escalas, as ações humanas são o gérmen das manifestações culturais, torna-se imperativo supor que “A cultura é a vida e a vida é a cultura, com suas nuances e reviravoltas. Assim, pensar a evolução tecnológica que ocorreu nas últimas décadas faz com que seja necessário olhar com outros olhos a cultura contemporânea, a cultura das tecnologias, a cultura das telas”. (RETTENMAIER; EBERT, 2017, p. 82). Um novo olhar para a cultura permite o

entendimento do deslocamento da cultura popular, das massas, para a cultura das telas, digital, virtual, ciber. Isso coloca em evidência quaisquer fatores implicados pelas práticas humanas, inclusive a comunicação e as dinâmicas de renovação e uso das múltiplas linguagens – especialmente em intersemioses, em associações e engendramentos de planos de sentido, em ambientes tecnológicos.

Grosso modo, podemos considerar que foi a presença e a popularização do computador – e mais recentemente o microprocessador móvel – que possibilitou e impulsionou a cibercultura, por meio da convergência das mídias e, mais, tarde, por meio da conexão em rede⁷. De acordo com Santaella (2003, p. 105), “[...] a tecnologia computacional está fazendo a mediação das nossas relações sociais, de nossa autoidentidade e do nosso sentido mais amplo de vida social” e, dessa forma, a possibilidade mais plausível de conceber o sujeito leitor da alta modernidade é com intenso sentimento de pertencimento a comunidades variadas, às quais adere e reconhece como suas ou manifesta resistência e reação. A visão, a leitura e a participação no mundo acontecem, a partir de então, por meio das telas, a partir de um amplo engajamento e de uma já inquestionável conexão: esse homem, esse sujeito, agora no hibridismo do humano e do tecnológico, estabelece novos patamares de interação, troca, participação, colaboração e compartilhamento.

Uma vez que consideramos todo processo, dinâmica ou sistema que se vincula à interação usuário/usuário ou usuário/rede como manifestação do social no ciberespaço, são as redes sociais os grandes expoentes desse cenário, com seus atrativos gêneros e estilos. É possível que essa atratividade se consolide pelo fato de os conteúdos das redes serem gerados e mantidos pelos próprios usuários. Geração e manutenção de conteúdo tornam-se, então, fortes caracterizadores do sujeito leitor contemporâneo.

Além disso, como transportamos a vida e seus conteúdos para essas redes com palavras, sons, imagens e vídeos, a leitura desses signos coloca-se como fator determinante para a existência do sujeito – isso interessa ao leitor ubíquo. Mas não só: as fusões e sobreposições entre espaços digitais e físicos tornam o leitor da contemporaneidade presente, a um só tempo, nos universos físico e virtual, e é nesse espaço que o leitor se reinventa, se reconfigura a fim de dar conta de novas exigências do mundo do trabalho, do entretenimento e das relações interpessoais:

⁷ A seção 3.2 desta tese estará voltada à análise da construção de sentidos no ciberespaço; assim, reservamo-nos a possibilidade de aprofundar as reflexões a respeito da cibercultura naquele espaço.

À mobilidade física do cidadão cosmopolita foi acrescida a mobilidade virtual das redes. Ambas as mobilidades entrelaçam-se, interconectam-se e tornam-se mais agudas pelas ações de uma sobre a outra. A popularização gigantesca das redes sociais do ciberespaço não seria possível sem as facilidades que os equipamentos móveis trouxeram para se ter acesso a elas, a qualquer tempo e lugar. É justamente nesses espaços da hipermobilidade que emerge o leitor ubíquo, com um perfil cognitivo inédito que nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente e do leitor imersivo. (SANTAELLA, 2013, p. 277).

A vida e a realidade são ubíquas, e o leitor intensa e permanentemente conectado também é. Justamente a partir disso surge o que pode se considerar mais uma característica do sujeito que lê na contemporaneidade, a atenção contínua. É esse traço de seu perfil – cremos que o principal traço – que habilita o leitor a mover-se pelos ambientes físicos urbanos lendo sinais e signos diversos e, ao mesmo tempo, sem necessidade de pausa, imergir no ciberespaço para acessar qualquer universo informacional, conectar-se às redes sociais ou realizar uma lista sem fim de possíveis atividades.

Assim como os estímulos da duplicidade físico/virtual, também múltiplas são as capacidades mentais de processamento simultâneo das mensagens, informações e sinais com que temos contato: acontece, a todo instante, uma conexão entre corpo e ambiente (físico e ciber) mediada pelas ações reflexas de nosso sistema nervoso central. Já que as reações a esses estímulos verbais, sonoros, imagéticos, semióticos, enfim, são imediatas, não há outra possibilidade a não ser considerarmos que a atenção é contínua.

Isso justifica o fato de que, sendo árdua a tarefa de parar com o intuito de refletir – o tempo é fugaz! –, a comunicação venha se consolidando cada vez de maneira mais imediata. Mas essa fugacidade não deve ser percebida como negativa, já que é responsável pelo desenvolvimento de habilidades como a observação das situações do cotidiano a partir de vários prismas, a interação ágil com informações e o retorno veloz às mensagens que dão sequência ao trânsito intersemiótico.

No entanto, se por um lado são merecidamente louváveis as capacidades advindas de um estado ininterrupto de alerta que exige atenção permanente, por outro lado torna-se absolutamente desassossegadora a constatação de quem nem todos os leitores estão aptos a participar dessa dinâmica. E para o desassossego transformar-se em empecilho para as práticas sociais efetivas que se dão por meio

da leitura, basta que o sujeito não esteja habilitado a seguir o fluxo da continuidade acelerada e da vigília constante.

Recorremos uma vez mais a Santaella (2013, p. 279-280), que auxilia no entendimento da relevância que tem a atenção para as práticas comunicativas.

A atenção é, sem dúvida, uma das mais importantes habilidades cognitivas. Para ser processada no nosso cérebro, toda informação tem de ser temporariamente retida em nossa memória de curto prazo. Como o próprio nome diz, essa memória permanece por um tempo curto na mente. Para isso, a atenção é crucial. Sem ela, a informação, que vem de fora, não pode ser filtrada com o foco voltado para os detalhes mais salientes do entorno. Ora, em vez de focar nos detalhes relevantes, o leitor ubíquo responde a uma pluralidade de estímulos em um ambiente informacional complexo e responde a eles por meio daquilo que é chamado de *multitarefa*s. Portanto, a atenção e *multitarefa*s devem ser pensadas como complementares. O cérebro reage multiplamente para dar conta dos constrangimentos que são impostos à memória de curta duração.

Interessante observar também que a atenção e as respostas multitarefa são responsáveis, inclusive, pela localização de informações nas próprias telas de computadores, *tablets* e *smartphones*, permeadas por uma grande variedade de signos. Está aí mais uma habilidade exigida do leitor ubíquo, novos olhos para ler o conjunto, o que traz como pressuposto determinada autonomia no trato com a leitura e a globalidade de sentidos. Em recente estudo acerca da leitura em múltiplas fontes, Coscarelli (2017, p. 69) também enfatiza a ideia de autonomia. De acordo com essa autora, “a internet é um ambiente que fornece oportunidades de aprendizagem aos navegadores. O ambiente hipertextual, multimodal, de múltiplas fontes e linguagens que constitui a internet é uma oportunidade para uma aprendizagem ativa e autônoma”.

As características apresentadas – que são também premissas e exigências – revelam um perfil diferenciado para o leitor da hipermídia, da multimodalidade digital e tal cenário promove e encoraja as práticas discursivas pelo viés de inéditos gêneros, que se incorporam às interações subjetivas diárias e às restauradas experiências de linguagem. A seção de abertura do capítulo a seguir volta-se a essa discussão.

3. AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DO DIZER: LINGUAGEM, INTERAÇÃO E SENTIDOS

Compreender e analisar as projeções concretas da linguagem na vida diária é tarefa que, por mais rotineira que possa parecer, requer o domínio e a aplicação de determinados recursos e estratégias que envolvem variadas concepções de homem, linguagem e sociedade. As diversificadas atividades humanas que envolvem a interação social geram, desse modo, múltiplas possibilidades de concretização da língua. Tal concretização realiza-se por meio de enunciados: procedimentos que exprimem sentimentos e pensamentos valendo-se de palavras e que variam de acordo com o campo da atividade humana a que estiverem relacionados.

Neste capítulo, discutiremos alguns parâmetros conceituais acerca dos gêneros discursivos, mecanismos necessários para a realização do ato de dizer e para a interação por meio da linguagem. Nesse caminho, relacionaremos os balizamentos apresentados com a prática da multimodalidade discursiva, terreno que recebe nossa atenção de forma bastante pontual e que tem base e íntima relação, como toda prática discursiva, com os gêneros do discurso. Nossas considerações voltam-se também, nesta etapa da escrita, para os sentidos que são construídos pelo sujeito leitor, por meio dos próprios gêneros, nos ambientes virtuais do ciberespaço.

De certa forma, os parâmetros aqui expostos estão vinculados a possibilidades de engajamento do sujeito à própria realidade, construída, inclusive, por meio da linguagem multimídia, e apontam para a necessidade de repensarmos de forma permanente as ações de mediação entre sujeito e linguagem e os mecanismos de associação intersemiótica na projeção de sentidos.

3.1. GÊNEROS DISCURSIVOS E LINGUAGEM NA PRÁTICA COMUNICATIVA

[Ou a manifestação do dizer, a concretude dos ditos e os sentidos nas práticas comunicativas]

Muito embora existam alguns equívocos de concepção, no Brasil, relacionados ao texto bakhtiniano “Os gêneros do discurso” – em especial no âmbito pedagógico, enfatizado a partir do final da década de 1990, com a reforma brasileira de ensino que resultou nos Parâmetros Curriculares Nacionais –, a expressão tem

vivido, desde essa época, um uso inflacionado, o que, de certa forma, produziu produtivas reflexões para a área.

Considerando a noção de gênero para relacioná-la tanto a textos quanto ao próprio discurso, remetemo-nos diretamente à ideia de que “[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...]”. (BAKHTIN, 2011b, p. 261). Assim, também multiformes são as representações discursivas cotidianas e a abrangência das abordagens didáticas dos gêneros que representam tais atividades deveriam acompanhar esse movimento. É justamente desse ponto que se originam os equívocos recém-citados: a noção de gêneros discursivos foi proposta por Bakhtin pelo viés da produção dos gêneros, não da sua forma. O aspecto inicial a ser considerado por qualquer estudo iluminado pelos gêneros do discurso é, então, o campo da atividade humana a que se vinculam os enunciados. Carlos Alberto Faraco, grande estudioso das reflexões bakhtinianas, considera que

O ponto de partida de Bakhtin é a estipulação de um vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Para ele, todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem. E essa utilização efetua-se em forma de enunciados que emanam de integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (FARACO, 2009, p. 126).

Esse vínculo referido por Bakhtin (2011b) e reiterado nas análises de Faraco (2009) – somente para nos determos a esses dois teóricos que aqui nos iluminam – não se constrói de forma tão simples quanto se possa parecer: se os gêneros representam os elementos basilares de qualquer atividade discursiva e se eles estão em intrínseca relação com determinadas esferas de atividade humana, vale que nos detenhamos, ainda que brevemente, a uma análise dessa vinculação e das categorizações que dela advêm. Maingueneau (2015a), para sistematizar essa noção, promove uma reflexão que distingue gêneros e tipos de discurso. De acordo com esse teórico, os gêneros do discurso “[...] só adquirem sentido quando integrados a unidades de classe superior, os *tipos de discurso*”. (MAINGUENEAU, 2015a, p. 66, grifo do autor), o que remete diretamente à noção bakhtiniana de domínio discursivo.

O estudioso francês ainda acrescenta: “Tipos e gêneros do discurso estão, assim, tomados por uma relação de reciprocidade: todo tipo é uma rede de gêneros; todo gênero se reporta a um tipo”. (MAINGUENEAU, 2015a, p. 66). De alguma forma, é possível conceber que os tipos de discurso sustentados nas contribuições de Maingueneau remetem a um âmbito superior de vinculação, no qual se situam as esferas de atividade humana, propostas por Bakhtin: “Pode-se fazer um gênero do discurso entrar em três modos agrupamento, segundo o ponto de vista que se privilegie: a *esfera de atividade*, o *campo do discurso* e o *lugar de atividade*”. (MAINGUENEAU, 2015a, p. 67, grifo do autor).

A partir dessa concepção, o campo do discurso tomado como filtro de engajamento de um gênero a determinado tipo, aplica-se somente a determinados esferas discursivas – como a política e a religiosa, por exemplo –, em que relações de força criam determinados embates doutrinários, teóricos, partidários etc. Isso significa dizer que não é uma classificação possível para a totalidade dos gêneros que constroem a comunicação. Da mesma forma, uma categorização de acordo com o lugar de atividade – fazendo referência aos gêneros utilizados por aqueles sujeitos que desempenham juntos determinada atividade profissional – ainda que absolutamente válida a partir de determinados critérios de observação de *corpus*, demonstra-se insuficiente para a empreitada que nos dispomos, aqui, a realizar.

Já a determinação de vinculação de um gênero a determinado tipo a partir da esfera de atividade propriamente dita mostra-se mais produtiva, uma vez que mais abrangente e dá conta de uma filiação em caráter mais global dos gêneros de natureza multimodal a determinados domínios discursivos, gêneros esses que, afinal, são o foco deste estudo⁸.

Isso posto, torna-se evidente que é das variadas esferas de interação e atividade humanas que surgem os enunciados, representação de gêneros e concretização de discursos, sempre únicos enquanto possibilidades de utilização da língua. Bakhtin (2011b, p. 261) auxilia na construção desse conceito:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

⁸ A seção 3.2 proporá a delimitação e o alinhamento dessa reflexão ao *corpus* desta pesquisa.

Os reflexos das atividades humanas por meio de gêneros discursivos verificam-se, então, em de seu conteúdo, estilo da linguagem e construção composicional, construindo solidamente os enunciados desses gêneros. Esses elementos são determinados pela especificidade de cada campo do agir, cada esfera da comunicação. Bakhtin (2011b, p. 262, grifo do autor) acrescenta que “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominados *gêneros do discurso*”.

É interessante que destaquemos aqui as ideias de relatividade e estabilidade, a partir das considerações de Bakhtin (2011b): os enunciados produzidos, configurando-se como gêneros discursivos, são proposições flexíveis quanto à sua apresentação, adaptando-se a quaisquer situações comunicativas (portanto, carregam consigo determinada relatividade), e, ao mesmo tempo, permitem-se reconhecer pelos interlocutores dentro dessas mesmas situações, ou seja, também se caracterizam a partir da estabilidade.

A magnitude e a pluralidade dos enunciados são incomensuráveis, uma vez que as relações humanas que os exigem são de possibilidades infinitas, e essa expressiva heterogeneidade torna árdua a tarefa de definir a natureza geral dos gêneros do discurso. Difícil também seria, a partir desse prisma de análise, considerar a possibilidade de uma catalogação ou categorização dos gêneros a partir da forma, já que

[...] se queremos estudar qualquer das inúmeras atividades humanas, temos de nos ocupar dos tipos de dizer (dos gêneros do discurso) que emergem, se estabilizam e evoluem no interior daquela atividade, porque eles constituem parte intrínseca da mesma. (FARACO, 2009, p. 126).

É nesse âmbito que a língua integra a vida por meio dos enunciados e também a vida entra na língua por meio deles. Temos, assim, uma concepção sócio-histórica para a língua, enquanto fenômeno de comunicação e interação de indivíduos-sujeitos. Dessa forma, mudanças e alterações históricas na forma de comunicar têm relação direta com as mudanças dos gêneros discursivos e, somente assim, tomando o enunciado como unidade comunicativa, temos a real possibilidade de compreensão de emprego da língua enquanto sistema. Vejam-se os eventos de leitura – como prática de encontro, interação e sociabilidade – que se dão em

plataformas digitais, como aplicativos de notícias utilizados em *smartphones* ou *tablets*: toda a dinâmica de comunicação estabelecida nessa situação, considerando o terreno jornalístico como esfera de atividade humana, representa inéditas ações de produção e contato com gêneros discursivos, adaptados às exigências da contemporaneidade. Embora sua plasticidade seja incomensurável – o que permite, inclusive, a adaptação a qualquer momento histórico ou prática de interação – os elementos fundantes dos enunciados seguem com caráter bastante definido. Conteúdo (temático), construção composicional e estilo são os fatores que atribuem concretude aos ditos.

A partir dessas considerações torna-se um pouco mais clara a questão da indissolubilidade entre estilo e gênero discursivo que, por sua vez, está intimamente relacionado com os campos da atividade humana em que se dá a comunicação. As condições específicas que regem cada um desses campos (científico, publicitário, literário, político, religioso, cotidiano etc.) instituem o surgimento e emprego de determinados gêneros, que correspondem a estilos específicos. Segundo Bakhtin (2011b, p. 266),

[...] o estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento.

Ainda a respeito do estilo nos gêneros discursivos, e partindo dos pressupostos da obra de Bakhtin, Faraco (2009, p. 135) postula que

[...] a estilística está sempre atravessada, por força do seu recorte, pelo eixo da individualidade: a discussão dos fenômenos estilísticos se faz pelo viés do falante que usa ou cria a língua. Por outra parte por consequência, é difícil os estudos estilísticos fugirem de um pressuposto geral de que atividade estilística do falante envolve gestos de escolha, de seleção, seja entre as alternativas fornecidas pelo sistema como tal, seja entre diferentes possibilidades de criação expressiva.

As escolhas são do falante, inquestionavelmente. Entretanto, sem balizamento sócio-histórico, não há atividade mental para seleção de recursos. Voltando ao exemplo da situação comunicativa mediada por aplicativos de notícias *online*, é interessante percebermos que as escolhas do falante – autor de qualquer

notícia disponível na plataforma, ou mesmo do criador das interfaces do próprio aplicativo – acontecem filtradas pelo momento histórico de veiculação dos enunciados e condicionadas à situação mesma de leitura, considerando os interlocutores potenciais e os recursos intersemióticos disponíveis pela web. As seleções não se dão, então, pelo simples gosto do sujeito, mas condicionadas à conformação axiológica do sujeito/falante.

É também enfatizada em Bakhtin (2011b) a construção composicional para a constituição do enunciado. Essa é uma noção que se demonstra promissora e produtiva aos estudiosos da natureza da multimodalidade discursiva, como é nosso caso. Se por muito tempo a construção composicional esteve atrelada a um rol um tanto quanto limitado de mecanismos e estratégias para a produção da concretude dos enunciados, a alta modernidade em que vivemos – e em que comunicamos – tem encorajado e demandado a inserção e harmonização de diversificados recursos na composição dos gêneros. Por meio de variados planos de sentido postos lado a lado na multiplicação de sentidos, percebemos a imensidão de possibilidades de arranjos entre imagens estáticas, imagens em movimentos, sons, cadências, textos verbais etc. na composição dos gêneros da era digital.

Parece-nos também pertinente chamar a atenção para a manifestação, nos gêneros discursivos, do conteúdo (temático): trata-se, em primeira instância, do teor geral que permeia o enunciado, abarcando diferentes atribuições de sentidos e seus possíveis recortes. Se considerarmos, por exemplo, o gênero charge animada, perceberemos que a crítica social transpassa a construção panorâmica dos textos vinculados a essa esfera, e isso se aproxima da ideia de conteúdo. Já se observarmos uma ocorrência particular, em que uma charge aborde a crise política da tomada ilegítima do poder (apenas um exemplo aleatório!), teremos nesse tópico um recorte temático, o assunto em si da construção textual⁹.

Em tom de retomada e síntese, percebemos, então, que conteúdo, estilo e construção composicional configuram-se como elementos efetivos dos gêneros discursivos, numa relação determinada pela integração e pela solidez. É essa relação que permite uma abordagem de usos da linguagem com um prisma discursivo, garantindo o entendimento real da comunicação, consumada por meio de enunciados.

⁹ O recorte temático, também classificado simplesmente como “tema” por alguns estudiosos, é visivelmente distinto do conteúdo (temático), elemento básico do enunciado.

Essas condições prévias de entendimento e concepção dos enunciados permitiram o surgimento de grande diversidade de quadros teóricos e métodos de análise – intensificados nos últimos anos – tendo como abordagem central o próprio discurso e a produção de sentidos a partir dele, comprovando o amplo desenvolvimento e as diversas direções que tais disciplinas têm tomado. A Análise do Discurso, em suas variadas linhas conceituais, considera, entre outros importantes elementos, o princípio dialógico, também já antecipado pelos estudos empreendidos por Bakhtin. A partir das ideias do próprio teórico russo, Barros (2011, p. 26, grifo da autora) considera que

[...] as ciências humanas voltam-se para o *homem*, mas é o homem como produtor de textos que se apresenta aí. Dessa concepção decorre que o homem não só é conhecido através dos textos, como se constrói enquanto objeto de estudos nos textos ou por meio deles, o que distinguiria as ciências humanas das ciências exatas e biológicas, que examinam o homem “fora do texto”.

A partir dessa concepção do homem envolvido pela língua, podemos considerar que está em foco o texto em produção – premissa da noção de gênero – e, consigo, o homem que ele suporta. Todo dito, todo discurso, carrega consigo uma concepção impregnada do humano: o homem diz-se ao dizer. Essa concepção pressupõe o princípio dialógico, tão caro a Bakhtin e ao conjunto de sua obra. Grosso modo, o dialogismo tem sido abordado a partir de duas perspectivas: a) o diálogo entre os envolvidos no processo enunciativo – os interlocutores, e b) o diálogo entre os discursos em si, em que cada atualização da língua em emprego recorre – ainda que de forma sutil, silenciosa – a empregos e usos anteriores em discursos já produzidos. Essa parece ser uma ideia já cristalizada, talvez equivocadamente, quando tratamos do dialogismo. No entanto, em “O problema do texto”, Bakhtin (2011a, p. 353-4) enfatiza:

O diálogo real (conversa comum, discussão científica, controvérsia política, etc.). A relação existente entre as réplicas de tal diálogo oferece o aspecto externo mais evidente e simples da relação dialógica. Não obstante, a relação dialógica não coincide de modo algum com as relações existentes entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa.

Dialogismo, assim, não é a interação face a face, que pode ser considerada uma forma composicional específica de veiculação de enunciados em processo

comunicativo. Para melhor elucidação, acompanhamos Fiorin (2010, p. 166, grifo nosso), ao afirmar categoricamente que

[...] não se pode dizer que haja dois dialogismos: entre interlocutores e entre discursos. O dialogismo é sempre entre discursos. O interlocutor só existe enquanto discurso. Há, pois, um embate de dois discursos: o do locutor e o do interlocutor, o que significa que **o dialogismo se dá sempre entre discursos.**

Em relação ao diálogo entre discursos, salientamos que, a partir do papel central que desempenha na construção enunciativa, o dialogismo passa a ser também condição de sentido do discurso propriamente dito.

As movimentações discursivas, permeadas pelas esferas de atividade e comunicação humana, concretizadas nesses âmbitos por meio de enunciados – os gêneros do discurso – e balizadas pelo conteúdo, pela construção composicional e pelo estilo de linguagem, mostram-se nas práticas de interação cotidianas por meio de textos. É importante resgatarmos esse trajeto, porque são os textos que, de forma corpórea, estão presentes em nosso dia a dia. Assim, tomado como materialização de ações discursivas, o texto pode ser definido, com o auxílio de Barros (2011, p. 26-27), como

- a) objeto significante ou de significação, isto é, o texto significa;
- b) produto da criação ideológica ou de uma enunciação, com tudo o que está aí subentendido: contexto histórico, social, cultural etc. [...];
- c) dialógico: [...] define-se pelo diálogo entre os interlocutores e pelo diálogo com outros textos;
- d) único, não-reproduzível: os traços mencionados fazem do texto um objeto único, não-reiterável ou repetível.

As características mencionadas por Barros (2011) – e que conduzem a uma conceituação geral de texto – fazem com que tal concepção aproxime-se intimamente com a noção de gênero, já que abarca elementos de significação, enunciação, dialogismo e unicidade¹⁰. É importante percebermos que não estamos tratando das interações discursivas em sua superfície, forma ou simples estrutura, mas em seu nível mais profundo em que, de modo efetivo, se consolidam as relações comunicativas.

¹⁰ Entendamos, aqui, o termo “unicidade” como condição da exclusividade de cada ocorrência textual-discursiva, em que é sempre única, não-repetível.

Se até há não muito tempo, quando ocupava posição central nas discussões da área a linguística textual – com viés centrado na forma –, estava em voga o estudo dos tipos de textos, hoje as reflexões voltam-se fortemente para a análise, compreensão e exploração dos gêneros, como resultado da inflação mencionada no início deste capítulo. Assim como nas demais investigações científicas, surge quase que forçosamente a necessidade de classificação. Já em relação aos gêneros, considerando seu caráter altamente maleável e flexível, ao ponderar sobre suas funções e finalidades, uma classificação, mesmo que geral, seria de grande dificuldade e extrema complexidade, se é que, em algum ponto, seria possível fechar uma “lista classificatória”.

Atribuindo uma forma à relação entre o sujeito e o discurso, o gênero configura-se, então, como efetiva ação social, todavia essa construção somente mostra-se eficaz à medida que o sujeito constrói relações comunicativas de interação por meio dela. Ou seja, o gênero discursivo somente se caracteriza como meio de ação das relações comunicativas ao passo que o sujeito compreende, ainda que de forma empírica, a noção de que o ato de enunciar se realiza necessariamente por meio de mecanismos mais gerais e flexíveis, variáveis de acordo com a esfera de comunicação, os gêneros.

Considerando esses pontos básicos na definição de gênero, percebemos a relação de instantaneidade que se projeta entre escolha e utilização de um ou outro gênero nas trocas discursivas, balizadas por princípios que conduzem o fazer enunciativo. Tais escolhas não representam problemas ou dificuldades, já que o sujeito, em tese, está capacitado para lançar mão de variados gêneros em sua comunicação diária, da mesma forma que, contemporaneamente, ubíquo entre os universos físico e digital, esse mesmo sujeito transita tranquilamente entre incontáveis possibilidades de integração de planos de sentido em intersemioses.

Ao referirmos a estrutura do texto e a construção do gênero, faz-se necessário que enfatizemos também os tipos textuais, que resultam de atividades e manobras de linguagem realizadas durante sua própria produção, sendo que essas atividades estão relacionadas com o material de produção em si, com o enfoque dado ao processo enunciativo e com o modo de tratamento da temática: os tipos

textuais¹¹ são pressupostos da construção e projeção dos gêneros em âmbito comunicativo-discursivo.

Em resumo, e para ratificar a relação tipo-gênero, valemo-nos de Schneuwly (2007, p. 38), ao considerar que os tipos de texto são

[...] construções necessárias para gerar uma maior heterogeneidade nos gêneros, para oferecer possibilidades de escolha, para garantir um domínio mais consciente dos gêneros, em especial daqueles que jogam com a heterogeneidade. Podemos, de fato, considerá-los como reguladores [...] poderosos, gerais, que são transversais em relação aos gêneros.

Torna-se, nessa perspectiva, importante relacionar os gêneros discursivos com os tipos textuais, posto que são elementos de grande relevância e tão poderosos demonstram-se que as mesmas sequências tipológicas manifestam sua transversalidade ao permitirem-se empregar em gêneros diversificados.

Outra reflexão pertinente quanto à configuração dos gêneros é que o direcionamento dos estudos da área da linguística aplicada ao campo da enunciação e do discurso coloca em evidência a discussão acerca de alguns conceitos-chave, como é o caso de sentido e significação. Diante de um cenário que articula variados pressupostos envolvendo questões comunicativas, estéticas, filosóficas e metalinguísticas, articular noções e conceitos relacionados ao discurso torna-se tarefa que implica o entendimento da linguagem e de sua concretude por meio de diferentes vieses. Abordando as contribuições de Bakhtin e sua obra para os estudos contemporâneos do campo em questão, Brait (2011, p. 88) observa nos estudos desse teórico

[...] uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem linguístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas.

Essa observação, mais do que situar os estudiosos da obra Bakhtin em relação à linguagem e à produção de sentidos, de certa forma alude à abrangência e

¹¹ De acordo com Marcuschi (2002, p. 22-23, grifo do autor), “usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*”.

a grandiosidade de sua obra, em que língua e sociedade compõem, juntas, o mecanismo norteador das práticas sociais.

Ainda em relação aos sentidos, as reflexões bakhtinianas conduzem a um entendimento de enunciação como resultado da associação entre a agência nos processos de interação (linguística e social) e o sistema discursivo que torna possível essa mesma interação:

essa é justamente a tônica que [...] sugere as bases para uma “filosofia da linguagem” que, sem ter sido didaticamente formalizada, inclui, como acontece na sequência dos trabalhos de Bakhtin ou nos que são a ele atribuídos, uma semiótica das ideologias, flagrada precisamente no intercurso social e nas manifestações de linguagem aí produzidas. (BRAIT, 2011, p. 91).

Embora não nos aventuremos, neste momento, a esmiuçar o elemento “ideologia” em si, na obra de Bakhtin e na produção de sentido no discurso – já que não objetivamos essa análise –, sabemos da importância de seu atravessamento para a apreensão de outros princípios como a relação sujeito e mundo, a dimensão da linguagem nesse horizonte e, em especial, a própria tentativa de conceituação de gênero discursivo, o que fazemos percorrendo outro caminho, conforme se tem observado.

É nesse espaço, aberto entre sujeito, discurso e mundo, que podemos situar a linguagem concreta, entremeada axiologicamente, manifestada por meio do discurso e valendo-se do sistema da língua, em constante renovação e atualização, já que todos esses fatores estão estreitamente vinculados a uma situação histórica e social. A construção do elemento linguagem permeia toda a obra bakhtiniana e seu caráter dinâmico é observável por meio de um amplo arranjo de vozes sociais. Linguagem é mediação de práticas e pluralidade de balizamentos contextuais. Nesse sentido, Di Fanti (2003, p. 103) pondera que existem “[...] linguagens de momentos, de lugares, transitórias, que possuem estruturas e finalidades próprias a determinados contextos. A linguagem, assim, está em movimento, ou seja, há uma orquestração discursiva que a constitui”.

Chegamos, assim, a uma proposição de grande relevância: a produção de significados de um discurso está diretamente relacionada com o ato irrepetível de sua realização, ou seja, cada ocorrência comunicativa projeta e produz significados a partir dos balizamentos situacionais de cada renovação da discursividade. São

esses envolvimentos intersubjetivos que reiteram a ideia de que cada enunciado é único, particular e as especificidades dos eventos discursivos, que implicam enunciados sempre maleáveis e adaptáveis, deixam no próprio discurso produzido as marcas da enunciação. Em suma, as demarcações e delimitações históricas e sociais dos acontecimentos linguísticos são fatores condicionantes da comunicação que somente podem se realizar por um prisma enunciativo.

Dessas ponderações resulta a noção de que a significação – considerada discursivamente – é instância da própria enunciação e faz valer, uma vez mais, a forte evidência do dialogismo: tanto em relação à interação entre interlocutores quanto em relação a outros acontecimentos discursivos, cada novo discurso produzido significa, tem valor comunicativo em função do quadro de sua inserção. Assim, acompanhando Brait (2011, p. 96), é plausível admitir que “[...] a linguagem funciona diferentemente para diferentes grupos, na medida em que diferentes materiais ideológicos, configurados discursivamente, participam do julgamento de uma dada situação”. E essa plausibilidade é que ratifica a insistência dos atuais estudos relacionados ao discurso em pautarem-se nos gêneros discursivos como possibilidades únicas de materialização da comunicação e do próprio discurso.

Ao tratarmos da realização da linguagem, observamos, então, que a manifestação linguística acontece por meio de gêneros e a concretização dessas manifestações para interação social, em seus mais variados campos e âmbitos, efetua-se por meio de textos. Dessa forma, damos ao tópico em discussão um caráter mais corpóreo e tangível. Tal qual o discurso, tomado em seu sentido mais amplo, os textos somente podem se realizar na forma de gêneros, que são determinados por condições e circunstâncias sociais, culturais e históricas. Podemos, a partir disso, discutir a noção de gêneros textuais e sua vinculação com as práticas discursivas cotidianas.

De acordo com Marcuschi (2002, p. 19), os gêneros textuais

[...] caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.¹²

¹² Observe-se a preferência do autor pela terminologia “gêneros textuais”, embora fortemente influenciado pelas ideias de Bakhtin, presentes na própria citação.

A dinamicidade, a maleabilidade e a plasticidade dos gêneros textuais caracterizam-nos como acontecimentos, episódios de linguagem adaptados às circunstâncias que são marcadores referenciais de sua realização, uma vez que, dependendo do campo da atividade humana e de comunicação que estiverem vinculados, apresentarão particularidades e propriedades específicas, tendo como objetivo maior o estabelecimento da interação, e, para isso, é natural que mecanismos diferenciados sejam empregados a cada ocorrência linguística.

Diante disso, é possível percebermos, uma vez mais, os gêneros não como formas e estruturas estagnadas e imóveis, mas como conjuntos de textos com um rol de semelhanças, e, embora fenômenos linguísticos, não são suas características linguísticas que os definem, e sim seus usos e funções como atividades sociodiscursivas e possibilidades de realização comunicativa com objetivos determinados em situações específicas.

Sobre o uso e a função como princípios fundantes dos gêneros textuais (e não suas características estruturais), Marcuschi (2002, p. 30) acrescenta que

[...] os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. Assim, um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero.

Essa plasticidade é amplamente observável no campo da publicidade em que textos com determinadas propriedades estruturais e linguísticas são utilizados com finalidades distintas das que seriam previstas para eles. Vejam-se, por exemplo, os casos de poemas, cartas e canções (entre tantos outros) que, a partir de configurações híbridas, permitem-se empregar com a finalidade de anunciar e promover produtos e serviços.

Dentre as convicções possíveis, até então, somos conduzidos pela de que a comunicação, em âmbito discursivo – de interação sócio-histórica de sujeitos – somente acontece por meio de gêneros, que, por sua vez, somente se concretizam por meio de textos. Assim, é que encontramos a verdadeira relevância do estudo dos gêneros (discursivos e textuais) para este estudo, especialmente pela própria necessidade cotidiana de comunicar, já que conhecer e manusear uma gama variada de gêneros é um pressuposto que gera determinada economia linguística: por meio da interação, sabemos qual gênero está sendo utilizado e como dever

acontecer essa utilização. Logo, considerando sua finalidade, seus usos e funções, os gêneros permitem-se observar enquanto eventos não apenas linguísticos, mas sobretudo discursivos.

As considerações reunidas nesta seção estão vinculadas à concretização da comunicação e, em última instância, instigam-nos a direcionar nosso olhar a uma reflexão não menos complexa: a construção das noções de interação, linguagem e sentidos nos renovados gêneros contemporâneos ambientados em rede de conexão, enfatizando em especial sua natureza altamente intersemiótica. É esse o tópico em discussão a seguir.

3.2. GÊNEROS DIGITAIS E SENTIDOS NO CIBERESPAÇO

[Ou a multimodalidade discursiva, os dizeres e os resgates em rede]

Uma vez que a alta capacidade de adaptação dos gêneros para manifestação discursiva é reflexo da necessidade comunicativa manifestada pelos usuários da língua – que se renova paulatina e permanentemente – ganha ênfase a ideia de que as inovações tecnológicas, principalmente na área da comunicação, são fatores determinantes da reinvenção dos gêneros, colocando à prova a funcionalidade de antigos apoios, que se recriam para satisfazer às necessidades dos usuários e da comunicação em si. Ou seja, ao passo em que as atividades humanas, paulatinamente, modificam-se, a linguagem, a comunicação e os gêneros discursivos acompanham o mesmo movimento, e conteúdo temático, estilo e construção composicional revestem-se de novas características.

Assim, se considerarmos que os fazeres do homem têm-se reconfigurado constantemente na contemporaneidade, é absolutamente plausível que a linguagem e os gêneros que representam e são refletidos por esse comportamento também se remodelam. Como consequência, as modernas tecnologias de informação e comunicação, abrindo espaço para suportes totalmente novos, permitem e sugerem o aparecimento de gêneros discursivos inéditos, com identidade própria, marcada pela relação que estabelecem com o emprego da linguagem e da língua. É o caso das charges animadas (para permanecermos com um exemplo já citado anteriormente), viáveis graças às modernas tecnologias, e que, pela integração de semioses variadas como signos verbais, imagens em movimento e sons, projetam

sentidos que não podem ser apreendidos se baseados nos valores individuais de cada um desses planos de comunicação.

Vinculando-nos diretamente ao panorama balizado por elementos como interação, campos de atividade humana, elementos fundantes dos gêneros, concretude discursiva e contemporaneidade tecnológica, somos direcionados à discussão acerca da discursividade que viabiliza a comunicação em plataformas virtuais, especialmente: é nesse âmbito que se encontra mais fértil terreno para a associação de semioses múltiplas, planos de sentidos plurais, para a projeção de sentidos. Estamos tratando da multimodalidade discursiva.

3.2.1 A prática discursiva intersemiótica

Benveniste (2006) observa, ao tratar da ciência dos signos, que Ferdinand de Saussure, com seu Curso de Linguística Geral, já se dava conta da abrangência dos diversos sistemas semióticos envolvidos no fazer comunicativo e mostrava-se interessado com o lugar determinado para o sistema linguístico nas então futuras pesquisas na área da semiologia:

[...] a preocupação de Saussure é a de descobrir o princípio de unidade que domina a multiplicidade de aspectos com que nos aparece a linguagem. Somente este princípio permitirá classificar os fatos da linguagem entre os fatos humanos. A redução da linguagem à língua satisfaz essa dupla condição: ela permite colocar a língua como princípio de unidade e ao mesmo tempo encontrar o lugar da língua entre os fatos humanos. Princípio de unidade, princípio de classificação, eis introduzidos os dois conceitos que vão [...] introduzir a semiologia. (BENVENISTE, 2006, p. 47).

Por ser um sistema de expressão de ideias por meio de signos, a língua pode comparar-se a outros de mesma natureza, mas nenhum deles adquire maior importância ou *status* mais elevado. Por outro lado, a língua deixa-se perceber dentro de outro campo, que a abrange, a Semiologia, concebida como a ciência voltada aos estudos da vida dos signos no íntimo das interações sociais. É essa relação necessária com a Semiologia que abre espaço e dá destaque à Linguística no campo científico. Colocando em estreita afinidade a Semiologia e a Linguística, observamos a natureza de ambas vinculada ao princípio da arbitrariedade do signo, relacionando-o a todos os sistemas semióticos. O signo, entretanto, para promover situações de significância em outros sistemas semióticos – que não linguísticos –, pressupõe a língua para sua produção e interpretação. Nessas condições,

[...] limitar o universo discursivo aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa 'intersemiótica', mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que **os diversos suportes intersemióticos não são independentes uns dos outros**, estando submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas, etc... (MAINGUENEAU, 2008c, p. 137, grifo nosso).

Se considerarmos que plataformas semióticas diversas podem agir de maneira integrada, estando, inclusive, subordinadas às mesmas limitações históricas e culturais, percebemos de forma clara o papel insubstituível desempenhado pela língua, enquanto sistema de produção e interpretação de signos das mais variadas naturezas voltada à discussão do aspecto prático de sua realização. Nossa vida diária está vinculada a malhas de signos complexamente engendradas, que condicionam e definem não somente os usuários (devido a uma necessidade de organização mental), mas também a eles próprios. O que há de comum entre todos os sistemas alicerçados em signos e que também os liga à semiologia é, de acordo com Benveniste (2006, p. 52, grifo do autor), “[...] sua propriedade de significar ou SIGNIFICÂNCIA, e sua composição em unidades de significância, ou SIGNOS”.

Vale ressaltar que nos meios intersemióticos, cada sistema se constrói a partir de seus próprios signos, mas em função simultânea às projeções e valores dos signos de um plano adicional ao qual o primeiro está vinculado.

É preciso que a relação colocada entre sistemas semióticos seja ela própria de natureza semiótica. Esta será determinada primeiramente pela ação de um mesmo meio cultural, que de uma maneira ou de outra produz e alimenta todos os sistemas que lhe são próprios. Trata-se ainda assim de uma relação externa, que não implica necessariamente uma relação de coerência entre os sistemas particulares. Há uma segunda condição: trata-se de determinar se um sistema semiótico dado pode se autointerpretar ou se ele deve receber sua interpretação de um outro sistema. (BENVENISTE, 2006, p. 54).

Nesse sentido, a significância das unidades sonoras e imagéticas – e até mesmo intersemióticas – de tais textos

[...] não remete [...] jamais a uma convenção identicamente recebida entre parceiros. É necessário descobrir a cada vez os termos, que são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza, logo reinventados a cada obra, em suma, que não podem ser fixados em uma instituição. (BENVENISTE, 2006, p. 60).

No entanto, embora o plano imagético manifeste-se como universo único, voltado para si próprio e balizado pela enunciação, permite-se interpretar por outro sistema, o linguístico, que possui excelência nessa tarefa e também na interpretação de qualquer outro sistema semiótico. A partir dos estudos do linguista francês cujas contribuições nos servem de base, “nenhuma semiologia do som, da cor, da imagem será formulada em sons, em cores, em imagens. Toda semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua”. (BENVENISTE, 2006, p. 61). Do ponto de vista linguístico, essa relação de interpretância entre o sistema linguístico e outros das mais variadas naturezas é a associação fundamental a ser feita, pois marca a diferença entre os sistemas que possuem potencial de articulação (como o linguístico) e os demais, que recorrem às matrizes de significância daqueles para construir valor e projetarem algum sentido: é a língua (enquanto sistema) que possui a capacidade de categorizar e interpretar variados sistemas, inclusive a ela própria.

Para que se tornem legítimos, unidades não-verbais e enunciados linguísticos deixam-se submeter a condições específicas da discursividade, integradamente: no interior do plano do texto, devem interagir harmonicamente com vistas à projeção de sentidos. De acordo com Maingueneau (2008c, p. 139),

[...] a coexistência de textos que pertencem a domínios semióticos diferentes não é [...] livre no interior de uma formação discursiva determinada. Não é qualquer domínio que pode figurar com qualquer outro, e essas restrições são função, ao mesmo tempo, do gênero de práticas discursivas envolvidas e do conteúdo próprio de cada uma.

É interessante, além do mais, considerarmos que a natureza discursiva dos mais variados esquemas semióticos é o canal viabilizador de sua harmonização, de sua mestiçagem, de sua hibridização. Somente no âmbito da discursivização, planos de sentidos, a princípio, diversos encontram possibilidade de engendramento na projeção enunciativa, em que múltiplos dizeres permitem-se, em caráter axiológico, atualizar língua, imagens e sons, por exemplo, e dessa forma atualizar o mundo diante do outro.

A aceitação dessa proposição pressupõe aceitarmos que é, basicamente, por meio da hibridização de gêneros – e para além do monopólio da língua como

sistema – que o discurso, contemporaneamente, toma forma, converte-se em concretude enunciativa, em texto.

É cada vez mais perceptível, se considerarmos as práticas discursivas na cibercultura, que a fragmentação cultural homogeneizada que é movimentada pelos discursos – que não somente ganham espaço, mas, efetivamente, constroem-se e constroem a rede – representa as múltiplas possibilidades de dizer, contemporaneamente, e isso somente ganha corpo por meio das intersemioses, forte e absolutamente influenciadas pelo que é dizível em determinado espaço e em certo momento histórico.

A respeito desses elementos condicionantes e balizadores do que é possível discursivizar, Maingueneau (2008c, p. 138) acentua que “O pertencimento a uma mesma prática discursiva de objetos derivados de domínios semióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas”.

É a partir dessas restrições que pensamos possíveis e absolutamente pertinentes a noção de tópicos semantizadores – explorados na seção 3.2 deste trabalho –, em que as interseções entre semioses tornam possível a sistematização da multimodalidade discursiva: é necessário que se busquem os pontos de encontro e harmonização entre os sistemas de naturezas variadas, não para que se somem ou multipliquem suas partes de sentido, mas para que, a partir da aproximação possibilitada pelas restrições semânticas de cada eixo semiótico, se perceba a harmonização e o engendramento que fazem com que o sentido seja projetado e, a partir de uma leitura autônoma e crítica, o leitor possa, efetivamente, construir tais sentidos.

Considerando os elementos basilares relacionados à enunciação, à discursividade e à natureza intersemiótica dos gêneros textuais que apresentamos, é que podemos aludir mais especificamente ao resgate de sentidos projetados pelos textos multimodais de gêneros digitais.

3.2.2 Multimodalidade e resgate de sentidos

Os textos multimodais de gêneros digitais oferecem o atrativo das semioses variadas projetadas de modo simultâneo, uma das faces da multiplicidade. Preliminarmente, vale salientar que, se por meio de textos, imagens e sons,

simbolicamente é possível castigar, condenar, punir, é também possível proteger, resguardar, asilar: como prefere Kress (2000), ações sociais são fenômenos multimodais. Mais fortemente ainda acontece a influência desses sistemas nos processos de interação por meio da comunicação quando estiverem integrados: palavras, imagens e sons associados na projeção de sentidos operam conjunta e simultaneamente com a finalidade de discursivizar.

Em textos de natureza multimodal, palavra, imagem (estáticas e em movimento) e som completam-se com suas funções semânticas próprias, justamente porque a harmonização dessas linguagens inscreve “possibilidades de significação [que] não são meramente aditivas” (LEMKE, 2010, p. 462), mas que, em engendramento, produzem e projetam significados mais profundos e complexos, que, muito possivelmente, apenas uma dessas linguagens não daria conta de produzir. Além disso, não há supremacia de uma das semioses na organização significativa, “mas sim a harmonia (ou não) visual estabelecida entre ambos” (DIONÍSIO, 2011, p. 160 -161), manifestando certo equilíbrio responsável por criar e promover efeitos de sentido mais completos, refinados e enriquecidos.

Aceitamos e acompanhamos, entretanto, Maingueneau (2008c) que, ao discutir a prática intersemiótica em formações discursivas – e a análise, nesse âmbito, adquire outros contornos, vale salientar –, considera como basilar a influência do plano linguístico: a ampliação da análise discursiva voltada a domínios semióticos variados e integrados

[...] não significa que esses diversos domínios sejam isomorfos em seu modo de estruturação, mas apenas que o sistema de formação discursiva deve restringir esses modos de estruturação, quaisquer que eles sejam. Certamente, **as produções linguísticas têm nisso um papel dominante**, mas que não poderia ser exclusivo”. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 139, grifo nosso).

Em relação a esse processo, Lemke (2010, p. 461) enfatiza que o plano linguístico “[...] pode ou não pode formar a espinha dorsal organizadora de um trabalho multisemiótico”, e esse é o caso da maioria das ocorrências textuais de gêneros digitais amparados na *web*, em que se tem imagem e som como elementos constitutivos e, muitas vezes, também basilares à organização discursiva, na articulação com outras semioses.

A configuração multimodal dos textos vincula-se intimamente, assim, com as combinações e articulações semânticas e pragmáticas estabelecidas entre modos de significação de diferentes naturezas na materialização discursiva, o que significa que a multimodalidade é gerada a partir de determinadas escolhas e viabilização de arranjos com outros signos (DIONÍSIO, 2014).

Nessa perspectiva, Kress (2000, p. 184, tradução nossa) ressalta que toda atividade discursiva possui traços multissemióticos, especialmente se considerarmos que “[...] nenhum texto pode existir em um único modo, de maneira que todos os textos são sempre multimodais, embora uma modalidade entre elas possa dominar”, dependendo das características sociocomunicativas elementares do próprio gênero. Vale, nesse cenário, lembrar a influência decisiva que a vinculação do gênero a determinada esfera de atividade e comunicação humana exerce em sua construção composicional, conforme discutimos na seção 3.1.

Ainda discutindo a integração de variados planos semióticos no processo de projeção de sentidos, Kress (2000, 181, tradução nossa) enfatiza que “[...] a questão da multimodalidade lembra-nos com força que a semiose humana repousa, em primeiro lugar, sobre os fatos da biologia e da fisiologia”, especialmente porque para interação com o mundo e com incomensuráveis sentidos nele e por ele projetados, investimos todos os nossos meios fisiológicos de percepção, como visão, audição, olfato, paladar e tato, e todos eles dão de si parcela indispensável para o resgate de sentidos veiculados em construções semânticas específicas e altamente diferenciadas. Nesse sentido,

Conforme o material discursivo com o qual se interage, porém, alguns dos sentidos desempenharão papéis mais decisivos no processo de ressignificação. Em uma situação discursiva articulada em torno de uma publicidade em vídeo, por exemplo, a audição e a visão serão os sentidos mais acionados. Grosso modo, podemos dizer que, enquanto a visão proporciona o contato visual com o quadro cênico (ambientação, jogos de enquadramento etc.) e com as personagens projetadas na peça publicitária (aparência e expressões físicas, interação encenada etc.), possibilitando, assim, a construção de imagens discursivas desses sujeitos e dos sentidos pretendidos pela encenação, a audição, por sua vez, permite não só a decodificação do material linguístico acionado, mas, também, a percepção do estilo projetado e demais recursos sonoros utilizados (canções, música instrumental, ruídos etc.), que interferem diretamente na constituição semântica do referido dispositivo discursivo. (MOURA; OLDONI; FREITAS, 2019, p. 220-221).

Sem dúvida, as mídias digitais, em especial as construídas em plataformas virtuais, estimulam o engendramento multimodal – e aqui ampliamos a discussão dos autores recém-citados para além dos domínios da publicidade –, pois as construções de sentido vão além dos limites do verbal e da imagem estática.

Com base nessa reflexão a respeito da natureza multimodal das contemporâneas concretudes textuais, fica evidente sua indissolubilidade em relação à noção de multiletramento: “capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos etc. – para delas tirar sentido”. (ROJO, 2012, p. 31). O cenário contemporâneo estimula, definitivamente, o potencial intersemiótico de gêneros, e é a popularização de suas variedades multimodais que torna o momento propício à sugestão de novos instrumentos possibilitadores da construção de sentidos, de forma sincrônica.

Em potencial participação ativa em processos de mudança social, os multiletramentos estão relacionados com representações mais amplas que as linguagens multissemióticas, consideram elementos culturais e sociais específicos, além dos variados modos de significação por meio dos quais os sujeitos interagem para atingir seus propósitos comunicativos. (COPE; KALANTZIS, 2000).

Desse modo, tornam-se essenciais novas concepções para interação com textos multimodais de gêneros digitais e configura-se como uma exigência que novos letramentos sejam desenvolvidos – tarefa ainda atribuída exclusivamente à escola. Essa perspectiva pressupõe, inclusive, a renovação das aulas de língua materna, em que se lance mão da aplicação de novos paradigmas de ensino e de aprendizagem, como é o caso de uma “pedagogia dos multiletramentos”. Rojo (2012), apoiada nas contribuições do “Grupo Nova Londres”, apresenta uma sistematização dessa dinâmica, em que o ensino e a aprendizagem teriam base em prática situada, instrução aberta, enquadramento crítico e prática transformadora. É indispensável que a prática de uma pedagogia dessa natureza enfatize o que de fato a torna múltipla: “a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa”. (ROJO, 2012, p. 13).

É assim que a experiência singular e íntima da leitura crítica e autônoma converte-se em princípio estrutural da prática do multiletramento¹³. E para o concreto desenvolvimento de competências linguístico-discursivas, é indispensável que o referido hibridismo seja percebido como a combinação das significâncias empregadas de forma sincrônica.

Isso posto, destacamos, a partir das palavras de Rojo (2012, p. 23), as características fundamentais dos multiletramentos:

- (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Em relação ao caráter interativo dos multiletramentos, vale ressaltar que, devido à sua relação intrínseca com a multimodalidade discursiva, essa interatividade acontece em patamares diversos, principalmente por meio das multimídias – que discutiremos na sequência – e, por isso, depende de nossas provocações e de nossa agência enquanto sujeitos-usuários. Essa interatividade transforma-se rapidamente em colaboração e interação, já que o uso das plataformas virtuais e as mídias digitais têm como princípio fundante a interação/convívio dos usuários, que somente se concretiza em ações cooperativas.

Ocorre que, por conta dessa mudança significativa relacionada ao manuseio das plataformas de comunicação, e considerando a vinculação com os meios digitais pela maioria dos estudantes com os quais trabalhamos, as intervenções didático-pedagógicas devem, então, estar voltadas para uma aprendizagem também interativa e flexível, e não puramente curricular, com conteúdos e métodos engessados e pré-definidos.

Recorrendo a Rojo (2012, p. 27) mais uma vez, “[...] vivemos em um mundo em que se espera [...] que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário e do desejável, que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender, [...] e consigam colaborar com a urbanidade”. Os métodos de trabalho escolares e a educação linguística que privilegiem os

¹³ Considerando esse panorama é que proporemos, no Capítulo 3, a vinculação de tópicos semantizadores à análise de textos multimodais, para identificar elementos indispensáveis à sua interpretação e à construção real de sentidos, como forma de apontar caminhos para uma produção de conhecimentos cada vez mais expressiva e contribuir de forma efetiva para o multiletramento.

multiletramentos devem apresentar, pois, condições para que, amparados nas múltiplas possibilidades discursivas, os estudantes possam construir e consolidar os sentidos projetados/pretendidos pelo entorno linguístico multimodal e lidar com eficiência com seus processos de produção, visto que é deles exigido que cada vez mais refinem e aperfeiçoem suas habilidades de leitura e escrita.

Nesse cenário, são pertinentes as discussões que abordam a possibilidade e a exigência contemporânea de formação de sujeitos multiletrados, evidenciando, necessariamente, o vital papel das instituições de ensino e sua relação com a informática. Acompanhamos Coscarelli (2014, s. p., grifo nosso), na explicitação de tal relação:

[...] a informática precisa entrar na escola porque ela pode ser um recurso que pode ajudar a minimizar a exclusão de muitos sujeitos já excluídos em muitas outras situações. Muitos brasileiros não vão ao teatro, nem ao cinema, não frequentam bares e restaurantes, nunca visitaram uma galeria de arte nem sabem ao certo o que é uma ópera ou um concerto. É muito difícil uma escola conseguir preencher todas essas lacunas e dar a seus alunos acesso a esse universo cultural. Assim também como é difícil uma escola manter uma biblioteca atualizada com jornais diários e revistas semanais ou quinzenais. Jornais de outros estados e importados, então, nem se fala. **Pois é aqui que a informática, mais especialmente a Internet, entra. Nessa rede, o que era impossível passa a ser alcançável.** O que não era realidade dos alunos (e que muita gente acredita que não deva ser) passa a poder fazer parte do dia a dia deles.

Para que a internet, por meio da própria escola, torne-se efetivo recurso e elemento facilitador do letramento digital, é indispensável, então, o contato com a informática e o domínio de algumas de suas técnicas, por mais elementares que sejam, como a digitação, os caminhos de acesso à rede, o manuseio de navegadores e as possibilidades de contato com informações e conhecimentos disponibilizados digitalmente. Nesse sentido, é absolutamente pertinente a reflexão acerca de algumas concepções que permeiam as práticas didáticas e pedagógicas: observar como se concebem a escrita, a leitura, o texto e o próprio processo de aprendizagem pode tornar mais nítida a necessidade do contato com a informática e com a internet. Além do mais, por meio do desenvolvimento de competências que permitam ao sujeito a apreensão da diversidade cultural e linguística, constroem-se também novas noções de cidadania; justapondo diferentes linguagens, discursos, estilos, abordagens e semioses, amplia-se, por meio da mesma dinâmica, a capacidade de pensar criticamente sistemas complexos e suas interações. (THE NEW LONDON GROUP, 2000).

Desvincular as noções de multimodalidade e multiletramento seria tarefa questionável – e mesmo sua necessidade seria discutível – já que ambas representam processo único de discursivização por meio de integrações semióticas múltiplas e o desenvolvimento de competências que permitem tal prática. Isso justifica nossa opção por aludir, aqui, aos multiletramentos para intensificação da ideia de multimodalidade, noção amplamente potencializada pela linguagem que possibilita as interações em rede, o que discutiremos no tópico que segue.

3.2.3 Pluralidade e construção de sentidos na leitura em rede

É justamente uma nova postura dos sujeitos frente às relações interpessoais, ao conhecimento e à cultura que não apenas permitiu, mas exigiu que a linguagem utilizada para navegação, leitura, produção e interação por meio da rede planetária de computadores – hipermídia e transmídia – adquirisse *status* pleno de linguagem. Santaella (2013, p. 231) considera que

A hipermídia [...] é entendida como a junção do hipertexto com a multimídia, ou seja, é justamente a linguagem com a qual lidamos quando navegamos pelas informações nas redes. A transmídia refere-se à passagem de conteúdos sógnicos de uma mídia para outras, compondo uma unidade complexa.

Não apenas hiper e transmídia, mas hipertexto, multimídia e redes são noções que pressupõem uma reflexão um pouco mais atenta para que possamos, em última instância, melhor conceber as práticas de leitura da contemporaneidade e as tecnologias e competências que essa leitura implica.

É notório que vivemos uma nova era da linguagem e da comunicação humanas, e isso se deve em grande parte ao desenvolvimento tecnológico, responsável pela conversão da ampla maioria dos registros sógnicos em mídias digitais, o que significa dizer que todo elemento simbólico da realidade pode ser disponibilizado em rede, desde o alfabeto até a mais complexa forma gráfica. Entretanto, se a codificação da imensa variedade de registros vale-se de um processo singular, as tiras de zero e um, o resultado é um cenário intensamente plural, representado no ciberespaço. A conexão interativa – que se vale do retorno imediato, de trocas e do acesso permanente e constante dos usuários – permite, além da tradicional busca de conteúdo e do atendimento a necessidades diversas, a

reconstrução das dinâmicas da própria vida, inaugurando uma nova modalidade do contato face a face.

Uma vez que nosso objetivo é propor reflexões e não alcançar conceitos estáticos, nos distanciamos do ideal de buscar, aqui, uma noção absolutamente técnica de ciberespaço e cibercultura. Por isso, acompanhamos Santaella (2013, p. 233), quando propõe que

É no ciberespaço, um espaço incorpóreo de bytes e luzes, tecido não só com a abstração de informações, mas paradoxalmente também tecido com os mesmos afetos que dinamizam nossas vidas, tecido tramado por sentimentos, desejos, expectativas, ações, frustrações e descobertas, que foi surgindo aquilo que passou a ser chamado de cibercultura, uma cultura que se desenvolve de modo similar a novas formas de vida numa ecologia propícia.

Assim, mesmo representando uma espécie de imaterialidade e sendo concebido como um ambiente intocável, o ciberespaço está à nossa volta, na palma da mão, em frente aos olhos como um novo espaço de vivências e constituído por princípios muito semelhantes aos que representam a construção da noção da realidade em si. O instrumento de viabilização e abastecimento que tem possibilitado essa arquitetura do ciberespaço é, hoje, o microprocessador, presente, inclusive, nos abundantes *smartphones*, que – e não é exagero afirmar – já se fundem aos cenários do cotidiano. Justamente por isso, é característica dessa tecnologia a mobilidade: conectar, acessar, interagir, abastecer a rede são ações realizáveis a qualquer tempo, de qualquer lugar. Lembremos: o leitor, hoje, é ubíquo.

Informação, conhecimento e entretenimento são disponibilizados por meio de signos paradoxalmente construídos: se, por um lado, são instáveis e intangíveis, por outro, são também permanentemente resgatáveis e reconstruíveis em um processo de comunicação global, a partir de vários centros de produção, provisão e acesso. É a partir dessa ótica que vislumbramos o hipertexto, como elemento estrutural do ciberespaço, cenário de construção de uma cultura não apenas digital, mas que agrega novas tendências, novas maneiras de perceber a interação humana e a construção do conhecimento e da vida social: a cibercultura.

Sobre a construção do hipertexto, vale que ressaltemos alguns de seus elementos. Ainda que tenha recebido algumas heranças do texto impresso, como a organização de páginas, a sumarização de conteúdos e o próprio processo inicial de registro de signos, o hipertexto desliga-se das canônicas produções enclausuradas

entre capas e quebra com sua tradicional linearidade. Essa foi por muito tempo a principal forma de caracterização do texto em rede: a não-linearidade. Enquanto conexão de nós – sejam eles palavras, imagens, páginas, sons etc. – essa rede estrutural não permite definir o que se aproximaria de limites de um interior e as margens do texto passaram a ser voláteis, concebidas apenas quando uma sessão de leitura é encerrada.

Essa característica fundante da noção de hipertexto, a não-linearidade, coloca em evidência a dinâmica do texto de fazer-se e refazer-se incessantemente e já indicia um breve conjunto de habilidades preliminares que deve ter o leitor disposto a resgatar sentidos em sua interação com a rede hipertextual: ordenar, selecionar, associar, contextualizar informações e expandi-las¹⁴, filtrando, na multiplicidade global e por meio de movimentos entre textos, aquilo que compõe sua própria produção.

Com conectividade máxima entre blocos de sentido, a leitura no universo hipertextual permite que o texto se organize e reconstrua a partir das decisões de linkagem do próprio leitor que, ao ler, assume também a postura de autor do processo, afinal é sua a tarefa de realizar a justaposição de blocos de sentido e a escolha dos nós que direcionarão o caminho a ser seguido. O texto é, a partir dessa perspectiva, múltiplo e livre em produção, associações e sentidos, o que implica novas representações mentais, novos leitores e, sem dúvida, novos sujeitos, como discutimos na seção dedicada ao perfil no novo leitor, no Capítulo 1.

O que representa essa liberdade hipertextual, em sua essência, é a possibilidade de infinitas redes de linkagem, os famosos nós que arquitetam a estrutura do ciberespaço. Se os *links* são definidos pelo leitor, em sua leitura do texto impresso – quando decide os momentos de pausa na busca de outras informações relacionadas ao material de leitura –, no hipertexto, as possibilidades de conexão com outros textos são dadas pelo próprio autor do bloco de leitura, sugerindo ao leitor que vislumbre vários caminhos a seguir e opte pela sua trajetória individual: construído ao passo em que é posto em movimento pelo leitor, cada texto tem em si vários outros textos, e é impossível para o leitor saber tudo o que vinha antes dele ou virá depois. Aberta uma sessão de leitura, é demarcado também um

¹⁴ Embora seja possível que a leitura do texto impresso em plataformas analógicas possibilite ao leitor a mobilização dessas habilidades, elas são intensamente potencializadas e necessárias para a leitura no hipertexto.

ponto central de referência para construção de sentidos, e constituir um início ou compor uma finalização do texto só pode acontecer em cada sessão, mas é tarefa impossível imaginar que o hipertexto apresente essas marcas.

O recorte na estrutura é o que possibilita a experiência única de leitura, baseada num suposto plano de interação, em que não há garantias de que o desfecho seja o esperado, devido à infinidade de conexões possíveis, construídas ao clique não arbitrado, muitas vezes intuitivo, mas que conta também com a alternativa da volta, com chance de retomada e opção por outros trajetos.

Se até então discutimos a desvinculação da linearidade para se conceber o hipertexto, isso não é mais parâmetro único para seu entendimento, em mais amplo panorama. O contato com o texto em rede precisa ser entendido como experiência singular de semantização de signos para que a experiência de leitura adquira o *status* que atribuímos a ela: um lugar de vivência pessoal significativa e sempre única, momento de (re)descoberta do sujeito leitor, indicador reconstrução de sentidos das práticas sociais multiletradas. Essa experiência de semantização pressupõe a interação ativa com planos de sentido variados que, em harmonia, fazem surgir uma nova modalidade de escrita, a linguagem da hipermídia.

Na categoria do escrito, os signos das mais variadas naturezas que compõem o hipertexto estão englobados. De certa forma, concebendo um novo parâmetro para a noção de escrita, conseqüentemente há a necessidade de uma também nova percepção de leitura. Essa cultura escrita, então, congrega as mais variadas mídias – inclusive a palavra – na eficiente tarefa de incorporar-se ao cotidiano para movimentar múltiplos ecossistemas de subculturas. Cibercultura não é retrato, não é reflexo, não é reprodução virtual, não é uma parte da realidade: é um complexo de experiências, vivências, conhecimentos e costumes de uma comunidade – agora global – fundada no ciberespaço que, por sua vez, tem no hipertexto sua arquitetura. Santaella (2013) também percebe esse encontro de mídias e atribui ao computador a responsabilidade pela sua comunhão. A autora insiste que, nesse processo de convergência, a ênfase deve estar não nas mídias em si, mas nas linguagens que lhes dão forma, conteúdo, e movimentam suas mensagens.

Grosso modo, podemos considerar que é a hipermídia, enquanto linguagem da cultura digital, o gerador de sentidos das práticas discursivas multimodais. Englobando em sua essência o engendramento de pertinentes mídias e variadas

semioses, é essa espécie de multimodalidade digital que não apenas incita, mas também viabiliza significações, sentidos e valores na cibercultura.

Além disso, é interessante observarmos a forma como as mídias têm-se permitido mestiçar, num verdadeiro movimento de hibridização em que supostas barreiras que cerceariam a construção de sentidos veiculados em plataformas isoladas são efetivamente diluídas. Se observarmos situações em que o enredo de um filme é transposto para um *game*, ou praticidade da geolocalização por satélite é agregada às redes sociais – entre muitos outros exemplos –, perceberemos novas configurações, projeções e resgates de sentidos para as práticas de linguagem e interação social por meio delas. A centralidade de uma mídia é substituída, nessa perspectiva, pela potencialidade das multimídias que, em si, carregam o gérmen da multiplicidade e enfatizam a veiculação de mensagens: a transmídia vale-se, então, de linguagens múltiplas que tem sua origem em mídias variadas.

Hipermídia e transmídia são, notoriamente, uma nova formatação da linguagem. Nessa perspectiva, temos em Santaella (2013, p. 245) uma importante retomada:

Quando o hipertexto se funde com a multimídia, ele se torna hipermídia, quer dizer, os nós, que nos remetem a outros documentos, não são mais necessariamente textuais, mas nos conduzem a fotos, vídeos, músicas etc. Essa mistura densa e complexa de linguagens, feitas de hiper-sintaxes multimídia – povoada de símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras, também povoada de vozes, músicas, sons e ruídos –, inaugura um novo modo de formar e configurar informações, uma espessura de significados que não se restringe à linguagem verbal, mas se constrói por parentescos e contágios de sentidos advindos das múltiplas possibilidades abertas pelo som, pela visualidade e pelo discurso verbal, algo que parece dar guarida à hipótese de que, nas raízes de todas as misturas possíveis de linguagens, encontram-se sempre essas três matrizes fundamentais: a verbal, a visual e a sonora, em todas as variações que cada uma delas realiza.

Esse é um posicionamento de extrema importância, se considerarmos, conforme afirmamos anteriormente, que as noções de hipertexto e ciberespaço já não estão vinculadas exclusivamente ao princípio da não-linearidade, mas estão ligadas intimamente com a hipermídia, linguagem que se vale da confluência dos planos verbal, imagético e sonoro. É por meio dessas três matrizes que a multimodalidade presente na hipermídia permite-se discursivizar, afinal, suas misturas, associações e harmonizações garantem construções infinitas, inéditas e atualizadas a cada encontro por meio da leitura.

Cabe, a partir do que resgatamos até então, que nos voltemos ao comportamento e às competências do sujeito diante das possibilidades de uso e interação envolvendo as hipermídias e mediadas pela leitura no hipertexto: a próxima seção dedica-se a uma reflexão relacionada ao letramento digital, retomando, também como forma de sistematização, elementos e noções que consideramos indispensáveis à construção que estamos empreendendo com este texto. As ênfases que imprimimos a alguns conceitos e pressupostos são reflexos de nossa intenção de torná-los vívidos, já que de sua apreensão depende a análise de corpus apresentada no capítulo final desta tese.

3.2.4 A leitura na vez do multi: questões acerca do letramento digital

Considerar que vivemos a vez do multi significa perceber a multiplicidade que está à nossa volta e a ênfase que essa dinâmica adquiriu, contemporaneamente. Apreender a multimodalidade nas associações intersemióticas, na multiplicidade de plataformas e na pluralidade de culturas implica, definitivamente, reconhecer a existência de novas exigências, novas competências potenciais e novas práticas do sujeito leitor, também renovado. Ao passo em que as práticas discursivas vêm se adaptando às demandas contemporâneas de comunicação e interação por meio da hipermídia, novas competências são exigidas dos sujeitos, que mobilizam planos variados na estruturação de suas práticas. Assim, a abordagem, o estímulo e o desenvolvimento dessas competências dos multiletramentos têm também conquistado cada vez maior espaço de discussão.

Acompanhando um intenso movimento das ciências da linguagem de alteração de foco do texto, material e estruturalmente construído, para a comunicação e a interação por meio de gêneros, ganham corpo as intensas análises aplicadas, que têm como mote as práticas sociais envolvidas pelo ler e pelo escrever e dependentes deles; o acesso e a participação nessas práticas envolve, além da prévia consciência sobre elas, o domínio de técnicas, experiências e artefatos que viabilizam seu manuseio: nesse espaço é que se concebe a ideia de letramento – que vai de uma noção genérica, perpassando a concepção de letramentos múltiplos, multiletramento e atinge aplicabilidade bastante pontual, por meio do chamado letramento digital, ao qual dedicaremos importante espaço em nossas discussões. Uma concepção prévia para essa dinâmica encontramos em Coscarelli e Ribeiro

(2014, s. p.), ao enfatizarem que “Letramento digital é o nome que damos [...] à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. São essas possibilidades de contato com a leitura e com a escrita em ambientes digitais que exigem, então, um olhar diferenciado, tanto relacionado à sua natureza, quanto voltado à sua sistematização na construção de sentidos.

A expansão do conceito de letramento promove a acolhida, no cerne da discussão, de variados planos e recursos semióticos na construção de sentidos, complexo processo que envolve desde a projeção de significações até o efetivo resgate de valores em um gênero discursivo. E são esses sentidos concretamente construídos que permitem o envolvimento do sujeito em práticas sociais, por meio das linguagens. (THE NEW LONDON GROUP, 2000). A participação em dinâmicas sociais exige, por sua vez, que o sujeito lance mão de sofisticados recursos e amplas competências que abarcam a percepção da multiplicidade cultural, linguística e de plataformas nas quais os gêneros contemporâneos estão envolvidos, além, obviamente, das decisivas contribuições de novas tecnologias para os processos comunicativos.

Temos aí as premissas dos multiletramentos – que discutimos anteriormente –, e ao passo em que o sujeito educa-se para essa realidade, mais se aproxima de uma participação influente na vida pública e social, interagindo de fato em situações que circundam, viabilizam e concretizam os mais variados discursos, que têm na pluralidade e na multiplicidade sua essência.

As práticas de linguagem envolvem, então, a mobilização de recursos semióticos pontuais de acordo com as necessidades comunicativas dos sujeitos em cada situação (COPE; KALANTZIS, 2000). É justamente nesse espaço que cabe a discussão a respeito do letramento multimodal, que tem como competência matriz a manipulação de recursos semióticos variados na projeção e resgate de sentidos. Se a realidade discursiva pressupõe a harmonização de planos de sentido diferentes na materialidade comunicativa, automaticamente o foco que até então residia na linguagem verbal passa a ser ampliado e volta-se para as intersemioses. É necessário compreender como as várias tecnologias de letramentos combinam seus sistemas semióticos para construir sentidos, que podem ou não ter como esquema principal o sistema linguístico. Tais significados, que, de acordo com Lemke (2010, p. 462, grifo nosso), precisam ser construídos globalmente,

são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente. Tenho chamado isto de 'significado multiplicador' [...] porque **as opções de significados de cada mídia multiplicam-se entre si em uma explosão combinatória;** em multimídia as possibilidades de significação não são meramente aditivas.

Assim, mais que complementação ou sobreposição, os sentidos veiculados pelos gêneros digitais em situações específicas de comunicação multiplicam-se por meio das integrações e engendramentos dos variados planos semióticos disponíveis e pertinentes: tais planos podem ser percebidos como recursos culturais de geração de sentido.

Torna-se evidente, a partir desses breves apontamentos, a reconfiguração da noção de texto, uma vez que está longe de ser representado apenas pela linguagem verbal escrita que, em si, possui arquitetura e padrões específicos. Entretanto, essa constatação é tão evidente quanto inquietante: discutir a insuficiência da linguagem verbal para a apreensão global de sentidos dos textos intersemióticos de gêneros digitais implica a necessidade do reconhecimento das especificidades dos demais modos semióticos mobilizados na materialização dos gêneros e, assim, os desafios às competências discursivas dos sujeitos imersos nas práticas comunicativas contemporâneas tornam-se ainda mais intensos.

Se, por um lado, esse panorama pode parecer problemático, por outro, encontramos amparo em um aspecto que, não por coincidência, está na própria natureza da multimodalidade discursiva: os ambientes virtuais – como as interfaces de aplicativos de bate-papo, as plataformas de redes sociais, os *sites* de notícias, entre inúmeros outros –, acolhedores de textos multimodais em sua essência, estimulam enormemente o resgate e a construção de sentidos não na harmonização de significações, mas na ampla percepção dos arranjos semióticos que dão forma à comunicação.

Nesse cenário, ação e interatividade são princípios dos sujeitos, que se constroem como efetivos autores dos ditos que compõem uma verdadeira malha discursiva atualizada permanentemente pela expansão, acréscimo, retomada, inserção de novas vozes. Estão, indiscutivelmente, descentralizadas as práticas que, por tradição, eram detentoras de prestígio. No contexto escolar, a abordagem e a valorização dos gêneros discursivos que representam essa nova dinâmica, os

gêneros mestiços, fronteiriços, como preferiria Rojo (2012), atenderiam à chamada prática situada, prevista pelo Grupo Nova Londres (2000).

Como competência discursiva, o manuseio adequado do potencial semiótico de cada plano de sentido e suas integrações não somente pode, mas impõe-se como necessidade de trabalho sistemático das práticas escolares: as mediações didático-pedagógicas e o contato analítico com gêneros de natureza multimodal devem promover uma espécie de catarse, um amplo dar-se conta e uma sensível percepção do envolvimento e da própria imersão do sujeito no universo intersemiótico que o envolve – a apreensão dos engendramentos dos modos de significação e a clara visualização de sua harmonização emergem, assim, como premissa para a compreensão e para os usos socialmente situados da multimodalidade discursiva.

A partir desse prisma – e por meio de uma ampla retomada da literatura da área –, Catto (2013, p. 161) ressalta que o “[...] o conceito de multimodalidade seria o ponto de partida para compreender e explicar como os significados são construídos socialmente e o letramento multimodal como o conjunto de saberes envolvidos na realização dessas construções”. Assim, letrar-se para a multimodalidade discursiva implica uma noção distinta do próprio ato de ler – que envolve, além da noção de subjetividade, aspectos de universalidade.

A dinâmica que nos transforma em leitores – absolutamente ubíquos, como já discutimos anteriormente – passa, necessariamente, por uma espécie de autoconstrução como sujeitos de uma sociedade essencialmente multimodal, em que o domínio das técnicas de leitura envolve mecanismos cada vez mais refinados que permitem o resgate de sentidos dos textos por meio dos quais nos integramos às práticas sociais. É dessa forma que a leitura transforma-se em auxílio para elaboração do mundo interior – como preconiza Petit (2008) –, que se liga com imensuráveis experiências externas, semioticamente representadas: o ato de ler é um gesto de afirmação da subjetividade, da individualidade, diante de vivências sociais. Sempre que um texto multimodal estiver situado socialmente – tornando concreta uma prática discursiva –, nele podem ser encontrados diversos caminhos, principalmente aqueles traçados pelo próprio leitor, e, a um só tempo, esse mesmo leitor deixa-se ler por meio do texto, encontrando, no mundo, um lugar para si próprio. Se, em nossa essência, somos tocados pelas representações semióticas, assumimos tanto a utilidade quanto o deleite consequentes dessa experiência.

Por meio de uma experiência singular, ao permitirmos que a leitura toque nossa essência, não estamos nos isolando do mundo; pelo contrário, estamos nos reintroduzindo na vida social modificados: esse ato permite a passagem da mais pura intimidade à grandeza da universalidade. A respeito dessa universalidade, que se inicia pela apropriação oferecida pela leitura e é percebida como a integração máxima às dinâmicas sociais, Petit (2008, p. 177) destaca que

Enquanto nos mantivermos no registro de um panteão a ser visitado, [...] todo mundo bocejará de tédio. Mas quando possibilitarmos encontros singulares com esses mesmos textos – ou com outros –, a batalha estará ganha. A apropriação é um assunto individual: um texto nos apresenta notícias sobre nós mesmos, nos ensina mais sobre nós, nos dá as chaves, as armas para pensarmos sobre nossas vidas, pensarmos nossa relação com o que nos rodeia.

Pensar sobre a relação que instauramos com o que nos cerca implica, necessariamente, a percepção de que ela acontece de forma privilegiada por meio de textos essencialmente multimodais e que, de fato, o contato-encontro com esses textos é o que podemos considerar o real possibilitador de uma efetiva conversão em agentes das próprias vidas.

Como é possível perceber, estamos tratando de novas tecnologias, não apenas no sentido clássico atribuído a elas, mas enquanto mobilização de um conjunto de ações, práticas e competências com a finalidade específica de manusear novo objeto: a materialidade discursiva ambientada no ciberespaço. O movimento no hipertexto só é possível por meio da leitura dos signos que o compõem. A partir dessa premissa – embora saibamos das controvérsias que acompanham as discussões acerca de um suposto conceito único de leitura – aceitamos que, além de sentidos, compreendidos, analisados e percebidos, sons e imagens podem também ser lidos. E essa leitura implica, necessariamente, interação.

Cada vez mais a ideia de multiplicidade mostra-se atual e pertinente. Além de estar presente quando nos referimos a fontes, fragmentos, culturas e plataformas, também está relacionada com a pluralidade do universo de signos que dão sua parcela de contribuição à linguagem da hipermídia. Consequentemente, se o universo sógnico é múltiplo, os tipos de leitores também o são.

A respeito da multimodalização que concretiza o discurso por meio da hipermídia, torna-se necessário que sejam impressas escolhas para o foco científico

de análise, a fim de garantir que o delineamento desejado não resida apenas no conhecimento empírico. Assim, nossa proposta é que se considere, para o mapeamento da situação em que se dá a leitura ambientada na rede, sua cena enunciativa, explorada a partir da Análise do Discurso proposta por Dominique Maingueneau. A isso nos voltamos no próximo capítulo.

4. A CENA ENUNCIATIVA MULTIMODAL

Tratar dos planos linguístico, imagético e sonoro e seus engendramentos na projeção e produção de sentidos nos textos multimodais pressupõe, a partir de uma competência discursiva, o domínio de mecanismos que contribuem para o entendimento global de determinado evento discursivo. Um desses artifícios que se demonstra bastante promissor e produtivo é a pertinente vinculação de noções de leitura crítica, intersubjetividade da linguagem, materialização da virtualidade da língua e manifestações intersemióticas com o conceito de “cena de enunciação” e “cenografia”, relacionadas à análise do discurso. A isso nos dedicaremos a partir de então.

4.1 O PLANO DO TEXTO NO FAZER DISCURSIVO

[Ou a cena de enunciação nos gêneros digitais]

Os estudos desenvolvidos por Dominique Maingueneau (2008a, 2008d, 2010) refletem uma tentativa de especificar o funcionamento discursivo, a partir do conjunto de sua significância, princípio que rege a organização do emprego da língua. Nessa abordagem, o autor faz referência à “existência de um princípio dinâmico que rege o conjunto dos planos de uma língua”. (MAINGUENEAU, 2008d, p. 76). Esses planos buscam dar conta de tal funcionamento recorrendo a outras manifestações a que se reporta o processo, observação e análise do léxico empregado, constatação daquilo que o discurso trata e dos estatutos e posições dos coenunciadores, além das marcações espaço-temporais do universo próprio criado na enunciação, do modo de dizer e das relações internas do discurso.

Instância dotada de dinamismo próprio, o discurso coloca-se, assim, como sistema complexo de vivências dos sujeitos coenunciadores. Uma vez que tal vivência se dá por meio do dizer, é o “modo de enunciação” que privilegiamos nessa análise, a fim de promover uma especificação do âmbito intradiscursivo.

Todos os atos de enunciação, de acordo com Maingueneau (2010), implicam não somente coordenadas dêiticas de pessoa, espaço e tempo para a apreensão do funcionamento do discurso, mas também a relevância do contexto no processo interpretativo. Assim, teorias da enunciação, semântica e disciplinas do discurso se engendram a fim especificar o emprego da língua, numa perspectiva enunciativa.

Para tanto, é importante que consideremos, na materialização linguística, o plano da enunciação elementar e o plano do texto¹⁵.

Compondo o plano da enunciação elementar, encontram-se a situação de enunciação e a situação de locução, representando, respectivamente, um âmbito mais abstrato e outro mais concreto da materialização da situação comunicativa. Maingueneau (2010, p. 200) define a situação de enunciação como um “sistema de coordenadas abstratas, puramente linguísticas, que torna possível todo e qualquer enunciado, fazendo-o refletir sua própria atividade enunciativa”, colocando em evidência as posições fundamentais de enunciador, coenunciador e não-pessoa.

Nesse panorama, o ponto de origem das coordenadas enunciativas é a posição do enunciador, marcada linguisticamente pelos pronomes pessoais de primeira pessoa. No mesmo plano está o coenunciador, oposto, mas solidário ao enunciador, passível de converter-se em enunciador. Não suscetível a efetuar um enunciado, está a não-pessoa que, por si, não pode assumir a situação de enunciação, e tampouco se configura no mesmo plano do enunciador e do coenunciador. “Eu” e “tu” não permitem substituições anafóricas, devido às posições que ocupam, ao contrário da não-pessoa. Esse sistema de coordenadas baseia também a marcação de dêiticos espaciais e temporais, o “aqui” e o “agora” da enunciação.

A situação de locução apresenta-se como sistema de materialização da enunciação, em que se distinguem três lugares/figuras: locutor, alocutário e delocutado¹⁶, posições essas que, de maneira geral, harmonizam-se com o eu, tu e não-pessoa da situação enunciativa, embora isso não se consolide como regra.

Segundo Maingueneau (2010, p. 204, grifo do autor), “[...] os enunciados elementares são, na realidade, eles mesmos constituintes de *textos*, de unidades transfrásticas relacionadas a gêneros do discurso, dispositivos de comunicação verbal sócio-historicamente definidos”. Concebendo, assim, o gênero do discurso a partir de limites sociais e históricos, é possível considerar o plano do texto, no qual

¹⁵ É importante ressaltar que, a partir das concepções apresentadas até então, as quais acompanhamos, o texto envolve não apenas o plano verbal, mas sua associação com os planos imagético e sonoro, na concretização da linguagem hipermídia, como manifestação de gêneros discursivos multimodais. Essa expansão tornar-se-á mais tangível a partir da análise do *corpus*, apresentada nos Capítulos 4 e 5.

¹⁶ Salientamos que o elemento “delocutado” alude à categoria de não-pessoa e, por isso, não carrega consigo a possibilidade de movimentar o processo enunciativo.

estão a situação de comunicação e a cena de enunciação, perspectiva externa e interna da situação discursiva, respectivamente.

Por um lado, a situação de comunicação abarca, em si, uma visão sociológica do discurso, da qual ele é efetivamente indissociável. Alguns parâmetros têm sido empregados em estudos diversos para definição/delimitação da situação de comunicação: finalidade, estatuto dos parceiros, circunstâncias apropriadas, modo de inserção na temporalidade, suporte, esquema textual e determinado uso da língua. Por outro lado, analisar uma “[...] situação de discurso como cena de enunciação é considerá-la ‘do interior’, através da situação que a fala pretende definir [...]. Um texto é, na verdade rastro de um discurso no qual a fala é encenada”. (MANGUENEAU, 2010, p. 205).

A cena de enunciação permite uma abordagem do fazer discursivo a partir de uma perspectiva interna, o que não significa uma desvinculação dos panoramas mais amplos de percepção da comunicação ou mesmo da situação de enunciação.

Tanto quanto o espaço delineado, balizador da prática discursiva, é a cena de enunciação a movimentação de ditos que, inclusive, avaliza a própria construção do referido espaço.

O termo “cena” apresenta [...] a vantagem de poder referir ao mesmo tempo um *quadro* e um *processo*: ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças (“na cena se encontra...”, “o rei entra em cena”), e as sequências de ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço (“ao longo da cena”, “uma cena doméstica”). De fato, o discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas deve também gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação. (MANGUENEAU, 2015b, p. 117, grifo do autor).

Essa configuração interna do discurso envolve três planos complementares, de acordo com Maingueneau (2008a, 2010, 2015b): cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante está relacionada com o tipo, com a natureza geral do discurso, resultante de determinado segmento de uma esfera de atividade e comunicação humana específica, ao qual os gêneros do discurso permitem-se vincular. O homem, envolvido pelos usos da língua, procura identificar, de forma quase natural, a que domínio discurso voltam-se os gêneros com que tem contato, a todo tempo. Enquanto integrante de um domínio discursivo, a cena englobante

possui constituição e regulamento voltados à prática discursiva de forma global: é mais pragmática. Acompanhando Maingueneau (2015b, p. 119), acreditamos que

Nesse nível, algumas propriedades específicas são ligadas aos participantes. Na cena englobante científica, por exemplo, o locutor deve mostrar que se adapta às normas impostas pelo estatuto de “homens da ciência”, figura que transcende os múltiplos gêneros do discurso científico: imparcialidade, serenidade, clareza... Da mesma forma, escrever uma notícia ou uma circular administrativa também é colocar-se, respectivamente, como jornalista ou como agente da administração competente e legítimo.

Aquele que movimenta o discurso (aqui, no sentido de produzi-lo, efetivamente), a partir da percepção e da vinculação dos ditos a determinada cena englobante, dedica certo esforço de engajamento, procurando harmonizar-se com os valores tidos como válidos e pertinentes para a esfera de atividade a que está afiliado.

A cena genérica é determinante dos gêneros do discurso específicos que funcionam a partir de sistemas de normas e possibilitadora da interação entre os coenunciadores na cena englobante: em outras palavras, é a associação do discurso a um gênero ou subgênero específico que possibilita a materialização discursiva.

Com a clara intenção de mapear as dinâmicas de associação do sujeito – já envolto por esfera de atividade e cena englobante determinadas – aos gêneros discursivos, Maingueneau (2015b) considera que a esses são relacionados determinados elementos: a) finalidade (comunicativa); b) papéis dos parceiros no jogo enunciativo; c) lugar apropriado, visando ao êxito do processo discursivo; d) modo de inscrição na temporalidade; e) suporte ; f) composição (ou a consciência dela) das partes e encadeamento de certo gênero; e g) uso específico de recursos linguísticos, que se tornam mais ou menos apropriados e restringidos (ainda que em vasto acervo) a determinados gêneros discursivos.

Não é à toa que – somente a título de exemplificação – em uma esfera midiática da atividade humana que mobilize uma cena englobante de entretenimento, determinados gêneros discursivos surjam com mais intensidade, como é o caso dos videocliques de aberturas de séries de televisão via *streaming*¹⁷.

¹⁷ Utilizamos como exemplo, aqui, os videocliques de aberturas de séries de televisão via *streaming*,

Os papéis são bastante específicos entre os coenunciadores e a “[...] esses papéis são atribuídos direitos e deveres, bem como competências específicas”. (MAINGUENEAU, 2015b, p. 121). O lugar de êxito dessa manifestação discursiva, apropriado para seu sucesso, envolve uma apreensão do não descritível fisicamente, o que mobiliza habilidades prévias dos sujeitos em contato com a hipermídia, linguagem que, aliás, consolida-se graças ao próprio suporte do qual o gênero em questão é indissociável e garante sua existência. Já o reconhecimento da forma como os videoclipes a que aqui aludimos inscrevem-se na temporalidade está vinculado com um dos deveres que cabem ao coenunciador, que entra em contato com gênero e, a partir dele, resgata sentidos do texto.

Por fim – e, para nós, ainda mais interessante –, torna-se indispensável observar o processo de composição do gênero e o uso de recursos linguísticos. Quanto à composição, um videoclipe cuja função é apresentar, abrir, introduzir novos episódios de uma série, é válido que seja tomado em sua vinculação com o todo, não somente de um episódio específico, mas com a globalidade da produção artística, para que se compreenda sua flexibilidade quanto às tarefas que deve cumprir com o desenvolver-se da atividade discursiva (MAINGUENEAU, 2015b, p. 122).

Quanto aos recursos linguísticos mobilizados pelo enunciador, em suposto esforço de comunhão com seu coenunciador, é apropriado considerar que, a partir de uma liberdade regrada, estejam em sintonia com o próprio gênero, sendo isso, inclusive, parte constituinte de sua totalidade material. Entretanto, cabe, neste ponto de nossas reflexões, a alusão a recursos não apenas linguísticos, mas também sonoros e visuais, em um cenário voltado para o entendimento e resgate de sentidos de textos multimodais. Partindo do pressuposto de que a emergência de um gênero discursivo, em uma cena englobante determinada, faz uso de recursos linguísticos específicos, não se pode deixar de aceitar que, em se tratando da multimodalidade discursiva, esses recursos sejam também da ordem de outras naturezas, de outros planos de sentido. As escolhas visuais estáticas e em movimento, além das seleções do plano sonoro dão de si fundamental contribuição para a projeção de sentidos e para a construção do próprio gênero.

porque é esse um dos gêneros discursivos que utilizaremos como base para análise de *corpus*, a partir da noção de tópicos semantizadores. Essa análise compõe a subseção 5.1 desta tese.

Já a cenografia – terceiro âmbito de análise da cena de enunciação –, intradiscursiva, construída a partir do próprio texto, legitima a cena de enunciação ao se desenvolver. É desenvolvida pelo texto do discurso em si, paulatinamente, enquanto ele se constrói. Dessa maneira, não é imposta pelo gênero, embora a ele se vincule para avaliar a enunciação.

Alguns gêneros, fugindo aos moldes pré-concebidos, exigem a instauração de cenografias diversificadas, o que mantém íntima relação com a finalidade do gênero e marca efetivamente as posições dos coenunciadores. O emprego do termo “cenografia” agrega ao clássico sentido teatral de cena o traço da “inscrição”, que faz referência à legitimação (o “inscrever-se”) da enunciação no todo discursivo, fazendo-a, de fato, existir. É indispensável conceber a cenografia não apenas como quadro, no interior do qual se desenvolve o discurso, mas também como o próprio processo por meio do qual se instaura a enunciação.

Devemos considerar, na (re)construção exploratória e analítica da cenografia (especialmente dos textos de gêneros digitais), os indícios variados nos quais ela se apoia para desenvolver-se. De acordo com Maingueneau (2008a, p. 77), “[...] em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do coenunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge”.

Esse surgimento do discurso se dá por meio de seu engendramento paradoxal com a própria cenografia: o discurso vem da cenografia que, por sua vez, só se constrói a partir dele. Maingueneau (2008b, p. 70) ainda destaca que

A cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. A cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala.

Ou ainda:

Um romance, por exemplo, pode ser enunciado por meio de uma *cenografia* do diário íntimo, do relato de viagem, de uma conversa ao pé do fogo, de uma correspondência amorosa... A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento,

pretende, de fato, suscitar a adesão a dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero do discurso. (MAINGUENEAU, 2015b, p. 123, grifo do autor).

Vale, nesse panorama e em nossa alçada, que nos detenhamos à ideia de que, para ser enunciado, qualquer discurso recorre a dispositivos mais concretos que permitem sua concretização. Assim como no romance um diário íntimo ou um relato de viagem podem servir para a composição de sua cenografia, aproveitando o exemplo de Maingueneau (2015b), esses mesmos diários ou relatos podem servir a outros gêneros para sua concretização. Inclusive, se associados a planos de sentido diferentes para sua composição – como com a adição de um fundo sonoro enquanto recurso específico –, em um *blog* da *web*, tornam-se pura e efetivamente multimodais. As características advindas do universo da hipermídia são, aliás, fortes indicadores e importantes balizadores da cenografia de gêneros intersemióticos veiculados em rede, como ainda discutiremos.

É necessário, também, considerarmos a estreita relação entre a cenografia e os conteúdos do discurso. De fato, a cenografia – e, de modo geral, a cena de enunciação em si – adquire *status* de valor efetivo por meio de sua relação com os conteúdos do discurso que, de certa forma, já passaram por sistemas de restrições em sua abordagem.

Em caráter de retomada: grosso modo, pode-se observar que a situação de enunciação permite o surgimento de uma situação de comunicação que, por sua vez, possibilita a construção de uma cena de enunciação, no interior da qual se desenvolve certa cenografia, intimamente relacionada a um *ethos*. Representamos essa sistemática por meio da Figura 1:

Figura 1 – Perspectivas de análise do evento discursivo

PLANO DE ENUNCIÇÃO ELEMENTAR		PLANO DO TEXTO		
<i>Situação de enunciação</i>	<i>Situação de locução</i>	<i>Situação de comunicação</i>	Cena de Enunciação ⬇	<i>Ethos</i>
			Cena englobante	
			Cena genérica	
			Cenografia	

Fonte: Elaborada pelo pesquisador, a partir de Maingueneau (2008a, 2010, 2015b)

Expansão da noção herdada da retórica, a partir da década de 1980, o *ethos* vem ganhando espaço entre as disciplinas que tomam o discurso como objeto de estudo. A volta da noção de *ethos* às discussões da área tem, segundo Maingueneau (2008b), relação direta com o atual domínio das mídias audiovisuais e dos gêneros de natureza multimodal, em que se torna indispensável para sua compreensão, em âmbito global, a identificação da fonte enunciativa e da imagem que ela constrói por meio da própria construção discursiva.

Quanto à noção retórica de *ethos* – que precede e influencia, em parte, os estudos e considerações de Maingueneau (2008a, 2008b, 2010) –, vale salientar, para consolidar nossos posicionamentos, que, por meio de signos elocutórios e oratórios vestimentais e simbólicos, o orador busca dar de si uma imagem psicológica e sociológica, sendo forma flexível, dinâmica, construída pelo destinatário por meio da fala do locutor. É possível considerar, ainda, a partir da retórica aristotélica que o *ethos*: a) é uma noção discursiva; b) resulta de um processo de interação (influência sobre o destinatário), e c) é uma percepção híbrida (sociodiscursiva), pois está ligada a determinada situação comunicativa integrada a um cenário sócio-histórico.

A partir desses pressupostos, Maingueneau (2008b, p. 59) considera que “[...] a eficácia do *ethos* tem a ver com o fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem ser explicitado no enunciado [...]” e, diferenciando categoricamente o locutor do ser do mundo que toma a palavra, enfatiza que o *ethos* deve ser percebido e não constituir em si um objeto do discurso, ou seja, não deve ser dito: são traços intradiscursivos associados a uma forma de dizer, na busca de construção de certa identidade.

Entretanto, algumas dificuldades impõem-se quando se trata da caracterização específica e tangível da noção do *ethos*. Embora essa noção esteja intimamente relacionada com o processo enunciativo e com a origem enunciativa em si, nada impede que o coenunciador construa uma imagem, uma identidade previa do locutor/enunciador, o que, aliás, está estritamente ligado a alguns gêneros discursivos. Por exemplo, ao tomar um *outdoor* para leitura, o leitor (instância do coenunciador do processo) já tem construídas previamente determinadas características de um autor/produzidor (instância do enunciador) de tal gênero discursivo. Entra em discussão, então, a necessária diferenciação entre *ethos* pré-discursivo e *ethos* discursivo: os efeitos que o discurso provoca no coenunciador

não são de natureza exclusivamente verbal, elementos extradiscursivos devem, na justa medida (e em âmbito teórico) ter sua influência reconhecida na projeção do ethos, o que altera significativamente a construção de sentidos das manifestações textuais-discursivas.

Além disso, há grandes variações nos espaços discursivos que promovem a projeção do ethos, que, até certo ponto, têm relações importante com o ethos dito e o ethos mostrado: trata-se das considerações referentes ao ethos visado e ao ethos construído.

Atualmente as diferentes disciplinas que se valem da noção de ethos mobilizam-na considerando diferentes características, ainda que, de uma ou outra forma, se valham de algumas contribuições aristotélicas. Dependendo dos princípios invocados nas mais variadas análises de materialidades linguísticas, a captação de ethos pode se mostrar por meio de diversificadas facetas. Segundo Maingueneau (2008b, p. 63), “[...] não é de forma alguma possível estabilizar definitivamente uma noção desse tipo”. Por isso salienta que a noção de ethos representa concreta possibilidade de pensar o processo mais amplo de filiação de sujeitos a certos posicionamentos. E essa é uma noção absolutamente válida, principalmente quando tratamos de discursos em que os coenunciadores têm a possibilidade de não aceitá-los.

Fazer referência ao ethos discursivo (mostrado) nesse estudo é indispensável, pois a partir do desenvolvimento da cenografia ele se consolida. Maingueneau (2008b) salienta que o ethos, imagem do enunciador refletida no discurso, possibilita uma análise ampla da adesão dos sujeitos a determinadas posições discursivas. Tendo como base as contribuições de Maingueneau, Amossy (2008, p.16) complementa que “[...] o enunciador deve se conferir [...] certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber”.

Como significativo condicionante da eficácia comunicativa da ação discursiva o ethos vincula-se a uma produção a um tempo subjetiva e intersubjetiva em que a imagem em construção consolida-se levando em consideração as parcelas que enunciador e coenunciador dão de si em processo de interação por meio do texto:

A maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a depreende-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma

inter-relação entre locutor e seu parceiro. Partindo da eficácia da palavra, a imagem quer causar impacto e suscitar a adesão. Ao mesmo tempo, o ethos está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação pela fala. A noção de ethos estabelecida pela análise do discurso encontra, assim, a sociologia dos campos, mas privilegia “o imbricamento de um discurso e de uma instituição”, ou seja, recusando a concepção de uma sociologia externa. (AMOSSY, 2008, p. 16-17).

É importante ratificar que a construção/manifestação do ethos está diretamente ligada à enunciação e não a uma concepção extradiscursiva do enunciador, estando suas marcas no processo do dizer e não exteriores a ele. O surgimento do ethos envolve a enunciação, mas não há explicitação no enunciado, concretizando geralmente no plano do “mostrado” e não no plano do “dito”. Ainda que seja plausível, em muitas ocorrências enunciativas, a concepção de um ethos pré-discursivo por parte do coenunciador, vale ressaltar que é o ethos mostrado que tem real validade e ele somente se dá a partir do ato da enunciação.

Maingueneau (2008b) associa a noção de ethos à de tom, indicador de quem produz um discurso e constituinte da consolidação de um posicionamento discursivo. Determinando certa vocalidade de um discurso, identificamos também seu tom, o que conduz à construção de um corpo do enunciador. “Assim a leitura faz emergir uma **origem enunciativa**, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 72, grifo nosso).

O tom encontra apoio na figura do fiador, entidade abstrata, que é o papel exercido pela origem enunciativa, instância subjetiva encarnada por uma dimensão vocal, determinações físicas e psíquicas atribuídas à personagem do enunciador. O fiador é construído com base em indícios textuais e é investido de caráter, como conjunto de traços psicológicos, e corporalidade, que representa seu temperamento corporal, configuração física, maneira de vestir-se e colocar-se do corpo do enunciador no espaço social.

Quando tratamos de adesão de coenunciadores a determinado discurso proposto, recorreremos, para concretização e facilitação de tal adesão, a essa instância enunciativa do fiador que, conforme salienta Maingueneau (2008b, p. 64), não só

[...] é interessante por causa do laço crucial que mantém com a reflexividade enunciativa, mas também porque permite articular corpo e discurso em uma dimensão diferente da oposição empírica entre oral e escrito. A instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso não

pode ser concebida como um estatuto, mas como uma “voz”, associada a um “corpo enunciante” historicamente especificado.

Nessa perspectiva, a reflexividade enunciativa dá conta da filiação dos sujeitos coenunciadores à movimentação discursiva – uma vez que possibilita a permanente inversibilidade da tomada do posto de “eu” e da projeção de ethos – e, sobretudo, a subjetividade instaurada auxilia na determinação marcada historicamente do ethos como sendo voz discursiva vinculada a um corpo enunciante.

A relação voz/corpo enunciante é, pois, reflexo de uma posição histórica marcada, inclusive, na intradiscursividade, que se deixa perceber na própria enunciação, pelos sistemas de restrição de produção discursiva, pelas vestígios enunciativos formais da presença do homem na língua e também pelos dêiticos.

Ainda em relação à incorporação, podemos compreendê-la como uma espécie de contrapartida do coenunciador no processo de engajamento ao discurso em produção, sendo uma forma de associar-se ao ethos do discurso. A incorporação dá um corpo ao fiador e permite ao coenunciador apropriar-se de certos padrões que lhe permitem relacionar o discurso com o mundo para que possa aderir a ele. Nesse panorama, aceitando que o ethos provoca uma atitude de agência por parte de ambos os coenunciadores, os conteúdos tornam-se interdependentes da cena de enunciação que constroem. O ethos incorpora o coenunciador a uma cenografia específica: o discurso, como produto e pressuposto da cenografia, desenvolve tal sentido que torna necessário o tratamento do conteúdo de determinada forma. Assim, o discurso “[...] é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 73-74).

Há que se considerar ainda que, se a partir das concepções aristotélicas o ethos estava exclusivamente ligado à oralidade, já para Maingueneau (2008b) essa noção deve ser ampliada, expandida a quaisquer manifestações discursivas, não somente orais, mas também escritas. De acordo com esse linguista, todo texto escrito manifesta certa vocalidade, relacionada à “[...] caracterização do corpo do enunciador [...], a um *fiador* que, por meio de seu *tom* atesta o que é dito [...].” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 64, grifo do autor). Sinopticamente temos: determinada vocalidade caracteriza um corpo de enunciador, um fiador (instituição, entidade enunciativa), cujo tom avaliza o que é dito e a própria enunciação.

Conforme se pode observar, Maingueneau (2008a, 2008b) adota uma noção mais encarnada¹⁸ de *ethos*, abarcando tanto uma perspectiva verbal quanto as especificações físicas e psíquicas ligadas ao fiador.

Nesse processo enunciativo-discursivo em que se projeta o enunciador, com caráter e corporalidade na construção de um fiador investido de certa vocalidade e tom, o coenunciador identifica o *ethos* também pela forma como se coloca no espaço social e a maneira como se movimenta e posiciona frente a ele: isso se apreende a partir de um comportamento.

A partir das considerações de Maingueneau (2008b, p. 65),

[...] o *ethos* implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento. O destinatário o identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a nunciação contribui para reforçar ou transformar.

Interessante observar que tais representações sociais e estereótipos somente são avalizados na própria enunciação: daí o caráter basicamente intradiscursivo do *ethos*¹⁹.

Quando, de fato, o destinatário – ouvinte, leitor, enfim, coenunciador – identifica e reconhece o *ethos* de uma ocorrência discursiva, a partir de seu fiador, ocorre a incorporação, que implica e pressupõe um “mundo ético”²⁰, do qual o fiador faz parte e dá acesso ao coenunciador. Segundo Maingueneau (2008b, p. 65), incorporação é “[...] a maneira pela qual o destinatário em posição de intérprete – ouvinte ou leitor – se apropria desse *ethos*”.

Vale que ressaltemos os protocolos de registro que a incorporação pressupõe que: a) a enunciação dá corporalidade, corpo ao fiador do discurso; b) o destinatário/coenunciador incorpora um conjunto de registros relacionados a uma forma determinada de se mover e posicionar socialmente e c) essas incorporações permitem a construção de um corpo, comunhão, concordância hipotética, imaginária de aderência a um mesmo discurso.

¹⁸ Terminologia empregada pelo próprio autor.

¹⁹ Embora consideremos que a emergência do *ethos* discursivo ocorra por meio de marcas da materialidade linguística, é relevante considerar que algumas pistas de seu surgimento também se consolidem por meio da interdiscursividade, já que o próprio fiador de um discurso se efetiva somente a partir de sua movimentação social e de interação entre os coenunciadores.

²⁰ Esse “mundo ético”, terminologia também oriunda de Maingueneau (2008b, p. 65) é, com o autor, “[...] um estereótipo cultural que subsome [inclui] determinado número de situações estereotípicas associadas a comportamentos”.

Em muitas ocorrências discursivas, o corpo do enunciador não se dá a ver e, mesmo assim, um mundo ético é ativado durante a incorporação do coenunciador ao discurso por conta da presença de estereótipos. Assim,

[...] não se pode considerar o *ethos* da mesma forma em qualquer texto. A “incorporação” não é um processo uniforme; ela se modula em função dos gêneros e dos tipos de discurso. O *ethos*, em um texto escrito, não implica necessariamente uma relação direta com um fiador encarnado, socialmente determinável. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 66, grifo do autor).

Disso surge um problema em potencial: algumas vezes o *ethos* pretendido pelo corpo enunciante não é efetivamente construído pelo destinatário, o que poderia ser considerado uma espécie de fracasso no processo discursivo levando, assim, à dificuldade para produção de sentidos. Especialmente quando se tem como materialidade determinados gêneros textuais – como científicos e jurídicos –, a suposta dissolução da imagem de fonte enunciativa pode levar à falsa ideia de que não existe, nesse processo discursivo, o envolvimento e a projeção do *ethos* de um fiador.

Nossa insistência em relação à configuração/projeção do *ethos* discursivo – *ethos* mostrado – e à incorporação justifica-se pelo fato de que para atribuir valor, significados e sentidos à materialidade linguística dos gêneros digitais, o coenunciador precisa mobilizar determinados mecanismos de análise e interpretação que envolvem tais noções, ainda que de forma preliminar e empírica. Ao ler/analisar qualquer gênero dessa natureza, é indispensável que se perceba que imagem enunciativa se projeta no discurso e, de forma concreta, aderir a ele. Conforme destaca Maingueneau (2008b, p. 69),

[...] a adesão do destinatário opera-se por um apoio recíproco da cena de enunciação (da qual o *ethos* participa) e do conteúdo apresentado. O destinatário se incorpora a um mundo associado a determinado imaginário do corpo, e este mundo é configurado por uma enunciação assumida a partir desse corpo.

É em função da projeção do *ethos* discursivo que o coenunciador engaja-se e se inscreve em determinada cena de enunciação, implicada pelo próprio texto.

No enlaçamento entre a cenografia e o *ethos* discursivo, encontramos o pressuposto da concretização mútua: só é viável uma composição cenográfica com a aceitação prévia de um *ethos* a ser projetado, de uma imagem de fonte

enunciativa a se dar; essa, por sua vez, somente se materializa linguisticamente em função da realização da cenografia, em que o *ethos* é validado, por meio das marcas linguísticas da enunciação. Assim, a cenografia é de onde vem o discurso e engloba tudo que o discurso integra: legitima um enunciado que, por sua vez, autentica a própria cena em determinada circunstância textual-discursiva.

Esse regime metodológico de construção discursiva envolve também os conteúdos, noção de extrema relevância, pois seu desenvolvimento na cena enunciativa valida o *ethos* e a cenografia por meio de seu surgimento. É na integração tríplice de *ethos*, cenografia e conteúdos que o discurso baliza-se e é avaliado.

Também em relação à configuração da fonte enunciativa projetada pelo discurso, Maingueneau (2008a) ressalta que o *ethos* efetivo é resultado direto da associação de um *ethos* pré-discursivo, de um *ethos* discursivo e de um *ethos* dito. Em suas palavras, “[...] o *ethos* efetivo, o que tal ou qual destinatário constrói, resulta da integração dessas diversas instâncias, cujo peso respectivo varia segundo os gêneros do discurso”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 71).

O conjunto de textos que fazem parte de certa esfera sociocultural e histórica é regulamentado e sustentado por uma regência integrada dos *ethé*²¹ desse espaço/tempo compreendidos pelos locutores e destinatários (coenunciadores) desse processo pontual. De acordo com Maingueneau (2008a, p. 72), “[...] de uma conjuntura a outra, não são as mesmas zonas de produção semiótica que propõem as maneiras de ser e de dizer mais importantes, as que ‘dão o tom’”.

Temos, então, em caráter elucidativo, a Figura 2.

Figura 2 – Ethos e o mundo discursivo



Fonte: Elaborada pelo pesquisador, a partir de Maingueneau (2008a)

²¹ Maingueneau (2008b, p. 55) utiliza *ethé* como plural de *ethos*, por ser uma palavra neutra em grego antigo.

Fica claro, a partir do que foi considerado até então, que, o jogo discursivo e a encenação enunciativa não tratam de simples decodificações dos sistemas linguísticos: algo da natureza da sensibilidade entre em cena nos processos comunicativos: “[...] desde que haja enunciação, alguma coisa da ordem do *ethos* se encontra liberada”. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 73). É assim que ideias – enunciados, ou a própria enunciação – suscitam a adesão do coenunciador por meio de certa maneira de dizer, por determinada maneira de ser.

Em síntese,

[...] o texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 73).

Não é diferente o que ocorre com o leitor do texto multimodal que, em essência, precisa reconhecer nessa materialidade verbo-visual-sonora uma imagem de fonte enunciativa para efetivamente atribuir sentido à leitura, vinculando esses saberes a valores balizados por indicadores históricos e sociais pontuais.

Retomando a globalidade do mecanismo dinâmico de funcionamento do discurso, Maingueneau (2008a, p. 90) esclarece que

[...] como o enunciado se dá pelo tom de um fiador associado a uma dinâmica corporal, o leitor não decodifica seu sentido, ele participa “fisicamente” do mesmo mundo do fiador. O coenunciador captado pelo *ethos*, envolvente e invisível, de um discurso, faz mais do que decifrar conteúdos. Ele é implicado em sua cenografia, participa de uma esfera na qual pode reencontrar um enunciador que, pela vocalidade de sua fala, é construído como fiador do mundo representado.

Considerando a participação e a atuação dos coenunciadores no processo de construção de sentido de um discurso, aceitamos seu caráter essencialmente subjetivo. Por outro lado, também as marcas deixadas na concretude linguística oferecem o balizamento necessário à apreensão da significância global.

De fato, apreender esse mecanismo interno de funcionamento do discurso e vinculá-lo aos textos multimodais enquanto materialidade linguística converte-se em real possibilidade de alcançar a totalidade de sentido do discurso, representando uma produtiva captação das essências comunicativa, linguística e intersemiótica. Perceber a configuração intradiscursiva desses textos significa compreender, ainda

que em parte, os processos mobilização e de utilização das associações intersemióticas, que abandonam seus planos individuais de significação para, em harmonia e engendramento, multiplicarem-se em sentidos e em uso concreto. Ao tratarmos dessa realidade, estamos convictos de que teorias voltadas à leitura e ao discurso em si complementam-se na busca do entendimento e da sistematização das linguagens verbal, imagética e sonora, instâncias que promovem a compreensão do próprio homem, a partir de suas manifestações discursivas concretas, como, por exemplo, os textos multimodais de gêneros digitais.

4.2 OS TÓPICOS SEMANTIZADORES E OS SENTIDOS DO TEXTO

[Ou os elementos fundantes para o resgate de sentidos na leitura em rede]

Consideramos, e isso é perceptível na observação do caminho que percorremos até então, que os textos de gêneros digitais que alimentam o ciberespaço têm como elemento basilar os laços entre variados planos de sentido. Entretanto, não se pode relegar a segunda instância o fato de que são, efetivamente, textos, e, para sua leitura e análise por um prisma discursivo, é necessário que se reconstrua, com caráter didático e exploratório, sua cena de enunciação.

Nesse âmbito, se, no plano do texto, cena englobante, cena genérica e cenografia fazem surgir um ethos discursivo como elemento máximo de projeção de imagem do enunciador – que movimenta o fazer discursivo –, é necessário que se recuperem os elementos que permitem tal surgimento e, principalmente, constroem a cenografia dos textos de gêneros em que a multimodalidade figura fortemente, como é o caso particular que nos interessa: os textos multimodais que veiculam e alimentam o ciberespaço.

Terminologicamente, temos tratado esses elementos como “tópicos semantizadores²²”, uma noção que, a partir de nossos trabalhos anteriores (OLDONI, 2015, OLDONI; FREITAS, 2015, 2016, 2017, 2018), demonstrou-se suficientemente produtiva, quando se trata de uma análise global que visa ao resgate de sentidos projetados pelos textos de natureza intersemiótica. Como

²² Aludindo aos sentidos perceptíveis na concretização dos gêneros na materialização dos usos discursivos em texto, em uma dimensão axiológica, empregamos livremente a adjetivação “semantizador”, sem compromisso estrito com as disciplinas vinculadas à Semântica, como grande área de estudo da Língua.

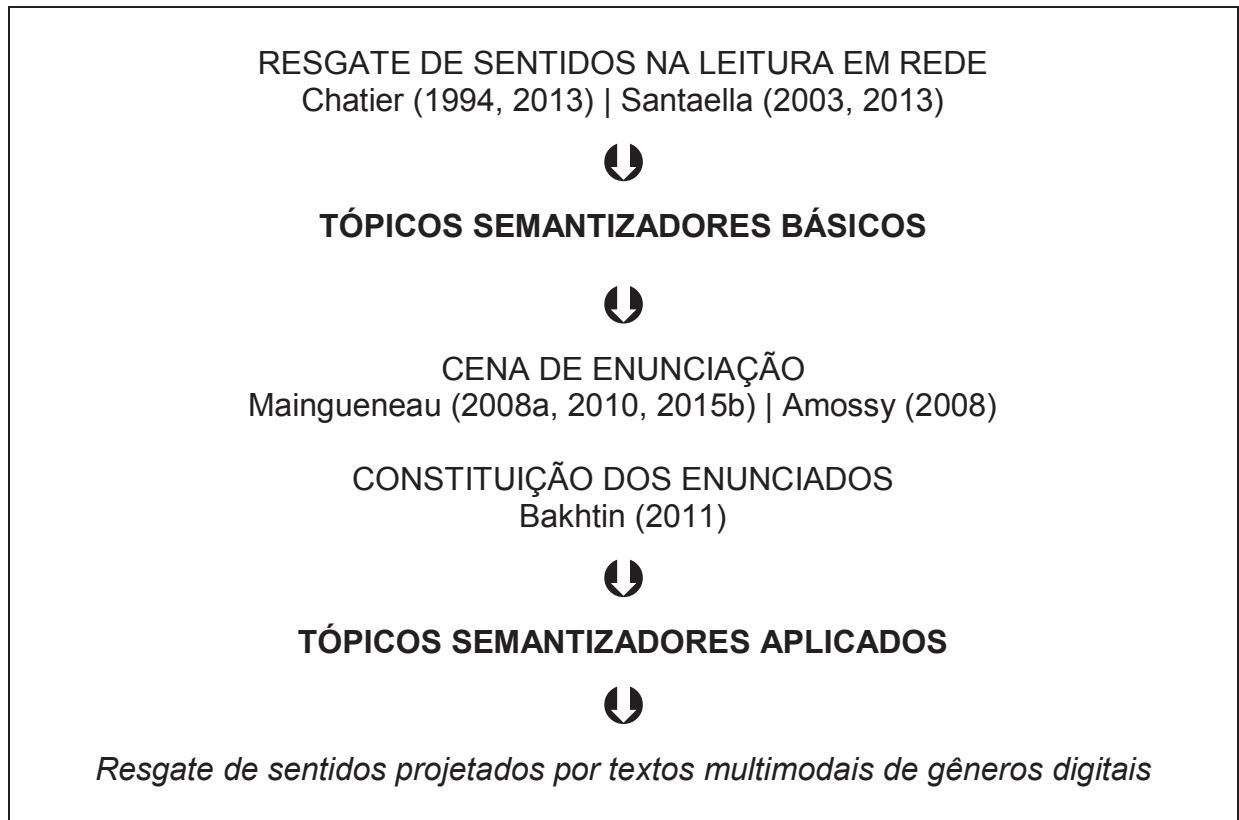
efetivadores da leitura em cenário digital, os tópicos semantizadores funcionam como elementos concretos de realização da própria leitura.

Posto que constituem pontos nodais suscitados no ato e na efetivação da leitura e também construtores do sentido geral do texto, são: a) pistas para apreensão do processo de ler em si, o que consideramos tópicos semantizadores básicos (da leitura em rede), e b) sinais e indicações dos sentidos da globalidade material e discursiva de textos representativos dos discursos mobilizados em rede: são os tópicos semantizadores aplicados (à multimodalidade discursiva digital).

Fica claro que, nesta subseção, procedemos com a sistematização dos procedimentos metodológicos que definimos para a análise de domínios discursivos virtuais e suas cenas de enunciação. Dessa forma, vale salientar que, partindo do resgate de sentidos amplos veiculados em domínios da *web*, emergem tópicos semantizadores básicos; nossas inspirações para levantamento e caracterização desses domínios e tópicos são, especialmente, Chatier (1994, 2013) e Santaella (2003, 2013). Tais tópicos semantizadores básicos, por sua vez, trazem ao bojo da cena de enunciação – em especial, à cenografia – elementos basilares que interferem profundamente nos sentidos por ela movimentados. Nesse âmbito, são de fundamental relevância as contribuições de Maingueneau (2008a, 2010, 2015b) e Amossy (2008) a esta tese.

Da combinação, da hibridação, da mestiçagem entre os tópicos semantizadores básicos e conteúdo (temático), construção composicional e estilo – elementos fundantes dos enunciados, de acordo com Bakhtin (2011b) – é que emanam os tópicos semantizadores aplicados que, em última instância, garantem o resgate de sentidos projetados pelos próprios textos de natureza multimodal, a partir de uma perspectiva social, conforme previmos com Petit (2008). Representamos essa dinâmica metodológica por meio da Figura 3.

Figura 3 – Etapas do procedimento metodológico de análise de *corpus*



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

O caso dos tópicos semantizadores aplicados reservamos para exploração posterior e, no momento – subseção que apresentamos imediatamente na sequência –, voltamo-nos à semantização da experiência da leitura na internet.

4.2.1 Tópicos semantizadores básicos: a leitura e a hipermídia

No primeiro caso, como estamos tratando, neste estudo, especificamente da leitura de gêneros discursivos ancorados no ciberespaço, é possível mapear de forma mais estável os tópicos semantizadores suscitados durante uma sessão de leitura – ou na construção de uma cena de leitura, se quisermos fazer uma ligação direta de nosso estudo com os pressupostos de Maingueneau (2008a, 2010, 2015b).

Recuperando nossas reflexões prévias, além de nossas próprias contribuições, temos como bases as considerações de Petit (2008), acerca da experiência da leitura por um viés antropológico; Chartier (2013) e Santaella (2013), a respeito da leitura e das linguagens no ciberespaço; Kress (2000), Cope e

Kalantzis (2000) e Rojo (2012), no que tange às práticas multimodais, como fenômenos sociais da prática da escrita e da leitura; além de Coscarelli e Ribeiro (2014), em relação ao letramento digital. Sinopticamente, o resgate proposto aqui aglutina os tópicos semantizadores básicos no Quadro 1, ainda que a intenção não seja – e nem isso seria possível – construir uma lista fechada e classificatória.

Quadro 1 – Tópicos semantizadores básicos dos processos do ato da leitura em rede

OS NÓS DE RESGATE DE SENTIDO NA LEITURA EM REDE: Tópicos semantizadores básicos
<p>/Individualidade/²³; /Familiaridade/; /Urgência/; /Intuição/; /Agilidade/; /Prontidão/; /Imediatismo/; /Geração de conteúdo/; /Atualização/; /Redistribuição/; /Transgressão/; /Colaboratividade/; /Interação/; /Sociabilidade/; /Engajamento/; /Espírito de coletividade/; /Interatividade/; /Pluralidade/; /Cultura de massa/; /Culturas populares/; /Cultura erudita/; /Culturas periféricas/; /Texto verbal/; /Imagem/; /Som/; /Movimento/; /Transitoriedade/; /Associações/; /Combinações sincrônicas/; /Hibridismo/; /Intersemioses/; /Hipermédia/; /Multimídia/; /Multiplataformas/; /Roteiros/; /Não-linearidade/; /Multifoco/; /Conexão/; /Fragmentos/; /Informação/; /Conhecimento/; /Reconstruções/; /Interfaces/; /Informática/.</p>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Posto que o processamento da comunicação e as práticas de linguagem na hipermídia – especialmente a partir da conectividade móvel – envolvem não somente equipamentos e estruturas físicas²⁴, mas principalmente habilidades e processos sógnicos de construção de sentidos para a realidade, somos levados a entender que o leitor somente se converte em sujeito desse fluxo a partir do momento em que estiver em condições de integrar-se ao processo e puder utilizar-se do ciberespaço para suas práticas sociais. Assim, a leitura adquire o verdadeiro *status* que é seu por merecimento, o de princípio integrador do sujeito à realidade.

Os nós, que sempre consideramos *links* entre pontos e lugares do hipertexto, hoje podem ser percebidos também como estratégias no mapeamento de sessões de leitura, em que as escolhas e ações do sujeito leitor acontecem entremeadas a

²³ A escolha das barras como recurso gráfico para acolher os Tópicos Semantizadores é opção do pesquisador e tem como objetivo, além do natural destaque, representar a virtualização das noções que figurarem entre elas.

²⁴ Equipamentos e estruturas que não dependem necessariamente do empenho, da predisposição e das habilidades do usuário da rede.

uma verdadeira malha construída pela navegação pela rede em que os balizamentos são aspectos de interferência direta nos sentidos resgatados com a leitura.

Para operacionalização do cenário teórico exposto anteriormente, adotamos, então, como procedimento metodológico de análise a identificação dos tópicos semantizadores básicos na reconstrução exploratória do sentido de uma sessão de leitura mobilizadora de textos multimodais de gêneros digitais no aplicativo para *smartphone* UOL Notícias²⁵, que nos serve de *corpus*. Elementos indispensáveis à leitura da materialidade digital e à construção real de sentidos dos mais variados gêneros, os tópicos semantizadores funcionam como roteirizadores da semantização, em que alguns itens tornam-se pontos aglutinadores de sentidos a serem resgatados, conforme expusemos acima.

A partir de tal procedimento, no âmbito da análise das intersemioses e da linguagem hipermídia, procedemos com o levantamento de fatores nodais do resgate de sentido na materialidade em questão, o *app* UOL Notícias, um dos mais populares aplicativos para aparelhos móveis que oferece acesso à leitura de notícias com atualização permanente. O levantamento das características genéricas – mas fundantes – da leitura e do leitor contemporâneo nessas plataformas é o resultado pretendido com a paulatina exploração do material do *corpus*. Tais características serão retomadas e aglutinadas ao final da análise.

Conforme apontamos anteriormente, o microprocessador móvel – presente hoje na grande maioria dos tão populares *smartphones* – vem democratizando cada vez mais o acesso à informação disponível pela internet e, assim, justificam-se a análise específica e a discussão acerca da interface de aplicativo que viabiliza o encontro com a leitura nessas plataformas digitais. Gratuitos, esses aplicativos convertem-se em convenientes canais de divulgação e veiculação de notícias, praticamente em tempo real, com abastecimento permanente e acessos simultâneos.

Observemos o caso de nosso *corpus* – o aplicativo UOL Notícias –, disponível para ser baixado em qualquer *smartphone* ou *tablet* com acesso à rede. Os procedimentos executados para seu *download* já envolvem, previamente, o domínio de técnicas, tecnologias e competências relacionadas ao manuseio de sistemas

²⁵ Selecionamos o aplicativo para *smartphone* do provedor UOL por ser, segundo a Revista Exame (2017), um dos que maior número de acessos teve no ano de 2017.

operacionais – como Android ou iOS, os mais populares – das máquinas e da conexão à internet. Desde o acesso às lojas virtuais – *Google Play Store, App Store* etc. – locais em que esse aplicativo está disponível aos usuários, potenciais leitores, já são empregadas técnicas de /Busca/, /Filtragem/ e /Seleção/ para que a compra – nesse caso, sem custo financeiro – ocorra e, conseqüentemente, a linguagem específica da cultura digital, a hipermídia, já está mobilizada. Baixado o aplicativo, com alguns cliques a informação é acessada pelo leitor, recebido com *layout* amigável e desejo de boas-vindas – Figura 4.

Figura 4 – Captura da tela de configuração inicial do aplicativo UOL Notícias



Fonte: Aplicativo UOL Notícias (2018)

A /Amigabilidade da interface/ do aplicativo manifesta-se já em um primeiro contato, em que a cor azul, predominante na tela, dá o tom de serenidade, harmonia e tranquilidade do /Suporte de leitura/. Além disso, costumeiramente essa cor tem

sido associada ao /Favorecimento do exercício intelectual/, atividade praticada pelo leitor do aplicativo.

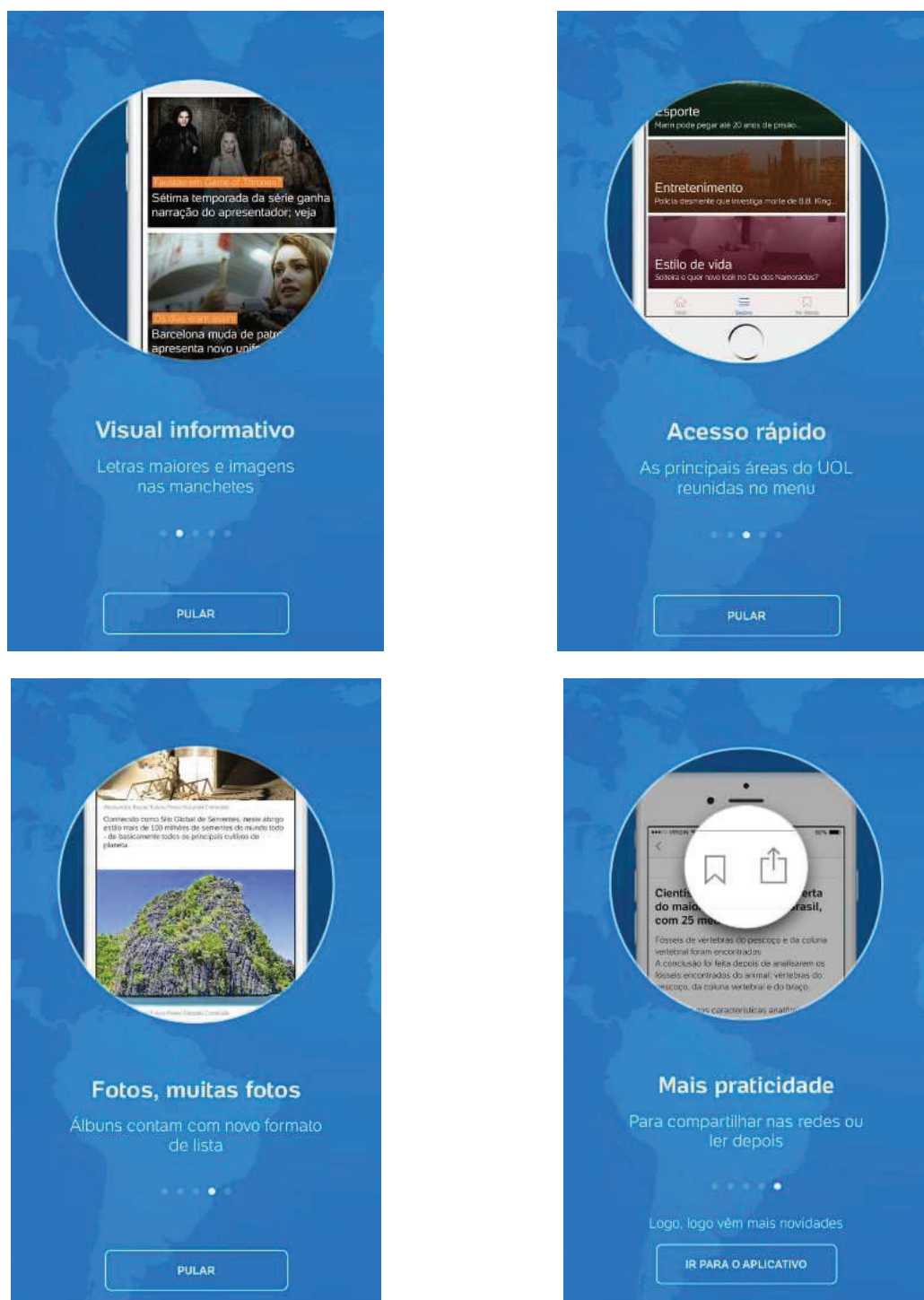
Da Figura 4, tela de abertura do aplicativo, é também possível apreendermos a noção de /Autonomia/, estimulada pela interface da plataforma: “Conheça em 4 telas as novidades do app UOL”. Como é natural nos meios virtuais vinculados à internet, a ideia da /Autoaprendizagem/ de manuseio fica evidente. Passeando pelas quatro telas sugeridas na sequência, o leitor, em tese, fica habilitado a mover-se entre palavras, imagens, sons – notícias e links, enfim – para sua /Interação/ com a informação. O texto verbal, incitador da exploração do *app*, vem engendrado também às ilustrações da tela. No caso da Figura 4, abertura da sequência, a ilustração é da própria tela de início de uso do UOL Notícias, alocada no interior de uma forma circular, convocando o usuário a relacioná-la com a facilidade de usos do suporte recém-baixado. Fica evidente, assim, o conceito de /Autonomia/ pretendido com o breve tutorial de abertura.

Ainda a partir da mesma tela de abertura – Figura 4 –, resgatamos a noção de /Capacidade intuitiva/. O leitor do suporte em questão – o próprio aplicativo –, mobilizando seus conhecimentos prévios e a noção de /Familiaridade/, compreende que uma sequência de cinco pequenos círculos – dispostas logo abaixo do texto verbal, em que o primeiro é ligeiramente maior e mais visível – representa uma antecipação de quantas telas estão por vir: quatro, além da atual, insistirão no propósito de guiar a exploração e – ainda que de forma preliminar – orientar a navegação, que tende a ser, a partir das ideias-guia apresentadas, óbvia e com estímulo à /Emancipação/. São os mesmos círculos dispostos lado a lado que anunciam ao leitor a existência de novas telas explicativas à direita da atual, então, mais uma vez contando com o entendimento preliminar do usuário, o deslizar para a esquerda dá acesso às novas informações de referência. Abrindo a nova tela, dos cinco círculos que continuarão na tela, estará em destaque o segundo, aludindo à localização do leitor, a segunda tela.

É necessário, ainda na análise da tela de abertura do *app* UOL Notícias, que ressaltemos a presença do botão “PULAR”, completando a configuração da página e localizado na parte inferior da tela. Se o engendramento e a harmonização dos elementos anteriores não satisfizerem o /Interesse do usuário/, que já se considera habilitado a ler o aplicativo, existe a opção de descartar a apresentação das telas subsequentes, o que conduziria o leitor diretamente ao contato com as notícias, sem

participar do processo de interação com o a apresentação do funcionamento do aplicativo. Caso queria entender melhor a dinâmica de uso da plataforma, possivelmente optará pela sequência do tutorial, que apresentará as telas reproduzidas na Figura 5.

Figura 5 – Captura das telas de 2 a 5 de configuração inicial do aplicativo UOL Notícias



Fonte: Aplicativo UOL Notícias (2018)

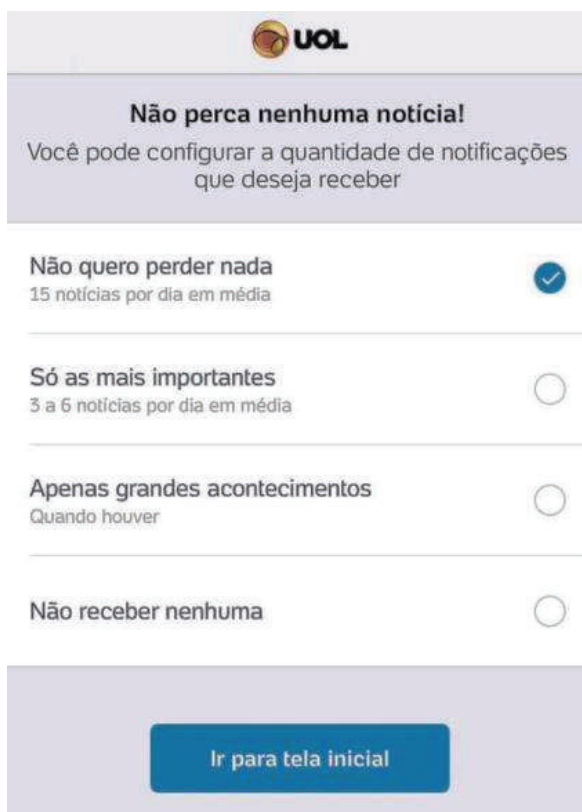
As quatro telas possuem a mesma estrutura da primeira, ainda em processo de descobrimento, por parte do leitor, da formatação atualizada do aplicativo: trata-se da tela com fundo azul, uma ilustração alusiva aos recursos disponíveis colocada em uma forma circular, uma breve descrição verbal, a localização do deslocamento entre telas e o botão com a opção “PULAR”. Em relação à ilustração do recurso disponibilizado a que a tela visualizada alude, vale lembrar que, na Figura 4, trata-se da página inicial do próprio aplicativo. Já em relação às telas seguintes – Figura 5 –, a referência são os recursos de leitura e interação oferecidos pela plataforma. Sobre essa dinâmica, são interessantes alguns pontos.

Tem grande relevância, no espaço de leitura que é o próprio aplicativo, a /Concisão de informações/, representadas por breves manchetes de chamada sobrepostas às imagens vinculadas à própria notícia. Esse visual informativo, como o próprio texto sugere, enfatizando o tamanho das letras e a associação das manchetes com imagens, traz à tona um dos pressupostos da hipermídia, as /Intersemioses/, o /Hibridismo/, as /Associações de planos de sentido sincrônicas/ na veiculação do conteúdo.

Há também, por meio da introdução ao uso do mecanismo de acesso a notícias – representada pela Figura 5 –, a ênfase a outro princípio de grande valor para a leitura no ciberespaço, conforme afirma Santaella (2013): trata-se da /Rapidez de acesso/ na localização das informações úteis ao potencial leitor, que estão disponibilizadas em áreas de interesse, agrupadas pelo próprio sistema.

Além do mais, o portal de notícias – propositor do aplicativo –, para destacar o convite ao uso, coloca em relevância outra característica do mecanismo que julga sedutora ao ciberleitor: a abundância de fotos. Assim, /Interação ágil com informações/, /Funcionalidade/, /Praticidade/ e /Atratividade/ na harmonização de planos de sentidos diversos demonstram-se também como tópicos semantizadores do gênero em análise.

Gastos poucos minutos – ou segundos – para conhecer a plataforma, o leitor é convidado, ou induzido, a iniciar suas leituras, por meio do botão “IR PARA O APLICATIVO”. Com esse clique, é direcionado a uma tela intermediária para que configure o volume de informações – publicação e veiculação de novas notícias – que tem interesse em receber por meio de notificações, conforme observamos na Figura 6.

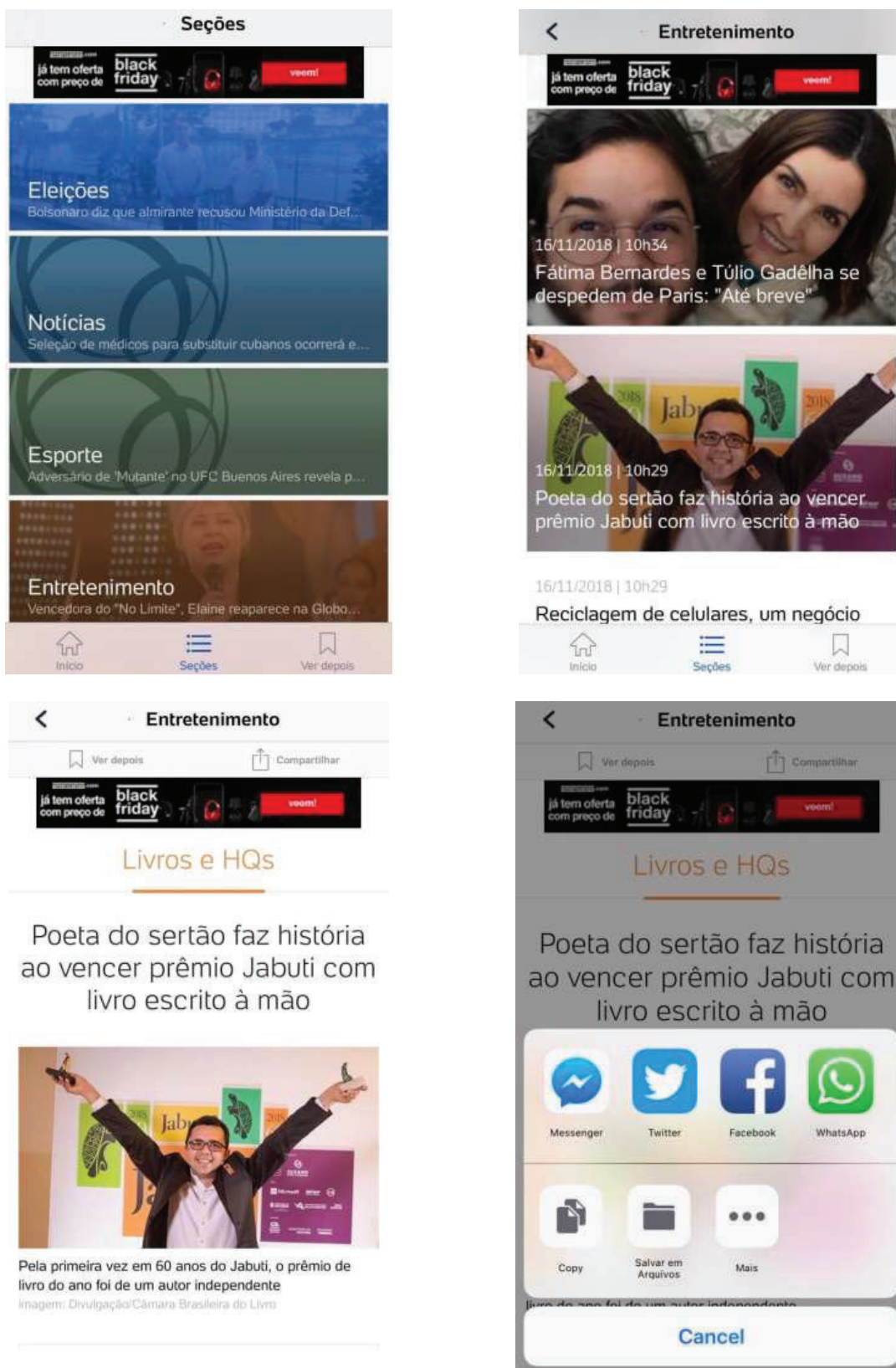
Figura 6 – Captura da tela final de configuração do Aplicativo UOL Notícias

Fonte: Aplicativo UOL Notícias (2018)

É a partir dessa configuração que o usuário/leitor da plataforma em questão dá, de si, sua parcela de contribuição ao resgate de sentidos projetados no ciberespaço: /Atenção contínua/, /Vigília constante/, /Acompanhamento do fluxo ininterrupto de continuidade/ e /Retorno veloz/.

Notadamente, os encontros com a leitura previstos por Petit (2008) estão, hoje, revestidos de novas características que promovem a efetiva interação dos sujeitos com a sua cultura, a cibercultura, da qual não é somente espectador, mas especialmente construtor, em que tem a real possibilidade de ser parte da /Elaboração contínua/ por meio da /Presença no ciberespaço/. A sequência de imagens representadas na Figura 7 demonstra um suposto caminho por meio do qual o leitor torna-se também autor – ou “lautor”, como preferiria Rojo (2012) –, a partir do processo de contato ativo com a plataforma e os gêneros que ela acolhe, reconstruindo-o por meio do compartilhamento.

Figura 7 – Sequência de telas de exploração do Aplicativo em análise



Fonte: Aplicativo UOL Notícias (2018)

A partir da /Apreensão do conjunto/, é possível também perceber a premissa de movimentação de /Fragmentos/, em que notícias das mais variadas naturezas podem figurar na rede de maneira harmônica: espaços equivalentes dentre as publicações são conferidos, por exemplo, ao retrato da vida de celebridades – como é o caso da notícia intitulada “Fátima Bernardes e Túlio Gadêlha se despedem de Paris: ‘Até breve’” – e à premiação de um grande prêmio literário. Nesse recolhimento e veiculação de grandes variedades temáticas, acontece a tentativa de valorização e empenho da /Pluriculturalidade/, pontual tendência da cibercultura. É notório que esses temas permitem-se discursivizar somente a partir da /Esfera de comunicação/ do jornalismo – como é o caso do *app* – de acordo com as previsões, restrições e filtragem impostas por esse campo de atividade.

Escolhida a área de interesse relacionada a Entretenimento, abre-se o conjunto de notícias relacionadas ao mote. Seleccionada uma das notícias, ela se expande para leitura – na Figura 7, escolhemos a notícia intitulada “Poeta do sertão faz história ao vencer o prêmio Jabuti com livro escrito à mão”. Posteriormente à leitura, se do interesse do leitor, o conteúdo está acessível para /Compartilhamento/, ou redistribuição (ROJO; BARBOSA, 2015), por meio do ícone presente em todas as páginas de leitura: veja-se a última imagem da sequência, em que, clicado o botão “Compartilhar”, abrem-se, para o usuário do *smartphone*, as possibilidades de /Conexão/ para redistribuição, em especial redes sociais como “Messenger”, “Twitter”, “Facebook” e “WhatsApp”, ou ainda outras, dependendo das configurações do próprio aparelho por parte do usuário, o que varia de acordo com as plataformas mais usuais em seu cotidiano. De fato e com ênfase, o leitor do *app* torna-se, ao compartilhar, autor e elo de uma potencial rede de conexões de leitura.

É justamente nesse âmbito que se inicia o teor de /Sociabilidade/ decorrente da leitura em ambiente digital de conexão em rede: se é possível compartilhar, redistribuir, é possível também interagir, com comentários, acréscimos, remodelagens a partir dos prismas de vivência e filtros subjetivos do próprio leitor. Se a /Não-linearidade/ permite que, por meio de livres escolhas o caminho até este ponto seja trilhado pelo leitor, é por meio dela também que se torna possível a criação de novas rotas de leitura, em que o leitor, no ato da redistribuição, projete-se, por exemplo, no mundo das redes sociais, em que a /Colaboratividade/ e a /Participação ativa/ ganham força e determinante espaço de construção da cibercultura.

Para encerrar nosso exercício analítico, registramos nossa ciência a respeito das possíveis limitações da exploração realizada, posto que dar conta da globalidade de sentidos veiculados pela linguagem hipermídia no aplicativo UOL Notícias – assim como de qualquer texto ou plataforma – é tarefa que, em essência, envolve e mobiliza a subjetividade e as particularidades de cada leitor. Entretanto, a análise demonstrou-se suficiente para corroborar o perfil de leitor e leitura contemporâneos, o que, por meio dos tópicos semantizadores básicos que destacamos durante a escrita, aglutinamos no Quadro 2.

Quadro 2 – Tópicos Semantizadores da Leitura do Aplicativo UOL Notícias

Plataforma de acolhimento de gêneros	Critérios para leitura	Tópicos Semantizadores Básicos²⁶
Aplicativo UOL Notícias <i>(Situação de leitura virtual)</i>	Hipermídia Multimodalidade digital	/Suporte de leitura/; /Amigabilidade da interface/; /Favorecimento do exercício intelectual/; /Interação/; /Familiaridade/; /Interesse do usuário/; /Concisão de informações/; /Intersemioses/; /Hibridismo/; /Associações de planos de sentido sincrônicas/; /Rapidez de acesso/; /Funcionalidade/; /Praticidade/; /Atratividade/; /Retorno veloz/; /Elaboração contínua/; /Compartilhamento/; /Conexão/; /Sociabilidade/; /Não-linearidade/; /Colaboratividade/; /Participação ativa/
	Ubiquidade do leitor Letramento digital	/Busca/; /Filtragem/; /Seleção/; /Autoaprendizagem/; /Autonomia/; /Capacidade intuitiva/; /Emancipação/; /Interação ágil com informações/; /Atenção contínua/; /Vigília constante/; /Acompanhamento do fluxo ininterrupto de continuidade/; /Presença no ciberespaço/; /Apreensão do conjunto/.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Mais que repensar técnicas e funcionalidades dos procedimentos de acesso e construção do hipertexto, vivemos a necessidade de compreensão das formas de linguagem que constroem uma nova cultura, a do digital, a ciber. É a linguagem das misturas e mestiçagens, do hibridismo e das associações. Se o hipertexto permite, com seus nós e *links*, que a linearidade de qualquer texto não seja mais uma

²⁶ Os tópicos que consideramos semantizadores para leitura do aplicativo representam, em última instância, premissas e características do leitor no ciberespaço.

característica fundante, é necessário, então, que se perceba nos engendramentos e nas multiplicações de semioses essa nova forma de projetar sentidos, de comunicar, de interagir, de discursivizar.

O leitor, conectado à realidade física, imerso no hipertexto e colaborador na construção da cibercultura torna-se, assim, ubíquo como a própria vida. Como consequência, é coerente imaginar – e a realidade nos estimula a isso – a possível necessidade um letramento próprio para as práticas sociais por meio da linguagem relacionadas à cibercultura, a hipermídia. Se já houve ampla discussão em torno do conceitos de “letramento”, “letramentos múltiplos” e “multiletramentos”²⁷, talvez o cenário e as interações sociais contemporâneas exijam-nos que pensemos a respeito do “letramento digital”: o sujeito, para efetivar suas práticas sociais, precisa ser letrado em hipermídia, é dele exigido a esquematização de conteúdos, saberes, habilidades e competências necessárias às práticas subjetivas no ciberespaço, mediadas pelas hipermídias.

4.2.2 Tópicos semantizadores aplicados

O trajeto que percorremos até então avaliza nossas concepções e convicções a respeito da construção de sentidos por meio da leitura em domínios digitais, em que os textos multimodais figuram fortemente. As explorações realizadas possibilitam que, por um prisma analítico, sistematizemos os elementos que consideramos fundantes para o resgate de sentidos, no plano do texto, da cena de enunciação multimodal.

Esse dispositivo de análise intradiscursiva de textos abarca uma concepção sócio-histórica para o discurso multimodal, em que o uso de linguagens intersemióticas é observado por um prisma discursivo. Resumimos e sistematizamos a dinâmica proposta no Quadro 3:

²⁷ Citando expoentes nacionais, vejamos as contribuições de Magda Soares e Roxane Rojo, que têm aberto a temática à discussão e imensamente contribuído para práticas pedagógicas inovadoras.

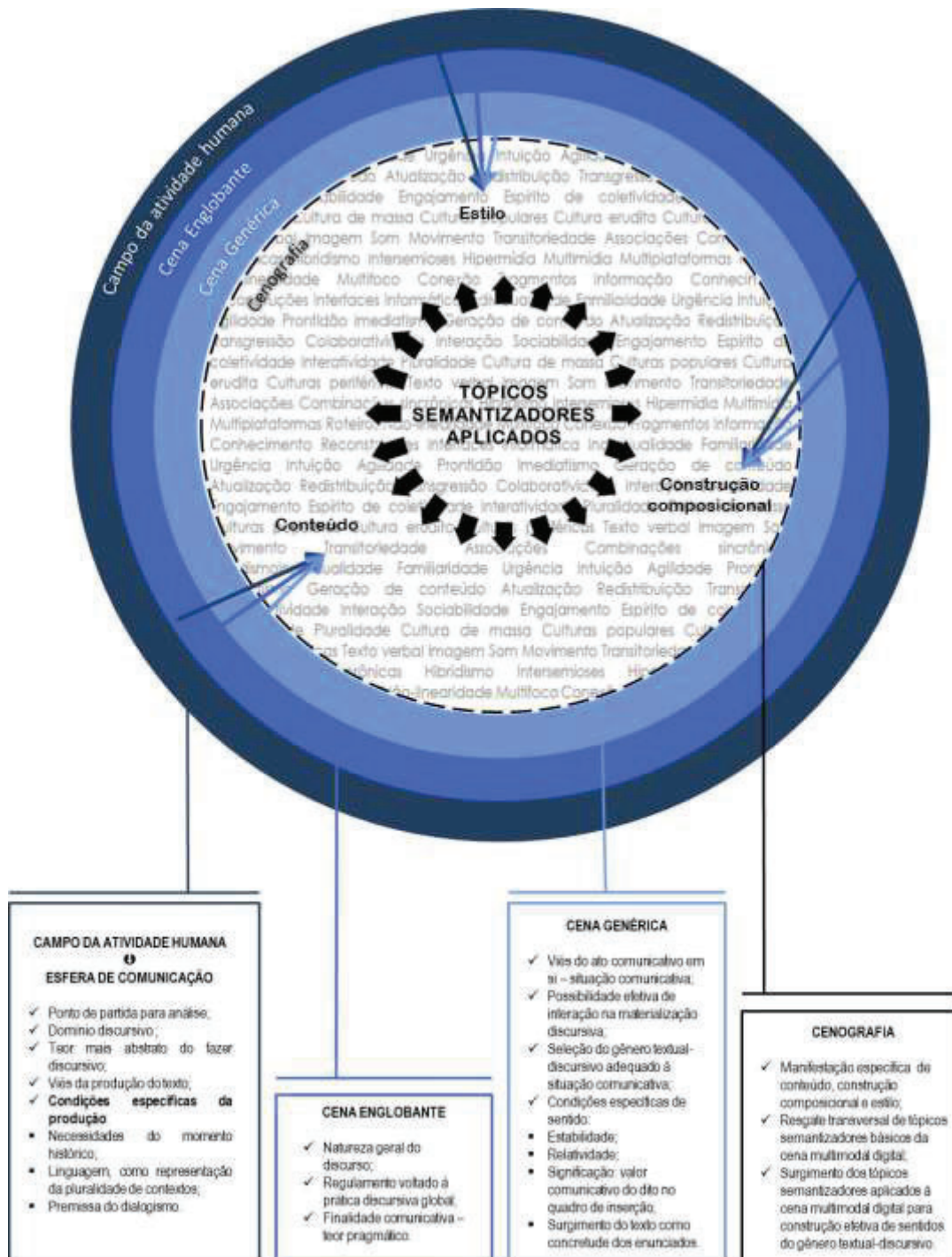
Quadro 3 – Concepção sócio-histórica para o discurso multimodal em plataformas virtuais

Etapa	Critério de análise	Indicadores de análise
1	<i>Vinculação da ocorrência discursiva ao campo de atividade humana, à esfera de comunicação</i>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ponto de partida para análise; ✓ Domínio discursivo; ✓ Teor mais abstrato do fazer discursivo; ✓ Viés da produção do texto; ✓ Condições específicas da produção: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Necessidades do momento histórico; ▪ Linguagem, como representação da pluralidade de contextos; ▪ Premissa do dialogismo.
2	<i>Cena englobante</i>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Natureza geral do discurso; ✓ Regulamento voltado à prática discursiva global; ✓ Finalidade comunicativa – teor pragmático.
3	<i>Cena genérica</i>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Viés do ato comunicativo em si – situação comunicativa; ✓ Possibilidade efetiva de interação na materialização discursiva; ✓ Seleção do gênero discursivo adequado à situação comunicativa; ✓ Condições específicas de sentido: ✓ Estabilidade; ✓ Relatividade; ✓ Significação: valor comunicativo do dito no quadro de inserção; ✓ Surgimento do texto como concretude dos enunciados.
4	<i>Cenografia</i>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Manifestação específica de conteúdo (temático), construção composicional e estilo, ancorados e balizados nos estágios 1, 2 e 3; ✓ Resgate transversal de tópicos semantizadores básicos da cena multimodal digital; ✓ Surgimento dos tópicos semantizadores aplicados à cena multimodal digital para construção efetiva de sentidos do gênero discursivo.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A Figura 8 representa, com objetivo sinóptico, nosso modelo epistemológico para análise dos textos multimodais de gêneros digitais que serão explorados nesta seção.

Figura 8 – Dispositivo epistemológico para resgate de sentidos projetados por textos multimodais de gêneros veiculados em rede



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

Considerando como procedimento metodológico específico para exploração da materialidade intersemiótica o que discutimos anteriormente – e aglutinamos no Quadro 3 e na Figura 8 –, cabe, aqui, anteciparmos os *corpora* selecionados para tratamento analítico.

Vale lembrar, entretanto, que, para mapeamento de tópicos semantizadores básicos de leitura em plataformas virtuais – e textos multimodais de gêneros acolhidos por elas –, tomamos como *corpus* uma potencial sessão de leitura do aplicativo UOL Notícias, explorada na subseção 4.2.1 deste estudo. Já para o resgate de sentidos projetados por intersemioses específicas de gêneros textuais ancorados no ciberespaço, os *corpora* estão relacionados a:

- videoclipe de abertura da série dramática “*Orange is the new Black*”, produzida e veiculada pela plataforma de *streaming* Netflix; essa escolha encontra respaldo em duas circunstâncias: a) a série – e sua abertura, enquanto gênero textual multimodal virtual – somente pode ser acessada por meio da *web*; b) é essa uma das séries originais mais populares da plataforma.
- postagem da rede social Instagram, de acordo com agrupamento por *hashtags*, ferramentas que operam como palavras-chave ou termos associados a informações e assuntos determinados, facilitando a localização e o acesso a imagens. A escolha desse material para tratamento analítico justifica-se: a) porque as redes sociais são expoentes das construções subjetivas virtuais no ciberespaço (SANTAELLA, 2003, 2013); e b) pelo fato de o Instagram consolidar-se e representar, hoje, a principal rede social *online* de publicação de fotografias;

É por meio dessa análise que demonstraremos a efetividade de ocorrência e a produtividade de exploração dos tópicos semantizadores aplicados (à multimodalidade discursiva). A isso nos dedicaremos na seção que a ser apresentada na sequência.

5. AS INTERSEMIOSES E A CONSTRUÇÃO TEXTUAL: LÍNGUA, SOM, IMAGEM E MOVIMENTO EM REDE

No âmbito da materialidade, as análises convertem-se em respostas à compreensão, em balizamentos de interpretação, em possibilidades, enfim, de resgate de sentidos projetados por textos de gêneros variados. Em relação à multimodalidade discursiva, os procedimentos de semantização não são diferentes e vários são os caminhos que permitem a construção de sentidos da materialidade intersemiótica. O caminho escolhido por nós envolve a operacionalização do cenário que exploramos nas seções anteriores, aplicando, sistematicamente, conceitos determinados em possíveis sessões de leitura.

Vale insistir que as concretizações de resgate de sentido que são apresentadas na sequência são possibilidades resultantes de pontuais adesões teóricas e escolhas procedimentais, o que, de fato, não exclui outros caminhos de encontro com o texto por meio da leitura.

Previamente à leitura específica de cada um dos textos, acontece a dinâmica de acesso e integração à rede, o que somente pode ser efetivado na mobilização de várias habilidades e competências exigidas do leitor contemporâneo. Essas características multiletradas do sujeito em relação aos ambientes digitais e virtuais são acionadas em um primeiro movimento de encontro entre tal sujeito e a multimodalidade discursiva digital. E, dessa prática, é que emergem os tópicos semantizadores básicos, que detalhamos e mapeamos em seção anterior e resumizamos no Quadro 2.

É, então, a partir de critérios primários que envolvem hipermídia, multimodalidade e letramento digitais e ubiquidade do leitor que a prática de construção de sentidos volta-se para as especificidades textuais. No caso deste estudo, tais especificidades são exploradas em materiais de leitura determinados, que selecionamos como *corpora*: trata-se de um videoclipe de abertura de série dramática veiculada em plataforma de *streaming* e postagem da rede social Instagram veiculada com a *hashtag* “pretoebranco”.

Embora as competências discursivas que promovem a atribuição de sentidos ao texto intersemiótico digital não possam ser observadas ou entendidas em âmbitos segmentados, a análise descritiva e interpretativa que apresentamos a seguir demonstra-se suficientemente proveitosa ao passo em que permite a apreensão da

globalidade multimodal atuante na emergência dos próprios gêneros. Isso significa dizer, apenas para citar um exemplo, que um princípio como o da vigília constante não age somente no momento prévio ao contato com um texto na rede, mas durante a própria leitura que, a qualquer momento, pode ser posta em suspensão devido a uma maior atratividade de outro recurso, com um anúncio publicitário, uma *pop up*, uma notificação de mensagem instantânea, enfim, por qualquer nova leitura que substitua, em importância ou conveniência momentânea, a sessão que estava em andamento.

A Figura 8, que apresentamos na seção anterior, deixa clara nossa intenção de, a partir de critérios como campo de atividade humana e esfera de comunicação, cena englobante, cena genérica e cenografia, resgatar conteúdo, estilo e construção composicional do texto em sua projeção de sentidos. A serviço dessa dinâmica estão os tópicos semantizadores aplicados, veículos, então, do resgate de sentidos.

5.1. OS TÓPICOS SEMANTIZADORES APLICADOS À LEITURA DISCURSIVA DO TEXTO VIDEOCLÍPE

[Ou a prática leitora da multimodalidade discursiva em videoclipe de abertura de série da Netflix]

A análise que propomos neste estudo parte da vinculação do gênero e do texto que o representa a determinada esfera de atividade e de comunicação humana (BAKHTIN, 2011b). Nesse âmbito, preliminarmente, é cabível considerarmos que essa esfera de atividade humana é pautada basicamente pelos próprios tópicos semantizadores básicos: tratando-se de textos intersemióticos veiculados em plataforma digital da *web*, demonstram-se válidos os tópicos que já apresentados anteriormente²⁸.

O primeiro texto multimodal veiculado em âmbito digital que chamamos à nossa análise é o videoclipe de abertura da série *Orange is the new black*. O campo de atividade a que esse texto filia-se – inclusive pelas observações já registradas e considerando-se o recorte deste estudo – é o da comunicação digital por meio da rede mundial de conexão de computadores. Sabemos que, nesse panorama, elementos como atratividade, conexão, sociabilidade, participação ativa, atenção contínua, fluxo ininterrupto de continuidade e apreensão de conjunto – além de

²⁸ Para retomada, sugere-se a revisita ao Quadro 2.

tantos outros – são basilares para a ampla arquitetura que permite o surgimento de textos como o próprio videoclipe.

Entretanto, se tais elementos são previstos para o campo da atividade a que se relaciona o videoclipe de abertura da série, outros elementos funcionam como balizas de restrição à materialização de vários outros textos nessa mesma esfera. Dentre as várias restrições possíveis – e que avalizam, em última instância, o próprio surgimento de determinados textos –, vale destacar aquelas de natureza de acesso e de veiculação.

Sobre as /Restrições de acesso/, trata-se, em primeiro lugar, do acesso em si à internet, o que ainda representa a exclusão de grande parcela de leitores brasileiros. De acordo com dados apresentados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br²⁹), 70% da população brasileira utiliza a internet – dados de 2018. Embora esse seja um dado animador, por representar o crescimento contínuo de acesso da população à rede, há que se considerar também que uma parcela significativa dos brasileiros não tem a internet como uso cotidiano, especialmente entre as classes menos privilegiadas economicamente, dentre as quais apenas 48% das pessoas estão oficialmente na *web*, segundo o mesmo Instituto.

Além dessa restrição básica de aproximação da esfera de atividade e comunicação, é importante observarmos que existem /Condicionantes da própria existência e veiculação de textos/ nesse âmbito. Nesse sentido, a necessidade de comunicação específica dentro do campo de interação humana limita a eficácia de muitos textos de gêneros variados: ora, é a partir das /Necessidades comunicativas/ que os gêneros configuram-se como práticas de interação (BAKHTIN, 2011b).

Assim, em ambientes de plataformas virtuais, ocorre a potencialização de textos que representam as diretrizes da ubiquidade dos sujeitos, conforme sugerido por Santaella (2013). São esses gêneros pontuais que, em essência, intersemióticos, têm em si a competência de movimentar a cibercultura e arquitetar o hipertexto. E não se trata apenas de vídeos – obviamente –, mas de qualquer construção textual que se adapte à construção de sentidos em rede.

Além do mais, é a própria comunicação digital em rede o domínio discursivo que oferece um teor geral e abstrato do fazer textual, em que se tem o viés da

²⁹ O Cetic.br está vinculado ao Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), que implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br).

produção do texto como norteador das práticas de interação. É esse cenário o resultado de condições específicas e determinadas de produção, que atuam – além de premissas discursivas – como espécies de guias, de amplas referências para a viabilização dos gêneros e, por consequência, dos textos em si. Dentre essas condições, destacamos a necessidade do momento histórico, a linguagem como representação da pluralidade de contextos e o dialogismo.

Reportando-se diretamente às manifestações ciberculturais, a esfera de atividade humana concretizada por meio da comunicação digital em rede emerge como /Exigência da alta modernidade/, da contemporaneidade, em que temos as /Relações ancoradas na ubiquidade/ e pela presença constante e projetam-se no mundo por meio de uma linguagem bastante específica, a hipermídia. (SANTAELLA, 2013). É também nesse âmbito mais abstrato que se funda a premissa do dialogismo (BAKHTIN, 2011a), percebido aqui como possibilidade de os sujeitos colocarem-se em posição dialética com seus pares da /Troca comunicativa/ e como perspectiva de a materialidade textual mesma surgir como trato e contato com outras manifestações discursivas.

Veja-se, por exemplo, no caso do videoclipe, a necessidade imediata e notória de /Contato/ promovida pela plataforma de *streaming* – na tentativa de oficializar um /Convite/ ao leitor para assistir à série –, o /Entremeado de linguagens e mídias/ necessárias à projeção de sentidos, além da possibilidade clara de /Interação/ e troca entre textos, destes com os coenunciadores e desses sujeitos entre si. Como se pode observar, praticamos claramente uma concepção sócio-histórica para a linguagem e para os gêneros textuais em si.

A seguir, reproduzimos, por meio da Figura 9, uma captura de tela representativa de um quadro do videoclipe em questão, como forma de elucidação .

Figura 9 – Alusão ao videoclipe de abertura da série *Orange Is The New Black*



Fonte: Netflix (2019)

A dinâmica de resgate de sentidos projetados por um texto multimodal só é possível por meio da leitura da globalidade dos signos que o compõem. A partir dessa premissa – embora saibamos das controvérsias que acompanham as discussões acerca de um suposto conceito único de leitura – aceitamos que, além de sentidos, compreendidos, analisados e percebidos, palavras, imagens e sons podem também ser lidos. E essa leitura implica, necessariamente, interação, como discutimos anteriormente. Conforme é perceptível, cada vez mais a ideia de /Multiplicidade/ mostra-se atual e pertinente. Além de estar presente quando nos referimos a fontes, fragmentos, culturas e plataformas, também está relacionada com a pluralidade do universo de signos que dão sua parcela de contribuição à linguagem multimodal.

Assim, a partir dos pressupostos metodológicos que propusemos para esta análise, é conveniente que demos sequência à exploração do videoclipe aqui enfocado abordando sua cena englobante, abordando uma natureza ainda geral do discurso. A série de comédia dramática americana *Orange Is The New Black* é produzida e veiculada pela plataforma Netflix, provedora global de filmes e séries, com mais de 100 milhões de assinantes, presente em cerca de 190 países, atualmente. Dessa maneira, os espectadores da série, leitores de seu videoclipe de abertura (nosso *corpus*), configuram-se como um público específico e selecionado, possivelmente interessados em tal leitura relacionada ao /Entretenimento/. É esse o

tópico semantizador a que aludimos na reconstrução e no resgate do sentido do gênero discursivo, em referência à sua cena englobante.

Em íntima relação com tal cena, estão os aspectos axiológicos legíveis do gênero; temos, aqui, inclusive, um regulamento voltado à prática discursiva com teor prático. O leitor do videoclipe atribui determinados valores sociais ao encontro com a leitura, como descreveria Petit (2008), na busca de retomar o objetivo comunicativo de entreter, de proporcionar /Lazer/, /Divertimento/, ou mesmo uma simples forma de /Passatempo/.

Já a cena genérica dessa produção vincula-se diretamente ao viés do ato comunicativo em si, efetivando, assim, uma situação comunicativa. Trata-se do gênero discursivo (e textual) propriamente dito, da possibilidade efetiva de interação na /Materialização discursiva/, em que determinadas formas apresentam-se como mais adequadas no cumprimento da finalidade comunicativa. Dessa maneira, a viabilização da cena englobante – que torna tangível o próprio fazer discursivo – ocorre com a escolha do videoclipe como gênero textual, lançando-se mão de /Filmagem/ ou, mais especificamente, /Montagem de quadros/, que é o caso da abertura de *Orange Is The New Black*. Como /Elaboração artística/, e /Produção intersemiótica/, é o videoclipe que, nessa situação específica, promove a /Interface de coenunciadores/ e a /Ligação entre discurso e leitor/.

Já as condições específicas de projeção de sentidos nessa cena genérica demonstram-se em pontos bastante específicos como a /Curta duração/, a /Associação temática/ com o apelo da série – no caso, os /Dramas da vida no cárcere/ –, a /Representação do conteúdo/ da trama, o /Momento fixado de exibição/, no início de cada episódio, a /Cumplicidade/ entre os elementos presentes no videoclipe e o conteúdo de todos os episódios, que, aliás, apresentam a mesma abertura em forma /Repetição/, que implica também /Regularidade na forma/ e /Constância de enunciados/.

Esses tópicos todos garantem o surgimento do texto propriamente dito que, por sua vez, adquire determinados valores nesse quadro de inserção e, como essa valoração não se dá simplesmente a partir do lugar social, mas na interação com o discurso por meio do gênero, consideramos plausível que o resgate de seus tópicos aconteça em comunhão com a exploração dos elementos centrais do enunciado: conteúdo (temático), construção composicional e estilo, por sua vez, indissociáveis, segundo Bakhtin (2011). Obviamente, como perceberemos na sequência, serão os

próprios tópicos semantizadores aplicados à leitura da multimodalidade discursiva que gerarão a compreensão dos elementos basilares do enunciado previstos por Bakhtin (2011b).

Assim, na construção da cenografia do discurso multimodal, dá-se o resgate transversal de tópicos semantizadores básicos da cena multimodal digital e também acontece o surgimento dos tópicos semantizadores aplicados à cena multimodal, para elaboração de efetivos sentidos do texto.

Sobre a cenografia – cena do discurso prevista por Maingueneau (2015b) – os engendramentos semióticos (envolvendo texto verbal, sons e imagens estáticas e em movimento) viabilizadores da multimodalidade discursiva são constituintes naturais dos elementos centrais do gênero e não concebemos seu isolamento para análise, embora algumas significações possam ser resgatadas especificamente conforme veremos ainda nesta seção.

Preliminarmente, é necessário que atentemos para a premissa de que, no resgate do sentido global do gênero em análise, alguns aspectos oferecem atrativos bastante pontuais: é o caso da /Sincronia/ entre a cadência³⁰ da música (ou canção) e a apresentação de imagens fotográficas com partes de rostos femininos, em que o /Ritmo/ associa-se intimamente com a troca de quadros. Esses tópicos remetem, invariavelmente à letra da música, que alude, em determinado trecho, ao /Aconselhamento/ “Lembre-se de todos os seus rostos”³¹, que gera, a partir do instauração de um coenunciador e do emprego do pronome “seus”, um /Convite/ ao /Reconhecimento/ do próprio leitor como possível integrante dos quadros apresentados. Como resultado dessa dinâmica, a /Alteridade/ também pode ser considerada semantizadora do gênero, tanto em relação às trocas de imagens de supostas personagens da série, quanto em alusão à integração do leitor aos quadros.

Ainda em relação à exposição dos rostos, ou partes deles, vale ressaltar a ideia de /Diversidade/, representada pelas idades, etnias, expressões faciais e acessórios variados, o que entra em confronto com a /Suposta Uniformidade/ sugerida pela pelas roupas (uniformes), gerando um interessante jogo de sentidos. Da mesma maneira, os trajes padronizados que, em tese, gerariam a sensação de

³⁰ Neste estudo não utilizaremos termos específicos da área da música, posto que tais nomenclaturas, em última instância, não interferem na construção dos sentidos.

³¹ Neste estudo, estamos adotando processo de tradução livre, já que a canção, no gênero em análise, é veiculada em língua inglesa.

regularidade e disciplina, refletem apenas um /Simulado Apagamento da Subjetividade/ que, efetivamente, ganha contornos nítidos por meio das marcas individuais que se sobressaem.

São, ainda, essas mesmas marcas de /Individualidade/ que suscitam semantizações como /Histórias de Vida/, /Ponto de Vista/, /Expectativa/, /Esperança/, em dicotomia com /Frieza/, /Sofrimento/, /Preocupação/, /Tristeza/. Se, por um lado, evidenciamos esses pontos na materialidade, a partir da harmonização dos planos de sentido envolvidos na composição do videoclipe, por outro lado, é indispensável percebermos, nesse mesmo fluxo, que é somente a partir de um valor ideológico que se pode identificar, por exemplo, a /Esperança/ como nó de sentido; é algo que se aproxima de uma construção colaborativa e coletiva a noção de que o /Encarceramento/ representa, simbólica e moralmente, a crença do recomeço e a fé nas melhorias pessoais e sociais.

Quanto a esse último tópico que enfatizamos, percebemos sua associação direta a partir de todas as semioses envolvidas na concretização do gênero: imagens de celas, som de grades se fechando e alusão verbal direta a presos e gaiola. No entanto, o sentido a ser resgatado não se encontra em tais semioses, individualmente: a imagem, o som ou a palavra, por si, não reconstroem a noção dinâmica projetada por sua associação. É a justaposição de linguagens e semioses que possibilita o potencial de reflexão acerca desse mesmo processo de interação. (THE NEW LONDON GROUP, 2000).

É importante, neste ponto, que insistamos na ideia da multissemiose, tão enfatizada por Rojo (2012). Valendo-nos do tópico semantizador /Esperança/, há pouco indiciado, percebemos que sua emergência a partir da concretude genérica acontece não somente por alusões diretas de planos variados – como a letra da canção, em especial o trecho “Todo mundo está esperando por você / E você tem tempo”; ou pela ênfase dada ao céu e aos pássaros em movimento para o exterior dos muros, no plano imagético; tampouco devido ao arranjo sugestivamente animado e expansivo da música –, mas pela comunhão de suas significações, quando observadas, sentidas, percebidas, lidas em colaboração mútua.

Assim, valendo-se desse mesmo princípio e em função do engendramento das semioses permeado pela valoração social e ideológica, ainda temos /Controle/, /Limitação/, /Privação de Liberdade/, /(In)Justiça/, /Punição/, /Conflito/, /Adaptação/, /Privilégio/, /Isolamento/, /Distanciamento/, /Escolhas/, /Possibilidades/,

/Oportunidades/ como tópicos semantizadores do videoclipe de abertura da série *Orange Is The New Black*.

A leitura de textos de gêneros multimodais, como um videoclipe, implica a mobilização de sofisticados recursos para o efetivo resgate dos sentidos projetados, conforme estamos demonstrando por meio desta análise e já havíamos afirmado em pesquisa anterior: “[...] nos meios intersemióticos, cada sistema se constrói a partir de seus próprios signos, mas em função simultânea às projeções e valores dos signos de um plano adicional, ao qual o primeiro está vinculado”. (OLDONI; FREITAS, 2015, p. 186). Entretanto, ressaltamos que nossas proposições revelam apenas uma possibilidade de semantização do gênero em questão. Cada leitor, a partir de seu encontro com a leitura, reconstrói, a seu modo e de acordo com seus valores, os possíveis sentidos da materialidade do gênero.

As contribuições de Cope e Kalantzis (2000), Rojo (2012) e, de maneira geral, do Grupo Nova Londres (2000), conforme discutimos anteriormente, oferecem-nos importantes subsídios para considerarmos que, em última instância, é a partir da noção de multiplicidade que os sentidos da multimodalidade discursiva podem ser resgatados. Nesse aspecto é que o multiletramento torna-se processo e pressuposto. A multiculturalidade refletida no videoclipe, em que um tema – como preferiria Bakhtin (2011b) – periférico e marginalizado (a vida no cárcere) torna-se presente e popular aos olhos do leitor, contribui também para o surgimento da /Realidade/ como semantizador do gênero.

Da mesma maneira, as multissemioses – como efetivação de uma forma composicional, premissas de um estilo próprio do gênero e viabilizadoras da discursivização de um conteúdo – em sua natureza geram algumas semantizações. O videoclipe aqui em análise promove e sugere, nesse âmbito, tópicos semantizadores como /Movimento/, /Tendência/, /Reflexão/, /Intencionalidade/, /Atratividade/, /Divulgação/, /Ambientação/ e /Roteirização/, que precisam ser resgatados pelo leitor desse gênero para construção de sentidos mais específicos. É, para citar apenas um exemplo, a partir da /Roteirização/ que os sentidos vinculados à /Diversidade/ podem ser construídos.

Por meio dessa cenografia do texto, parece-nos plausível identificar um /Ethos discursivo engajador/, em que enunciador e texto impulsionam esforços e recursos para garantir a aderência do leitor (coenunciador) ao próprio movimento discursivo, com a intenção de consolidar o encontro entre o espectador e os

episódios da série. Tal ethos remete a um fiador que, de acordo com Maingueneau (2008b), mobiliza uma instância abstrata composta pelo interesse mútuo de enunciador e coenunciador em sua associação para adesão do leitor à série da plataforma de *streaming*. A identidade criada para esse fazer discursivo faz surgir um mundo (mesmo que hipotético) em que o coenunciador vê-se impelido a participar da experiência proposta pela própria série.

Partindo do mapeamento desses tópicos semantizadores aplicados à leitura da multimodalidade discursiva, é possível compreendermos que conteúdo (temático), construção composicional e estilo – elementos basilares do gênero discursivo sugeridos por Bakhtin (2011) – manifestam-se e constroem-se em comunhão, em uma complexa dinâmica que inicia com a filiação de um gênero discursivo a determinada esfera de comunicação, passa pela implementação de certa cena englobante, a qual fomenta o estabelecimento de uma cena genérica específica; no interior dessa cena, desenvolve-se uma cenografia que ocasiona o surgimento de determinado ethos discursivo (MAINGUENEAU, 2008a, 2008b, 2010, 2015b).

Consideramos que conteúdo, construção composicional e estilo expressam-se em comunhão justamente porque não é possível vislumbrar tais elementos sem conexão. Se tomarmos a vida no cárcere como escolha de um conteúdo (temático), perceberemos, no texto, que a veiculação de tal conteúdo somente é possível a partir de uma composição entre elementos intersemióticos, como a associação ritmada de quadros imagéticos, movimento, som e texto verbal, por exemplo; além disso, é notório que a ideia construída de vida no cárcere a partir de uma estruturação determinada é estilo, é escolha do enunciador, a partir de sua individualidade e, principalmente, daquilo que é avalizado pelo próprio gênero, afinal, nem tudo é dizível em videoclipe de abertura de série. E, em última instância, são os tópicos semantizadores aplicados à leitura que tornam tangíveis os princípios que são fundamento do fazer discursivo.

Estamos cientes – repetimos – de que as considerações aqui expostas representam apenas uma dentre as produtivas possibilidades de construção de sentidos da multimodalidade discursiva: resgatar os pontos principais da semantização de gêneros requer a observação atenta e a leitura colaborativa, em uma efetiva dinâmica de troca e interação. Assim, como forma de sistematização, apresentamos o Quadro 4, que aglutina os pontos nevrálgicos do resgate de

sentidos do *corpus* e permite sua apreensão global: trata-se dos tópicos semantizadores aplicados.

Quadro 4 – Tópicos semantizadores aplicados à cena multimodal do videoclipe de abertura da série *Orange Is The New Black*

Etapa	Critério de análise	Tópicos semantizadores aplicados à leitura da cena multimodal
1	<i>Vinculação da ocorrência discursiva ao campo da atividade humana, à esfera de comunicação</i>	<i>/Restrições de acesso/; /Condicionantes da existência e veiculação de textos/; /Necessidades comunicativas/; /Exigência da alta modernidade/; /Relações ancoradas na ubiquidade/; /Troca comunicativa/; /Contato/; /Convite/; /Entremeado de linguagens e mídias/; /Interação/; /Multiplicidade/.</i>
2	<i>Cena englobante</i>	<i>/Entretenimento/; /Lazer/; /Divertimento/; /Passatempo/.</i>
3	<i>Cena genérica</i>	<i>/Materialização discursiva/; /Filmagem/; /Montagem de quadros/; /Elaboração artística/; /Produção intersemiótica/; /Interface de coenunciadores/; /Ligação entre discurso e leitor/; /Curta duração/; /Associação temática/; /Dramas da vida no cárcere/; /Representação de conteúdo/; /Momento fixado de exibição/; /Cumplicidade/; /Repetição/; /Regularidade na forma/; /Constância de enunciados/.</i>
4	<i>Cenografia</i>	<i>/Entretenimento/; /Sincronia/; /Ritmo/; /Aconselhamento/; /Convite/; /Reconhecimento/; /Alteridade/; /Diversidade/; /Suposta Uniformidade/; /Simulado Apagamento da Subjetividade/; /Individualidade/; /Histórias de Vida/; /Ponto de Vista/; /Expectativa/; /Esperança/; /Frieza/; /Sofrimento/; /Preocupação/; /Tristeza/; /Encarceramento/; /Controle/; /Limitação/; /Privação de liberdade/; /In)Justiça/; /Punição/; /Conflito/; /Adaptação/; /Privilégio/; /Isolamento/; /Distanciamento/; /Escolhas/; /Possibilidades/; /Realidade/; /Oportunidades/; /Movimento/; /Tendência/; /Reflexão/; /Intencionalidade/; /Atratividade/; /Divulgação/; /Ambientação/; /Roteirização/; /Ethos engajador/.</i>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A competência discursiva que permite a mobilização de suficientes recursos para resgate dos tópicos recém-citados perpassa, obrigatoriamente, uma nova configuração de leitor, conforme já discutimos amplamente. E esse leitor, intensamente múltiplo, refaz-se a cada momento da leitura, permitindo-se, para além da atenção contínua tão amplamente discutida por Santaella (2013), efetivamente encontrar-se consigo mesmo e com o mundo por meio de suas leituras (PETIT, 2008), já não mais estruturadas de maneira linear e puramente contemplativa, mas consolidadas na rede, de maneiras inusitadas, não programadas, em instantes de onipresença em que, entre funções, sentimentos, tarefas e escolhas, o sujeito ocupa-se do texto e, a partir de associações intensamente variadas, resgata sentidos projetados pela multimodalidade discursiva.

O videoclipe de abertura da série *Orange Is The New Black*, cuja cena de leitura acabamos de reconstruir, é uma representação dos vários gêneros e textos que são veiculados não somente em plataformas de *streaming*, mas em qualquer ambiente da *web* que lance mão de ocorrências discursivas dessa natureza em sua composição. Esses ambientes não se permitem listar ou agrupar, em especial porque o recurso de indexar ou anexar um videoclipe no interior de outros gêneros é amplamente utilizado. Basta pensarmos nas reportagens online que vêm associadas a eles, janelas *pop-up* com anúncios publicitários, notícias que trazem os próprios vídeos em seu interior, enfim, quaisquer construções textuais que encontrarem necessidade e possibilidade valer-se-ão dessa estratégia.

Julgamos importante a apresentação dessa premissa justamente pelo fato de que, embora a leitura do videoclipe explorado nesta seção seja única, o procedimento metodológico torna-se válido para outras sessões de leitura que acompanhem movimentos de mesmo teor. Isso posto, é válido ainda observarmos que aquilo que se entende por compreensão – ou mesmo interpretação – de vídeos em ambientes virtuais, muitas vezes restringe-se à sua concretude, desconsiderando relevantes critérios e aspectos de sua cena enunciativa.

Estamos aludindo aqui ao fato de a exploração do texto em situação de leitura dirigir-se apenas pelo que consideramos a quarta etapa da leitura, a cenografia. Não raramente é esse o foco dado às leituras e análises propostas em ambiente escolar, e também comum é esse o balizamento de leitura do próprio leitor, fora da escola: talvez aí esteja o grande desafio que permitira uma leitura global de textos multissemióticos em ambientes virtuais – perceber que a cena a que ele se vincula

promove indícios de sentido tão relevantes quanto a própria materialidade textual. Somente assim poderemos considerar que a leitura do texto – do videoclipe, no caso – alcança seu mais intenso teor, o da (re)construção subjetiva do leitor por meio do discurso.

É também com apoio nessa premissa que se pode considerar, acompanhando Maingueneau (2008c, 2008d, 2015a), que a prática discursiva acontece no âmbito das intersemioses, pois os sentidos que dão forma à interação e à comunicação humana não se encontram pura e simplesmente na veiculação dos enunciados verbais, mas nos diversos planos de sentido agindo em associação e harmonia: é desse apurado – e delicado – engendro que se resgatam os sentidos da multimodalidade discursiva.

Conforme foi possível perceber por meio do panorama esboçado até então, estamos tratando de uma nova tecnologia da comunicação, não apenas no sentido clássico atribuído a ela, mas uma tecnologia enquanto mobilização de um conjunto de ações, práticas e habilidades com a finalidade específica de manusear novos objetos: os textos multimodais de gêneros ambientados em plataformas também digitais, como o videoclipe de abertura da série *Orange Is The New Black*. E a leitura proposta para a multimodalidade discursiva nessa ambientação estende-se para incontáveis outras textualizações, como é o caso de postagens da rede social, às quais nos dedicamos na próxima seção.

5.2. OS TÓPICOS SEMANTIZADORES APLICADOS À LEITURA DISCURSIVA DO TEXTO POSTAGEM DE REDE SOCIAL

[Ou a prática leitora da multimodalidade discursiva em textos do Instagram]

A escolha por apresentarmos como *corpus* postagem de rede social justifica-se, basicamente, por entendermos que, em grande volume, a comunicação construída participativamente vem-se consolidando nessas plataformas: as redes sociais são expoentes das construções subjetivas virtuais no ciberespaço (SANTAELLA, 2003, 2013). Já nossa opção pelo Instagram deu-se por, além de representar fortemente a linguagem hipermídia, consolidar-se nos últimos anos como a principal rede social *online* de publicação de fotografias e vídeos, ultrapassando um bilhão de usuários. A rede social, além de poder ser acessada por

navegadores da *web*, tornou-se popular, assim como outras redes, pela facilidade de conexão por meio de aplicativo próprio.

No Instagram, que é gratuito, os usuários podem aplicar alguns populares efeitos às suas fotos e vídeos e compartilhar com seus contatos. “Curtir” e “comentar” são ações bastante comuns entre os usuários, além do compartilhamento – ou redistribuição – em outras redes sociais, como o Facebook e o Twitter: as mesmas postagens feitas na rede são replicadas nas demais, conectadas com a mesma conta de usuário.

Aliás, nesse breve momento em que apresentamos a rede social em questão, vale salientar a fácil mobilidade dos usuários entre uma e outra rede. Nesses ambientes virtuais de conexão, o leitor é transportado de uma a outra plataforma com a simplicidade de um clique: a interligação entre aplicativos, redes e recursos é tão intensa que a navegação entre eles acontece no rompimento de limites entre acessos, conforme destaca Santaella (2003, 2007).

Com relação à noção de *hashtags*, no direcionamento de nossa análise, é relevante observarmos sua função e a dinâmica de seu funcionamento. Muitas das postagens das redes mencionadas, em especial as do Instagram, vêm acompanhadas por essas ferramentas, que operam como palavras-chave ou termos associados a informações, assuntos, imagens e vídeos determinados, facilitando sua localização e o acesso a eles. Essas *tags*, ou etiquetas, quando, nas redes, precedidas pelo símbolo cerquilha (#), transformam-se em *hashtags*, criando, assim, determinados agrupamentos ou reuniões de conteúdos por afinidade ou familiaridade semântica. São verdadeiros *links* que conduzem o usuário a outras postagens com a mesma marcação.

Os usuários das redes utilizam essas etiquetas livremente, de acordo com suas avaliações e seus próprios juízos de valor. A busca por maior volume de visualizações e curtidas, ou mesmo por melhor organização de fotos e vídeos é o que leva à utilização das *tags*. Já a busca por *hashtags* específicas acontece por motivos variados, desde interesses particulares até negócios profissionais.

Em um universo em que em média cem milhões de fotos são carregadas na rede Instagram todos os dias (INSTAGRAM EMPRESAS, 2020), as *hashtags* são, efetivamente, bastante úteis na seleção daquilo que se procura e, em última instância, daquilo que se vê e se curte.

Realizado esse balizamento prévio, dedicamo-nos, a partir deste ponto, a descrever e analisar – à luz dos princípios que elencamos nos capítulos 2, 3 e 4 – o que se pode considerar uma sessão de leitura da multimodalidade discursiva de textos intersemióticos do Instagram, pontuando seus tópicos semantizadores básicos e aplicados. A Figura 10, apresentada na sequência, representa a tela de entrada de acesso ao Instagram, por meio de seu aplicativo para *smartphone*.

Figura 10 – Captura da tela de acesso ao Instagram, via aplicativo de *smartphone*



Fonte: Instagram (2020a)

Posto que um de nossos grandes interesses com este estudo é pontuar aquilo que consideramos uma sessão de leitura multimodal em plataformas digitais da internet, parece-nos inviável deixar de considerar um caminho prévio que conduz o leitor até a tela de acesso ao aplicativo Instagram, representada na Figura 10. Importa-nos também a forma como o leitor contemporâneo chega a este estágio da leitura e os recursos que precisa mobilizar para tanto.

Já demonstramos, na seção 4.2.1 deste estudo, no Quadro 2, uma sinopse desses recursos e habilidades do leitor multimodal, do leitor ubíquo, quando analisamos as características do sujeito envolvido com o processo de leitura em ambientes virtuais conectados em rede. Naquele espaço, consideramos que alguns aspectos do ambiente virtual e do próprio leitor constituem tópicos semantizadores básicos, elementos prévios, premissas do leitor no ciberespaço.

Em forma de rememoração, trazemos novamente, a seguir, esses tópicos. São eles: /Busca/; /Filtragem/; /Seleção/; /Autoaprendizagem/; /Autonomia/; /Capacidade intuitiva/; /Emancipação/; /Interação ágil com informações/; /Atenção contínua/; /Vigília constante/; /Acompanhamento do fluxo ininterrupto de continuidade/; /Presença no ciberespaço/; /Apreensão do conjunto/.

Inicialmente, vale pontuarmos que a noção e a habilidade de /Busca/ estão presentes desde o momento em que um sujeito interessa-se pela rede social e decide baixar o aplicativo em seu *smartphone*³². Estamos fazendo referência, sim, ao fato de o usuário precisar acessar a loja de aplicativos do programa operacional de seu telefone (*PlayStore* ou *AppStore*, basicamente) e realizar a procura pelo aplicativo.

Esse primeiro passo para ser um usuário-sujeito-leitor do Instagram já demanda a capacidade de interação com a *web* em si: é necessário conectar o *smartphone* à rede (por conexão *Wi-Fi* ou com o uso de dados oferecido pelas operadoras de telefonia móvel), conhecer o programa operacional do aparelho, entender a construção multimodal de suas interfaces, compreender a forma eficaz de clicar teclas ou tela, saber quais atalhos e ícones darão acesso ao aplicativo que, por sua vez, dará acesso à rede social etc. Perceba-se que somente nesse primeiro estágio já se exige que o usuário disponha de muitas habilidades desenvolvidas para integrar a comunidade virtual. Obviamente, conforme já discutimos, a /Amigabilidade das interfaces/, a /Capacidade intuitiva/ e de /Autoaprendizagem/ tornam o processo exequível, mas isso está longe de significar que as habilidades básicas de acesso sejam desnecessárias, mesmo que, muitas vezes, nem sejam consideradas analiticamente no processo de leitura.

³² Embora, como citado, haja a opção de o usuário acessar o Instagram pelo navegador de seu computador, aludiremos, nesta escrita, ao acesso por meio do aplicativo. Nossa opção justifica-se especialmente pelo fato de ser o processador móvel dos *smartphones* (aparelhos que acolhem os aplicativos) o grande facilitador da construção do leitor contemporâneo, imerso e ubíquo concomitantemente em várias realidades.

Ainda há que se ponderar que a procura, a /Busca/ pelo aplicativo em si, parte do /Interesse do usuário/: existe apenas um grupo de pessoas que manifestam /Atratividade/ pelos exercícios possíveis na rede social. É claro, é um grupo bastante significativo, 1/7 da população mundial (INSTAGRAM, 2020b), mas é um grupo. E ainda, em não raros casos, essa procura a que estamos aludindo não acontece da forma como descrevemos: tendo em conta que muitas postagens são redistribuídas para outras redes, como Facebook e Twitter, o usuário que, de forma indireta, tiver contato com uma postagem originalmente feita no Instagram e se interessar por ela, visualizando, “abrindo-a”, clicando sobre ela, será convidado pelo sistema automatizado a baixar o *app* e direcionado automaticamente à sua loja de aplicativos.

É somente depois de encontrado na rede e baixado no aparelho o Instagram que se terá acesso à tela representada na Figura 10. A partir disso, as habilidades exigidas do potencial leitor são intensificadas. Vejam-se, ainda na tela apresentada anteriormente, duas opções interessantes de entrada na comunidade: ou por meio da conexão com o Facebook (representado pelo ícone desse aplicativo), caso o usuário já esteja cadastrado em tal rede, por meio da opção “Continuar como [...]”, ou criando uma nova conta, em “Não tem uma conta? Cadastre-se.”.

Nessa tela, do sujeito interessado em ingressar é solicitada a habilidade de perceber que todas as caixas, campos e textos apresentados na cor azul representam *links* e caminhos de entrada. Mais uma vez a /Capacidade intuitiva/ e a possibilidade de /Autoaprendizagem/ fazem-se presentes. Chama a atenção, em uma perspectiva analítica, a opção de realizar a entrada utilizando uma já existente conta de outra rede³³, o Facebook, intensificando uma ampla noção de /Conexão/ e /Praticidade/, o que torna a /Interação ágil com informações/ e a /Concisão de informações/ tópicos indispensáveis à construção da relação entre sujeito e plataforma.

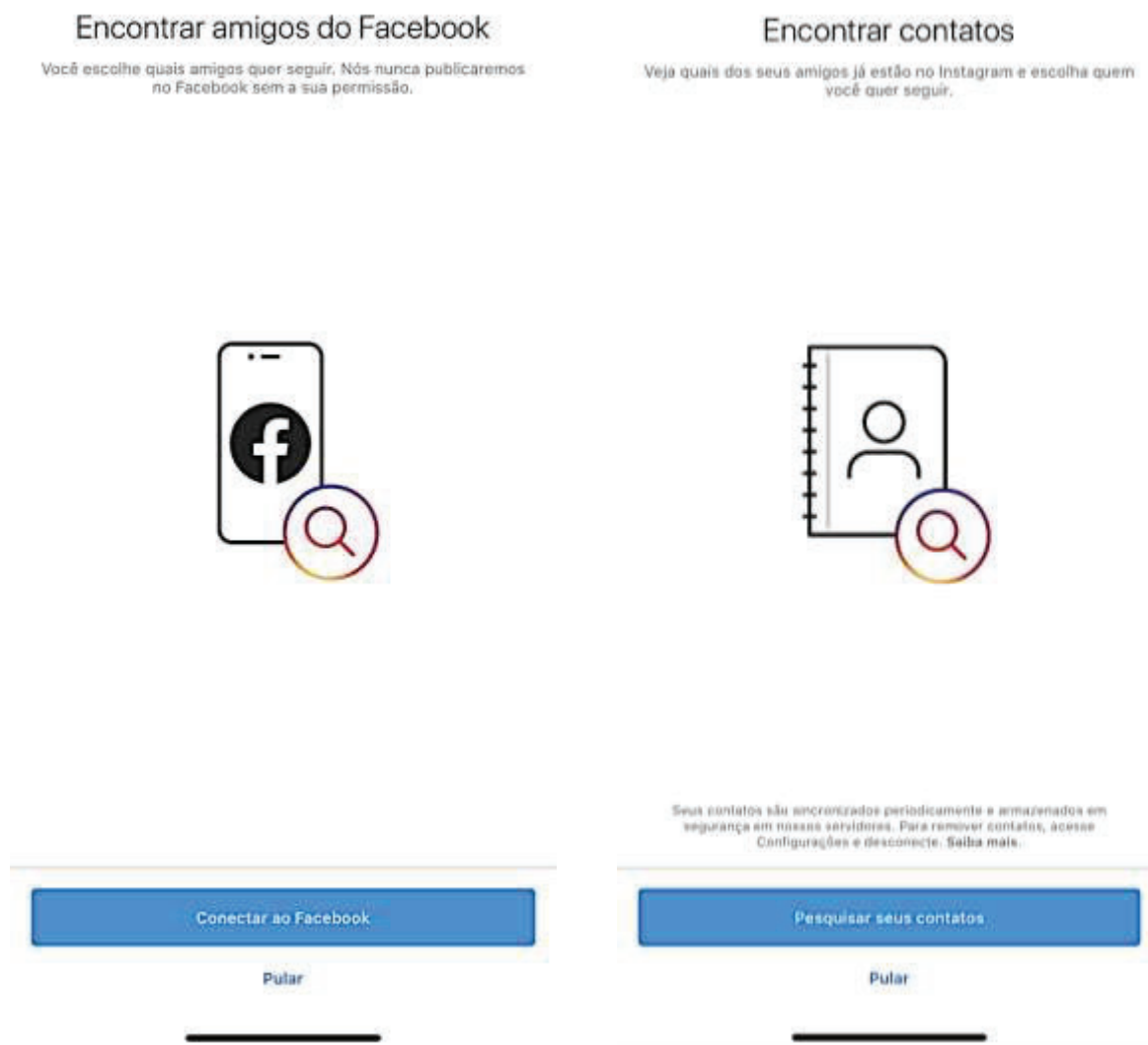
Efetuada a entrada no aplicativo³⁴, inserindo, por exemplo, uma conta de e-mail, é solicitado ao usuário o registro de sua data de nascimento real e um clique

³³ Observe-se que, na Figura 10, a tela de entrada do *app* foi acessada por meio de nosso próprio *smartphone*, por isso surge a opção “Continuar como Cris Oldoni”, nosso usuário particular. Essa representação é intencional, justamente para demonstrar as automações da *web*, que reconhece outros aplicativos baixados, ativos e conectados no mesmo aparelho.

³⁴ Para isso, criamos um usuário fictício, que descadastramos depois de observar passos e possibilidades oferecidas pelo aplicativo.

mais para concluir o cadastro. As telas seguintes a essa confirmação são as que representamos na Figura 11.

Figura 11 – Telas de configuração/sincronização do aplicativo Instagram



Fonte: Instagram (2020a)

Além de registrar as funcionalidades de configuração do aplicativo, a Figura 11 demonstra o grande esforço em conectar o novo usuário aos seus amigos do Facebook e aos contatos salvos na memória do *smartphone*, com a clara intenção de que se crie, a partir disso, a rede de amigos/contatos do usuário. Os textos verbais enfatizam: “Encontrar amigos do Facebook – Você escolhe quais amigos quer seguir. Nós nunca publicamos no Facebook sem a sua permissão” e “Encontrar contatos – Veja quais dos seus amigos já estão no Instagram e escolha quem você quer seguir”. Em azul, novamente, as opções de conectar ou pular a etapa. A

segunda tela da Figura 11 ainda alerta: “Seus contatos são sincronizados periodicamente e armazenados em segurança em nossos servidores. Para remover contatos, acesse Configurações e desconecte”. Mesmo que o usuário opte por não realizar essa sincronização, o aplicativo apresenta, a cada passo, uma janela com mensagem lembrando como é mais agradável e divertido se, na rede, se tiver contatos e amigos sincronizados. Fica evidente o empenho de conectar o sujeito e tornar sua experiência mais significativa, marcando, de maneira definitiva, sua /Presença no ciberespaço/. Entretanto, as ações de /Filtragem/ e /Seleção/ dão ao novo membro da comunidade – e isso funciona a qualquer tempo – o direito de decidir quem seguir e por quem ser seguido, manifestando ampla /Autonomia/ na construção daquilo que poderíamos chamar de uma rede particular de conexões.

A tão cara construção da subjetividade salientada por Petit (2008) acontece, sim, no encontro com o livro, na prática do ato de ler, mas isso não exclui, na alta modernidade, as novas configurações de leitura-encontro, em que, como temos fortemente afirmado, ler significa também encontrar espaço e construir-se na própria *web*. É urgente que se passe a conceber – inclusive e principalmente a escola! – que a leitura veste-se, hoje, de múltiplas formas e, como preconiza Pennac (1993, p. 154), pertence ao leitor “O direito de ler qualquer coisa”. A mesma Michèle Petit (2008, p. 177), inclusive, lembra-nos:

Enquanto nos mantivermos no registro de um panteão a ser visitado, [...] todo mundo bocejará de tédio. Mas quando possibilitarmos encontros singulares com esses mesmos textos – ou com outros –, a batalha estará ganha. A apropriação é um assunto individual: um texto nos apresenta notícias sobre nós mesmos, nos ensina mais sobre nós, nos dá as chaves, as armas para pensarmos sobre nossas vidas, pensarmos nossa relação com o que nos rodeia.

Essa leitura da multimodalidade discursiva em favor da /Conexão/ e da /Integração/ com realidades múltiplas por meio da rede amplia aquilo que se podia, em outras épocas, definir como leitor. Nossa reinterpretação das reflexões de Pennac (1993) e Petit (2008) aponta para possibilidades de uma reconstrução contínua, não somente de suportes e conteúdos de leitura, mas do ato de ler em si e do próprio perfil de leitor. Se, em outras épocas, bastava-se em construção individual, subjetiva e participativa um leitor contemplativo, contemporaneamente, somos, sem dúvida, resultado de todos os leitores de outros tempos, permanentes, onipresentes, vários em nós mesmos, enfim, ubíquos (SANTAELLA, 2013).

Nessa perspectiva, a /Atenção contínua/ e a /Vigília constante/ do leitor também são elementos que merecem atenção: estar conectado a uma rede social implica o acompanhamento permanente das movimentações realizadas pelos contatos e, assim, cumprem importante papel as notificações que podem ser (e geralmente são) ativadas pelos usuários, o que os mantém instantaneamente informados a respeito de cada nova publicação de seu interesse. E podemos considerar que no Instagram elas são de volume bastante considerável: são publicadas, em média, 100 milhões de fotos todos os dias (o total da rede já ultrapassa 50 bilhões), o que leva 500 milhões de pessoas a conectarem-se com periodicidade diária e manterem-se conectadas por aproximadamente 55 minutos, de acordo com o próprio Instagram Empresas (2020). É inegável que a /Atenção contínua/ está voltada – também – a essa rede social.

Essa grande adesão e esse íntimo vínculo entre sujeito e comunidade virtual garantem as 4,5 bilhões de curtidas em fotos e vídeos todos os dias (INSTAGRAM EMPRESAS, 2020), em uma /Interação ágil com as informações/: essas curtidas, comentários, mensagens diretas e visualização de *stories*³⁵ demonstram que o leitor, no Instagram, dá de si importante parcela de colaboração para o /Acompanhamento do fluxo ininterrupto de continuidade/ promovido pela *web*.

Tal cenário leva-nos a compreender que no ambiente das redes sociais

[...] conversamos e discutimos, engajamo-nos em intercursos intelectuais, realizamos ações comerciais, trocamos conhecimento, compartilhamos emoções, fazemos planos, trazemos ideias, focamos, brigamos, apaixonamo-nos, encontramos amigos e os perdemos, jogamos jogos simples e metajogos, flertamos, criamos arte e desfilamos um monte de conversa fiada. Fazemos tudo o que fazem as pessoas quando se encontram, mas com palavras e na tela do computador, deixando nosso corpo para trás. Milhões de nós já construímos comunidades nas quais nossas identidades se misturam e interagem eletronicamente, independentemente do tempo e do local. (SANTAELLA, 2007, p. 414).

E, para melhor sistematização desse panorama, podemos vincular as ocorrências discursivas realizadas na /Megacomunidade/ Instagram à esfera da /Comunicação digital em rede/: esse é o ponto de partida de nossa análise pontual. Nesse ramo da atividade humana é que encontramos /Diretrizes mais amplas do

³⁵ *Stories* (“histórias”, em português) são postagens de fotos e vídeos que não compõem permanentemente o perfil do usuário do Instagram. Essas postagens ficam disponíveis por tempo determinado para visualização dos seguidores (contatos, amigos). Ainda de acordo com o Instagram Empresas (2020), são 400 milhões de postagens diárias nessa modalidade.

fazer discursivo/, que dão o viés da produção dos textos multimodais veiculados na plataforma, e isso representa fortemente algumas das /Necessidades comunicativas e interacionais da alta modernidade/. Por sua vez, a /Adesão à linguagem hipermídia/, consolidando marcante mestiçagem de semioses, abrange ampla pluralidade de contextos, em especial por retratar, nos textos multimodais do próprio *app* uma grande /Variedade/ de sentimentos, emoções, vivências e culturas a que se ligam os sujeitos.

Nessa esfera, clara também é a associação que se pode propor entre textos e sujeitos, no que tange ao dialogismo (BAKHTIN, 2011a), não somente em um sentido mais abrangente de tornar público, mobilizando o ato de dizer, por meio de postagens, e interagir com o outro, com a plataforma e com o mundo, mas propondo um diálogo, uma /Conexão entre os textos/ de forma sutil, mas concreta: trata-se das postagens em si. Mais uma vez, assim como na análise anteriormente proposta (relacionada a um videoclipe), torna-se evidente que, em tal esfera, a comunicação dá força e estimulada as Intersemioses e as /Relações ubíquas dos sujeitos/, o que, efetivamente, constrói e movimenta o Instagram.

Nessa ampla esfera de atividade e comunicação digital em rede, várias são as cenas englobantes (MAINGUENEAU, 2008a, 2010, 2015) que podem estimular a concretização de discursos. Estamos tratando, nesse caso específico, de delineamentos e traços gerais voltados à /Rede Social Instagram/, que implica a /Conexão virtual entre sujeitos/. Já a principal cena genérica (MAINGUENEAU, 2008a, 2010, 2015) que se estabelece em tal processo de interação e movimentação discursiva é a / Postagem em rede social/, que, basicamente, exige /Identificação do usuário/ e /Publicação de imagem/, representada, na maioria dos casos, por /Fotografias/ e /Vídeos/. Toda postagem permite que outros usuários manifestem sua /Apreciação/, por meio de curtidas, comentários e mensagens diretas a quem realizou a publicação. O aplicativo possui um //layout fixo/, o que faz com que todas as publicações apresentem a mesma configuração na tela, envolvendo: a) foto de perfil do usuário; b) local, quando inserido; c) fotografia ou vídeo em si; d) quatro ícones que permitem as ações de curtir, comentar, enviar por mensagem direta e salvar; e) legenda, quando utilizada; e f) momento da publicação. Em suma, essa é a concretude que compõe a cena genérica de nossa materialidade de análise: a postagem do Instagram.

Nessa dinâmica dialógica, um dos principais recursos de que se lança mão para legendar as postagens é a *hashtag*. Movidos por um interesse particular, direcionamos nossa análise a partir do uso de uma etiqueta específica. A *tag* “pretoeb branco” (#pretoeb branco) será base para aplicarmos nosso dispositivo analítico da construção de sentidos da multimodalidade.

Voltamos a fazer referência, neste momento, ao tópico semantizador básico /Busca/. No campo destinado à procura de conteúdo no aplicativo, digitando “pretoeb branco” e selecionado a aba “tags”, o que surge como sugestão do próprio navegador é o que representamos na Figura 12.

Figura 12 – Captura de tela de busca pela *tag* “pretoeb branco”, no Aplicativo Instagram



Fonte: Instagram (2020a)

Selecionando a sugestão com o maior número de postagens (a primeira que surge na listagem de respostas à busca) e optando por ver as publicações mais relevantes, encontramos as postagens na rede social. Observe-se a Figura 13.

Figura 13 – Publicações acompanhadas da tag “pretoebranco”, no Instagram



Fonte: Instagram (2020a)

Dentre as sugestões da rede, optamos, aleatoriamente, por uma postagem específica. A escolha poder-se-ia dar por qualquer postagem que contivesse na legenda a *hashtag* que solicitamos, e os princípios de análise seriam os mesmos,

afinal, o que desejamos aqui é comprovar que a leitura da multimodalidade discursiva em plataformas digitais acontece levando em consideração alguns critérios, que são aplicáveis a quaisquer *corpora* da mesma natureza.

A Figura 14, a seguir, reproduz a postagem selecionada.

Figura 14 – Postagem do Instagram envolvendo a *hashtag* #pretoebranco³⁶



Fonte: Instagram (2020a)

O texto multimodal reproduzido acima se constrói a partir da cena genérica prevista para o Instagram e, a partir de sua enunciação por um usuário, projeta

³⁶ Na captura da tela, omitimos, propositalmente, o nome do usuário da rede social.

sentidos bastante pontuais, inclusive a partir de sua cenografia. Vale lembrarmos, com base em Maingueneau (2008b, p. 70), que cenografia é “[...] a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado [...]”. Assim, estamos aludindo ao próprio dizer do usuário da rede.

Nessas situações específicas de uso da linguagem, conteúdo, construção composicional e estilo são aspectos característicos que dão forma aos enunciados e permitem a interação (BAKHTIN, 2011b); já a multiplicidade semiótica (LEMKE, 2010) corrobora de maneira decisiva para a materialização textual.

Em íntima relação com esfera de comunicação, cena englobante e cena genérica veiculam-se e colocam-se em movimento discursivo determinados aspectos axiológicos construídos com a leitura. Nessa atribuição de valores do discurso por meio do texto em análise, consideramos plausível que o resgate de seus tópicos semantizadores aplicados aconteça em comunhão com a exploração dos recursos de /Engendramento semiótico/ que promovem a multimodalidade e revelam interessantes elementos referentes ao mote sobre o qual nos dispusemos a refletir.

Assim, iniciamos a reconstrução exploratória da cenografia da postagem a partir do elemento que direcionou sua seleção. A *hashtag* #pretoebranco identifica a fotografia publicada justamente com essa característica: o uso do efeito em preto e branco. É impossível afirmar se esse tratamento da imagem foi realizado em programa específico de modificação de fotos ou simplesmente foi aplicado um filtro disponível no *app* em que foi veiculada. De qualquer forma, sobressai-se a ideia de /Reforço/ e /Ênfase/ a esse aspecto. Esse /Contraste/ entre claro e escuro é resultado de uma /Situação real trabalhada artisticamente/, que conta, nesse caso, com o recurso da /Atemporalidade/, uma vez que o coenunciador não tem condições de atribuir à imagem determinada datação, principalmente devido ao efeito aplicado. Certamente, isso não se confunde com as dinâmicas enunciativas, posto que esse dizer, como todos, possui seu momento de enunciação.

Além disso, deve ser levado em consideração, no caso dessa imagem em preto e branco, que

Esse antagonismo não se manifesta nas fotos coloridas, que se configuram como um mosaico de materiais diversos. É certo que podemos atribuir alguns significados às cores, mas estes são bastante fluidos – e provêm sempre das propriedades concretas dos entes coloridos que lhes servem de suporte (céu, sol, sangue, planta, terra, água). Tais sentidos difusos não

possuem, nem remotamente, a densidade que caracteriza os conceitos de claro e escuro. (PULS, 2016. s. p.).

É justamente devido à /Densidade/ dos conceitos de claro e escuro salientada pelo cientista social Mauricio Puls que a fotografia que compõe a postagem manifesta importante noção de /Dramaticidade/, conduzindo o leitor da postagem por reflexões ainda mais aprofundadas. A /Comoção/ despertada junto ao coenunciador não é gratuita: é resultado, sim, das integrações propostas e projetadas no texto, delineando um /Estilo/ bastante peculiar e original, ainda que respeitando as restrições que viabilizam o próprio gênero discursivo. Esse estilo particular é reconhecido pelo próprio enunciador, quando escolhe também etiquetar sua postagem com outra *hashtag*, #UmOlharAnimal, ou seja, o leitor-coenunciador participa de uma visão diferenciada, em que determinada /Verdade sobre o real/ é veiculada.

Ainda em relação a esse estilo, é marcante a escolha do preto e branco em engendramento direto com outro /Dualismo/ de forças opostas, o da luz *versus* escuridão: são /Antagonismos/ absolutamente válidos no resgate de sentidos. Ora, uma vez que “Passam-se os anos e o que fica são as marcas de um tempo vivido, sentido e vencido”, conforme enfatiza o texto verbal, o leitor é levado a acreditar que a personagem da foto venceu o tempo, ou seja, superou obstáculos da vida em uma /Referência ao passado/ que viveu e sentiu. A /Garra/, a /Determinação/ e a /Resiliência/ da mulher retratada permaneceram com o transcórre da vida e essa valoração projetada representa forte /Juízo ético sobre a realidade/.

Essas projeções de sentido não ilustram uma simples escolha sem consequências em relação ao valor projetado pelo signo. Os sentidos do texto multiplicam-se devido à /Associação entre os planos verbal e imagético/, revelando, nesse caso, um /Mundo sensível/ do enunciador, que utiliza sua postagem revelando um /Papel de manifesto/ diante das /Abstrações/ possíveis a partir da própria fotografia em harmonização com a legenda.

Também no plano do texto, outros elementos interessantes da composição da /Materialidade intersemiótica/ são, por exemplo, a /Intensidade transmitida pelo olhar/ da mulher fotografada, as /Marcas do tempo/ em sua face, uma suposta /Idade avançada/ e sua /Postura corporal/. Esses tópicos semantizadores revelam /Serenidade/, Sabedoria/, /Sobriedade/, /Reverência a experiências vividas/, /Resgate histórico/ somente quando lida, sentida, interpretada a imagem em

associação com os enunciados verbais e a partir da moderação da situação comunicativa em si, a interação em uma rede social.

Assim, avalizado por uma instância mais abstrata que reúne experiências e exemplos de vida associados às experiências dos coenunciadores – o fiador –, emana da textualidade um ethos discursivo que revela uma situação do real, pondera sobre vivências e as qualifica, aprecia o belo do ser humano: trata-se de um /Ethos mensurador/.

A cenografia e o ethos do discurso (MAINGUENEAU, 2008a, 2010, 2015) em pauta surgem graças ao tema recortado da realidade para que se tornasse possível discursivizar. Se uma história de vida é retratada na postagem como conteúdo, seu aspecto temático volta-se à expectativa de se poder superar obstáculos e avaliar a caminhada como de êxito, em um sentido muito próximo do que chamamos “vencer na vida”. E, seguindo o que preconiza Bakhtin (2011b), esse conteúdo (temático) somente se transforma em discurso a partir do estilo balizado pela esfera de comunicação e pela composição do texto, construída a partir de refinados recursos intersemióticos em plataforma virtual de conexão de pessoas.

Fica evidente, a respeito desses recursos intersemióticos e integração de planos de sentido, que “[...] todos estes são vistos como sistemas independentes de criação de significado, e são, no entanto, coordenados de modo a produzir uma mensagem de texto única [...] integrada e diferenciada”. (KRESS, 2000, p. 183, tradução nossa).

Assim como enfatizamos na análise do *corpus* anterior - um videoclipe de abertura de série de plataforma de *streaming* –, voltamos neste momento a pontuar que o panorama de leitura multimodal esboçado reflete uma dentre várias possibilidades de resgate de sentidos. Entretanto, podemos considerar que as experiências que temos proposto para leitura da multimodalidade discursiva em plataformas virtuais rendem bons resultados, em especial porque garantem uma abordagem mais global da materialidade discursiva.

Sinopticamente, a leitura e a análise descritiva da publicação em rede social que propusemos possuem a esquematização sumarizada no Quadro 5.

Quadro 5 – Tópicos semantizadores aplicados à cena multimodal de postagem da rede social Instagram

Etapa	Critério de análise	Tópicos semantizadores aplicados à leitura da cena multimodal
1	<i>Vinculação da ocorrência discursiva ao campo da atividade humana, à esfera de comunicação</i>	<i>/Megacomunidade/; /Comunicação digital em rede/; /Diretrizes mais amplas do fazer discursivo/; /Necessidades comunicativas e interacionais da alta modernidade/; /Adesão à linguagem hipermídia/; /Mestiçagem de semioses/; /Variedade/; /Conexão entre os textos/; /Intersemioses/; /Relações ubíquas dos sujeitos/.</i>
2	<i>Cena englobante</i>	<i>/Rede Social Instagram/; /Conexão virtual entre sujeitos/.</i>
3	<i>Cena genérica</i>	<i>/Postagem de rede social/; /Identificação do usuário/; /Publicação de imagem/; Fotografias/; /Vídeos/; /Apreciação/; /Layout fixo/.</i>
4	<i>Cenografia</i>	<i>/Engendramento semiótico/; /Reforço/; /Ênfase/; /Contraste/; /Situação real trabalhada artisticamente/; /Atemporalidade/; /Densidade/; /Dramaticidade/; /Comoção/; /Estilo/; /Verdade sobre o real/; /Dualismo/; /Antagonismos/; /Garra/; /Determinação/; /Resiliência/; /Juízo ético sobre a realidade/; /Mundo sensível/; /Associação entre os planos verbal e imagético/; /Papel de manifesto/; /Abstrações/; /Materialidade intersemiótica/; /Intensidade transmitida pelo olhar/; /Marcas do tempo/; /Idade avançada/; /Postura corporal/; /Serenidade/; Sabedoria/; /Sobriedade/; /Reverência a experiências vividas/; /Resgate histórico/; /Ethos mensurador/.</i>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Dessa maneira, percorrendo um trajeto iniciado com a análise da vinculação da ocorrência discursiva a determinado campo da atividade humana e sua esfera de comunicação, foi possível estabelecer uma cena englobante, uma cena genérica, uma cenografia e um ethos discursivo para o texto multimodal postagem da rede

social Instagram. A sessão de leitura proposta envolveu o resgate de sentidos projetados por esse texto a partir de tópicos semantizadores básicos e aplicados, que auxiliaram na compreensão do surgimento dos próprios enunciados, com seu conteúdo (temático), estilo e construção composicional.

O estabelecimento desse panorama é que gera uma efetiva cena de leitura, em que a consciência da participação e do contato com as práticas discursivas permitem a emergência dos tópicos semantizadores, balizamentos da produção de sentidos.

Resta-nos enfatizar que a dinâmica de leitura da multimodalidade discursiva de gêneros virtuais requer a apreensão da globalidade de projeção de sentidos, que não reside apenas na concretude textual intersemiótica, mas na cena que se estabelece para a produção e o encontro com os textos multimodais. A postagem na rede social Instagram compõe, não temos dúvida, um texto de gênero discursivo próprio, estimulado e exigido por uma contemporaneidade absolutamente múltipla em incontáveis aspectos. E se isso carrega o ônus da dificuldade de acompanhar sistematicamente suas evoluções, oferecesse também o bônus de, passo a passo, construirmo-nos como leitores libertos, engajados na busca e na redescoberta do mundo, modificadores da realidade.

O leitor liberto, paradoxalmente, somente parece construir-se em liberdade se conectado, lançando mão de sofisticadas estratégias de acesso, participação e encontro com o discurso no ciberespaço. E, como a formação desse leitor tem sido levantada com a grande bandeira e o inquietante desafio das práticas pedagógicas e escolares de hoje, não há, efetivamente, como desvinculá-la da aceitação e do uso das tecnologias digitais em sala de aula, o que implica, conseqüentemente, a criação de técnicas e métodos que envolvam os próprios *smartphones* em sala de aula, por exemplo, e não campanhas quase reacionárias que simplesmente buscam banir esses recursos do dia a dia dos estudantes-sujeitos, sem considerar – e isso não é exagero! – que essas mesmas tecnologias são importantes geradoras do discurso com o qual os jovens não somente interagem, mas dão importante parcela de contribuição para sua construção, no âmbito da cibercultura.

É justo e válido reconhecer que, independentemente de quais sejam os tópicos semantizadores mapeados pelo leitor em sua interação com o texto multimodal, esses nós de sentido são necessários para que se produzam sentidos e

se efetive o encontro do leitor com o próprio texto, em um horizonte de autoconstrução subjetiva diante do mundo, conforme salienta Petit (2008).

Isso significa também aceitar que os sujeitos leitores põem em movimento um profundo processo que abrange não somente aspectos técnicos e cognitivos, mas principalmente perspectivas da subjetividade, da participação ativa da coletividade, do pertencimento e das dinâmicas de conexão virtual. Dar-se conta da experiência da leitura, em uma perspectiva sócio-histórica de encontro, conexão e interação, significa participar ativamente de processo catártico de autoconstrução, em que o leitor possa ver, na prática discursiva, a si mesmo, o outro, o mundo, pelo prisma da multimodalidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estabelecimento de uma cena de leitura multimodal, sofisticadas associações entre sistemas semióticos de diferentes naturezas favorecem a manifestação de determinados tópicos semantizadores, elementos aglutinadores de sentido, cuja identificação e análise promovem o resgate de sentidos projetados pelos textos de natureza intersemiótica: essa é a questão que norteou de nossa pesquisa.

Traçamos e percorremos caminhos inspirados em grandes estudiosos, que dão base à nossa prática acadêmica. Em relação à concepção de leitura que nos conduz, Petit (2008), Chartier (1994, 2013) e Santaella (2013) contribuíram enormemente para nossas reflexões. Bakhtin (2011a, 2011b), Faraco (2009), Marcuschi (2002) e Schneuwly (2007) deram base, neste estudo, às nossas proposições que se voltaram ao entendimento das múltiplas possibilidades do dizer, por meio dos gêneros discursivos; além disso, ampliamos essa discussão à prática discursiva das intersemioses em plataformas digitais e virtuais e, para isso, chamamos à escrita Rojo (2012), Cope e Kalantzis (2000), Kress (2000), Lemke (2010), Coscarelli (2017), Dionísio (2011, 2014) e Santaella (2013). Por fim, para operacionalização e sistematização de nossas análises, Maingueneau (2008a, 2008b, 2010, 2015b) ofereceu um viés de possibilidade para criação de dispositivo epistemológico de leitura da multimodalidade discursiva em gêneros digitais.

Podemos considerar, então, que o caminho que decidimos percorrer contribuiu firmemente no alcance do objetivo geral de analisar a forma como engendramentos e associações semióticas articulam-se na construção de sentidos, promovendo a leitura multimodal da cena enunciativa de textos de gêneros digitais, em plataformas virtuais. Quanto ao que almejamos, na proposição desta pesquisa, em relação aos objetivos específicos, julgamos que eles figurem como concretizados.

Um balanço daquilo que conseguimos concretizar com esta pesquisa, deixa-nos satisfeitos, uma vez que: a) discutimos noções contemporâneas relacionadas à leitura e ao sujeito leitor, em associação com as culturas construídas a partir de domínios digitais e virtuais; b) vinculamos a noção de tópicos semantizadores ao conceito de cena enunciativa e, dessa associação, construímos possibilidades de resgate dos sentidos projetados por textos multimodais de gêneros digitais

veiculados em rede; c) estruturamos um modelo epistemológico (instrumento metodológico) para análise das associações semióticas estruturantes de gêneros intersemióticos, favorecendo a prática da leitura de textos dessa natureza; d) identificamos os elementos centralizadores de sentido – tópicos semantizadores básicos – em cenas de leitura de plataformas virtuais e os nós de sentido – tópicos semantizadores aplicados – nas intersemioses constituintes da cena de enunciação de textos multimodais; e, por fim, e) demonstramos a relevância dos “tópicos semantizadores” emergentes de sistemas semióticos de naturezas variadas, em atuação harmônica, na projeção e resgate de sentidos durante a leitura.

Vale enfatizar, inclusive, que a tese que procuramos defender é a de que os sentidos projetados em textos multimodais de gêneros digitais veiculados em plataformas virtuais permitem-se construir com a identificação de traços e tramas que permitem a aproximação e o engendramento dos sistemas semióticos variados mobilizados na teia da constituição textual. Desse modo, a identificação e reconstrução exploratória dos tópicos semantizadores – básicos e aplicados – presentes na cena de leitura desses textos multimodais efetivam e garantem o resgate da globalidade dos sentidos projetados.

Se direcionarmos um olhar puramente pragmático a este estudo, seremos levados à percepção de algumas limitações em nossa proposta, como as dificuldades de difusão e divulgação das reflexões desenvolvidas – e talvez essa seja uma limitação de tantos outros trabalhos da mesma natureza – e também restrições mais específicas, como, por exemplo, a testagem do dispositivo metodológico de análise em outros *corpora* da mesma natureza multimodal, o que, certamente, promoveria uma clareza ainda maior a respeito da produtividade do mapeamento dos tópicos semantizadores para resgate de sentidos – embora consideremos suficientes as análises descritivas apresentadas.

No entanto, talvez a principal de nossas limitações seja a dificuldade de encontrar garantias de um valor universal para os sentidos resgatados por meio da reconstrução exploratória da cena de leitura de textos multimodais específicos – como o videoclipe e a postagem de rede social – de plataformas digitais, já que é a leitura, por natureza e em essência, um processo altamente subjetivo. Entretanto, é possível que seja justamente no mapeamento desse espaço aberto entre sujeitos, leitura, intersemioses e ambientes virtuais da *web* que se encontre a principal contribuição que temos a oferecer.

Salientamos, nestas considerações finais, alguns pontos discutidos até então com o interesse de mapear as ideias-chave que levam da experiência da leitura – principalmente no ciberespaço – a uma possível matriz de letramento digital³⁷ com prisma discursivo. O novo leitor, movido pela ânsia da conexão permanente e pelo desejo de presentificação global, vê-se diante de algumas condições para vivenciar a cibercultura, resgatar sentidos projetados e consolidar sua quase que inerente necessidade de pertencimento. Essas exigências levam a três pressupostos.

Em primeiro lugar, ao leitor contemporâneo é imposto um estado de vigilância ininterrupta: ainda que apto a atender para todos os estímulos recebidos dos universos ciber e físico a um só tempo, caso não desenvolva sua capacidade de atenção incessante, corre o risco de perceber a realidade à margem das novas práticas comunicativas.

Desse leitor também se espera a construção da capacidade de interação com o universo intersemiótico no hipertexto: nesse âmbito, não é suficiente conferir significação aos múltiplos signos e suas associações, reconhecendo-os como potenciais veiculadores de mensagens, mas é necessário semantizá-los com o objetivo de conferir-lhes corpóreo sentido justamente nos contextos aos quais sua atenção deve estar invariavelmente voltada; esse é o segundo pressuposto das exigências apresentadas ao leitor da era virtual.

E, como resultado dos pressupostos anteriores, surge a terceira implicação que vislumbramos para o leitor que se renova na atualidade: atento e integrado às práticas discursivas intersemióticas, desse sujeito é demandada a consciência do multicentramento: espera-se dele, além da percepção da multiplicidade de culturas, plataformas, fragmentos, signos, linguagens e fontes, a leitura desses elementos em associação harmônica e em interação consigo mesmo, o que, em última instância, significa dar-se conta da realidade da qual faz parte.

Assim, é absolutamente claro que os sentidos são projetados na trama textual intersemiótica, perpassados por aspectos da situação de cena enunciativa. O resgate desses sentidos acontece nas associações múltiplas operadas pelo leitor quando ocorre seu encontro com o texto, o que, em síntese, representa uma forma de delinear seu espaço, sua interpretação, seu posicionamento e sua construção subjetiva diante da realidade.

³⁷ Embora costumeiramente vinculada ao fazer pedagógico, a noção de letramento (e seus pares, como o letramento digital) é por nós entendida, primeiramente, como prática social de linguagens.

E nos arriscamos a ir além: o leitor de textos multimodais veiculados em rede é multimodal também! Ele é múltiplo em modos de percepção, de contato, no tratamento, nas semantização, na interface com a ampla variedade de competências e conhecimentos produzidos aos quais se somam as vivências de cada novo encontro com a leitura, de cada nova conexão. A leitura, nesse panorama, é encontro consigo mesmo, com o outro e com mundo em um sentido mais ainda profundo, pois viabiliza uma conexão em que o invisível salta aos olhos, o intocável ganha forma e concretude e as relações virtuais moldam os novos semblantes do real em si.

Parece-nos legítimo e plausível reconhecer que as faces contemporâneas da comunicação exigem uma leitura global para a percepção das representações simbólicas de cultura, em que os usos intersemióticos da linguagem permitem que a própria vida e sua multiplicidade sejam semantizadas por meio das redes.

Os desafios trazidos pela comunicação ubíqua para a educação e, especialmente, para as práticas sociais estão apenas começando a ser percebidos ao passo em que se torna concreta a fusão entre ciber e multi, e a leitura firma-se como a prática de uma verdadeira subjetividade compartilhada. É com esse balizamento referencial que, para o leitor, torna-se compulsório ler a multiplicidade, organizar eficazes planos de leitura no hipertexto, mobilizar tecnologias pessoais para perceber, interagir e integrar-se às multi e transmídias, reconhecer os variados fragmentos de realidade postos em conexão, letrar-se novamente. Justamente nesse espaço é que se situam os tópicos semantizadores que apresentamos nesta pesquisa, como estratégias satisfatoriamente produtivas para o resgate de sentidos projetados em rede.

Essas conclusões são também temporárias – e possivelmente sempre serão! –, pois algumas questões relacionadas às reflexões empreendidas continuam à espera de respostas que cabem também ao sujeito que lê, atualiza e concretiza o universo hipertextual, interage no ciberespaço e dá sua parcela de contribuição às manifestações ciberculturais. Esse leitor liberto, com autonomia e possibilidade ampla de avaliação – aprovação ou rejeição – daquilo que constrói com sua prática leitora, avaliza, mais do que em qualquer tempo, que leitura é encontro, leitura é descoberta, leitura é experiência de reconstrução do mundo.

Se, por muito tempo, a leitura foi concebida como mero instrumento de decodificação, as experiências humanas comprovaram que os princípios de

liberdade, criticidade e emancipação também podem ser conquistados por meio do ato de ler. É esse mesmo ato que, na contemporaneidade, amplia profundamente seu sentido. Hoje, a dinâmica da leitura representa – sem receio da hipérbole – um arauto de novo mundo: se, por um lado, a leitura dá acesso às representações simbólicas da realidade no ciberespaço, por outro lado, essa realidade somente se constrói por meio da própria leitura.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. *In*: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-28.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. 327-358.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p. 261-306.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin – dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p. 25-35.
- BENVENISTE, Emile. Semiologia da língua. *In*: BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 2006. p. 48-67.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin – dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p. 87-98.
- CATTO, N. R. A relação entre o letramento multimodal e os multiletramentos na literatura contemporânea: alinhamentos e distanciamentos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 10, n. 02, p. 157-163, 2013.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- CHARTIER, Roger. A escrita na tela: ordem do discurso, ordem dos livros e maneiras de ler. *In*: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia M. K. (Orgs.). **Questões de leitura no hipertexto**. Passo Fundo: Editora UPF, 2013. p. 200-222.
- COPE, B.; KALANTZIS, M. Introduction: the beginnings of an idea. *In*: COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000. p. 03-08.
- COSCARELLI, Carla Viana. A leitura em múltiplas fontes: um processo investigativo. **Ensino e Tecnologia em Revista**, Londrina, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2017. p. 67-79.
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. Apresentação. *In*: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2014. Edição do Kindle.
- DI FANTI, M. G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *In*: **VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz de Fora**, v.7, n.1 e n.2, p.95-111, jan./dez. 2003.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola, 2011. p. 137-152.

DIONÍSIO, A. P. **Multimodalidade e leituras**: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. Recife: Pipa comunicação, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. A filosofia da linguagem. *In*: FARACO, Carlos Alberto. **As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009. p. 99-162.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 161-193.

INSTAGRAM. Aplicativo para *smartphone*. Disponível para download em: <http://www.apple.com.br/ios/app-store/>. Acesso em: 06 jan. 2020.

INSTAGRAM. **Instagram Empresas**, 2020. *Site* da web. Disponível em: <https://business.instagram.com/>. Acesso em: 06 jan. 2020.

KOMESU, Fabiana; GALLI, Fernanda. Práticas de leitura e escrita em contexto digital: autoria e(m) novos mídiuns. **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 2, 2016. p. 165-185. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47889>. Acesso em: 14 jul. 2018.

KRESS, Gunther. Multimodality. *In*: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000. p. 182-202.

LEMKE, Jay. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, jul./dez. 2010, p. 455-479. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/09.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia e incorporação. *In*: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de *ethos*. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b. p. 55-73.

MAINGUENEAU, Dominique. Uma prática intersemiótica. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c. p. 137-158.

MAINGUENEAU, Dominique. Uma semântica global. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008d. p. 75-97.

MAINGUENEAU, Dominique. Situação de enunciação: situação de enunciação e cena de enunciação em análise do discurso. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 199-207.

MAINGUENEAU, Dominique. As unidades tópicas. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015a. p. 65-79.

MAINGUENEAU, Dominique. Gênero de discurso e cena de enunciação. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015b. p. 117-130.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 15-36.

MOURA, Rafael da Silva; OLDONI, Cristiano; FREITAS, Ernani César de. Os princípios de genericidade e as relações intersemióticas na constituição semântica de um texto do gênero publicitário. **Norte@mentos**, Cuiabá, v. 12, n. 29, jul. 2019. p. 214-234. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/download/3576/2509>. Acesso em: 20 dez. 2019.

OLDONI, Cristiano. **Textos e imagens em cena: o sentido nos gêneros multimodais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

OLDONI, Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Textos e imagens em cena: o sentido nos gêneros multimodais. **Todas as Letras** – Revista de Língua e Literatura, Universidade Mackenzie (SP), v. 17, n. 3, p. 182-195, 2015. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7846/5620>. Acesso em: 18 out. 2017.

OLDONI, Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Textos e imagens em cena: gêneros multimodais, letramento e construção do sentido. *In*: Weglarz, B.H.; WISNIEWSKA, J; JABLONKA, E. (Orgs.). **Língua portuguesa: Unidade na diversidade**. Lublin: Universidade Marie Curie-Sklodowska, 2016. p 70-92.

OLDONI, Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Da multiplicidade, do multiletramento à construção do sentido: gêneros multimodais e práticas discursivas. **Práxis** (FEEVALE), v. 2, 2017. p. 16-28. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1251>. Acesso em: 20 jul. 2018.

OLDONI, Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Em preto e branco: saudade e nostalgia nos gêneros multimodais. **Revista Diálogos (RevDia)**, “Edição comemorativa pelo Qualis B2”, v. 6, n. 2, mai.-ago., 2018. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/6604/pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PULS, Mauricio. Cor ou preto e branco? Razões de uma escolha. **Zum – Revista de Fotografia**, 16 mar. 2016. Radar. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/cor-ou-pb/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

RETTENMAIER, Miguel; EBERT, Vagner. Cultura e leitura: Homo zappiens; um leitor ubíquo. **FronteiraZ**, São Paulo, 2017, n. 18. p. 78-97. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/32117/22924>. Acesso em: 08 jul. 2018.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. Gêneros discursivos, multiletramentos e hipermodernidade. *In*: ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 115-146.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Games e ambientes compartilhados. *In*: SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. p. 405-423.

SANTAELLA, Lúcia. O leitor ubíquo. *In*: SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 265-283.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 21-39.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy os Multiliteracies: designing social futures. *In*: COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000. p. 09-37.

UOL Notícias. Aplicativo para *smartphone*. Disponível para *download* em: <https://www.apple.com/br/ios/app-store/>. Acesso em: 17 nov. 2018.

ZUMPANO, Antônio. A angústia da interface. *In*: COSACARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2014. Edição do Kindle. Cap. 6.